

Semana

REVISTA DA



EXTRA

TIO SAM

SOLTOU

UMA LUA

Nº 6 — 8 fev. 58 — Cr\$ 10,00

Vinho, Mulher & Copo

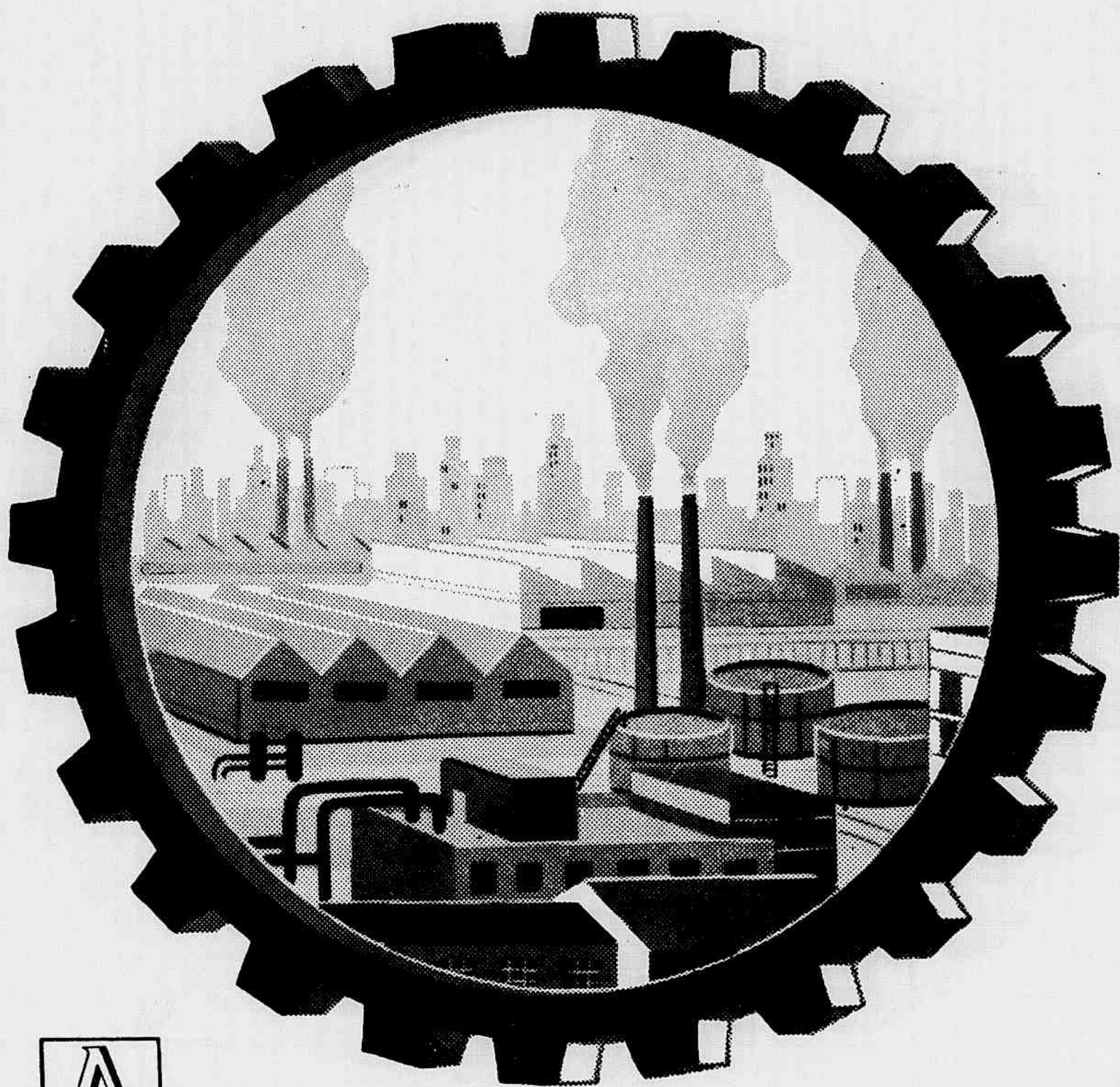
Quem é o pai
da menina
de Eva Bartok ?

O homem
chegará à lua
deitado



NILZA

MEMÓRIAS DE RAFAEL CORRÊA DE OLIVEIRA



A

primorando constantemente os seus padrões de qualidade e incrementando as suas linhas de produção, através de modernos métodos tecnológicos, a indústria brasileira, enfrentando dificuldades, atingiu um extraordinário desenvolvimento, constituindo-se em

grande criadora de riquezas para o Brasil.

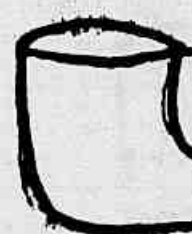
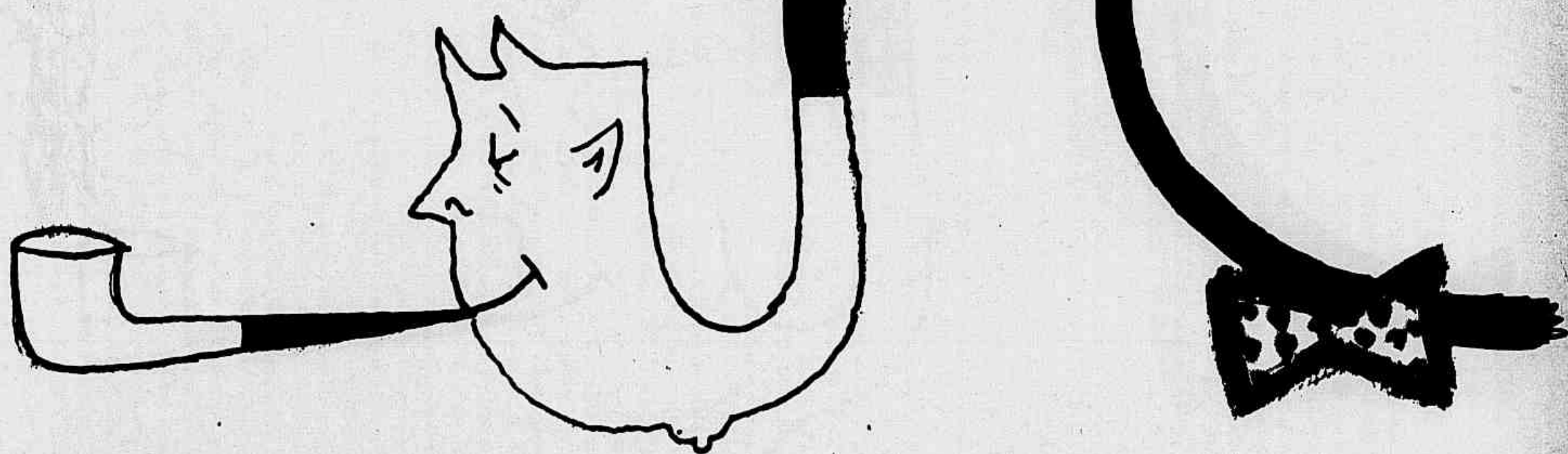
Desde 1901, com a inauguração da usina pioneira Parnaíba, as Companhias Associadas Light vêm contribuindo para o engrandecimento do parque industrial brasileiro.



A SERVIÇO DO PROGRESSO INDUSTRIAL DO BRASIL

TODOS FUMAM

Anúncios que não existem II



RATEANDRAF

MARIUS

REVISTA DA **Semana**

Ano 57, N.º 6, Rio 8-2-1958

Diretor — **ALUIZIO ALVES**

Redator Chefe — **LUIZ LOBO**

Assistentes — **ORLANDO CARAMURO**
QUINTINO CARVALHO
Paginador — **VICTOR TAPAJÓS**

Redatores — **MURILO MELO FILHO**
ADIRSON BARROS
JAYME NEGREIROS

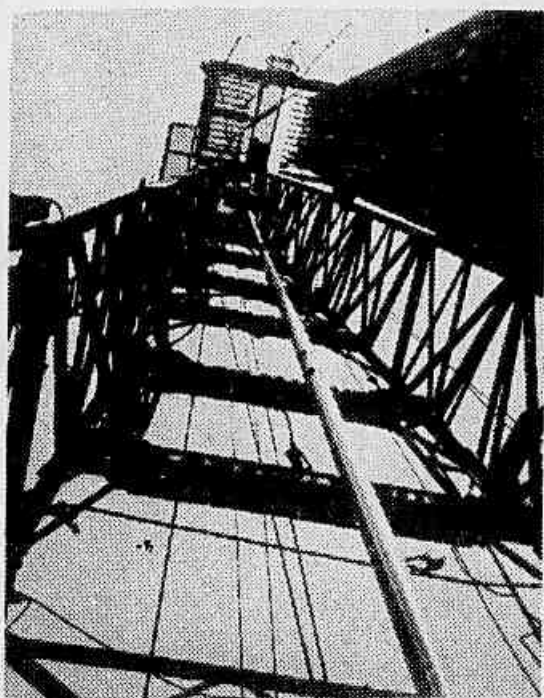
FOTÓGRAFOS — Alberto Ferreira, Arnaldo Vieira, V. M. Vasconcelos, Hélio Polito, Antônio Melo. **ILUSTRADORES** — Alberto Lima, Marius, Jaguar, Ambrozio, Rafael, Raf, Babinki. **ARQUIVISTA** — J. Romeu Viana. **EDITORES: Internacional** — Stefan Baci. **Política** — Murilo Melo Filho. **Feminino** — Nazareth. **Esporte** — Arthur Paraíba. **Cinema** — Ely Azeredo. **Rádio & TV** — Ricardo Ramos. **Literatura** — José Roberto Teixeira Leite. **Artes Plásticas** — Maria Inês Duque Estrada. **Ciência** — Friedrich Hoe. **Psicologia** — Fernanda Barcelos. **Humor** — Luís de Azevedo. **Médico** — Sílvio Lima. **No Espaço** — Cônego O'Grady. **Teatro** — J. Fomm. **Sociedade** — Lady Maxwell. **Economia Doméstica** — Bernardino de Araújo. **CHEFE DE OFICINAS** — Manoel Alves Mesquita. **REVISTA DA SEMANA** — Rua Visconde de Maranguape, 15 — Rio — Endereço Telegráfico: **REVISTA**. Telefones: Direção — 22-4447. Redação — 22-9570. Publicidade — 22-2550. Portaria — 22-5602. Assinatura (anual) — Cr\$ 500,00. Via aérea com acréscimo do porte. Assinatura para o Exterior — Cr\$ 900,00 — Número avulso, Cr\$ 10,00 — Via aérea, com acréscimo do porte.

Assistente de Direção — **FREDERICO CARVALHO**
Assistente de Publicidade — **J.M. COSTA JÚNIOR**

PROPRIEDADE DA COMPANHIA EDITORA AMERICANA
Diretor-Presidente — **GRATULIANO BRITO**

LEIA:

- NACIONAL** 7 — Alagoas vai dar uma transfusão de petróleo ao Brasil
63 — A UDN em busca de um «slogan» realista
- PSICOLOGIA** 10 — Porque certas crianças fazem pipi na cama?
- ESPECIAL** 11 — Quem é o pai da memina de Eva Bartok
- TEATRO** 15 — Críticos votaram errado nos melhores
- ARTE** 16 — O Rio já tem (inaugurado) um Museu de Arte Moderna
- LIVROS** 18 — Quatro edições recentes
- NO ESPAÇO** 19 — Como se sentirá o homem viajando no espaço
- HUMOR** 22 — Um Apólogo Brasileiro sem véu — Antônio Alcântara Machado
46 — Mr. Albernathy
56 — Rafael
- GENTE** 24 — Bevan muda de Partido aos domingos
- ESPIONAGEM** 26 — Negócios de Espionagem
- NOVELA** 43 — O Menino e o Vagabundo — Léo Victor
- JAGUAR** 47 — Vinho, Mulher & Copo
- INTERNACIONAL** 52 — Depois de Perón e Jimenez a vez de Fulgêncio Batista
- MEMÓRIAS** 58 — Memórias do que eu vi e senti
- SOCIAIS** 62 — Lady Maxwell
- OPINIÃO** 66 — O Segrêdo da Prorrogação — Aluízio Alves
- EXTRA** 30 — Madame Archie Moore
32 — Afonso Arinos (vivo) fala sobre os imortais
36 — Desabamento & Enchente
40 — Desfile de Fantasias no Copa



Petróleo, pág. 6



Nilza, pág. 35



Rafael, pág. 55



Eva Bartok, pág. 11



Batista, pág. 52



Archie Moore, pág. 30



Bevan, pág. 24



Alfonso Arinos, pág. 32

ALÉM de fazer a pessoa alegre, um riso feliz tem outros efeitos mais importantes: relaxa a tensão emocional promovendo o equilíbrio do sistema nervoso, facilita a circulação sanguínea e — desopilando o fígado — normaliza as secreções internas.

Os médicos gostariam de receitar a homeostase de meia em meia hora aos seus clientes, mas isso ainda não está a venda. Esta palavra difícil significa "normalização e estabilização de todas as funções do organismo" e significaria — se fosse possível encontrá-la em pílulas — a felicidade do homem (e da mulher, bem entendido).

Nós ainda não conseguimos produzir homeostase em grande escala, mas estamos tentando.

Rindo, o homem provoca a homeostase. A homeostase faz o homem se sentir bem. Sentindo-se bem o homem aceita com agrado o bom-humor que lhe é oferecido.

Esta é a base da propaganda humorística.

Partindo do bem-estar proporcionado por anúncios bem humorados, o homem torna-se um futuro comprador do produto anunciado, aceitando com agrado as sugestões feitas pelo anunciante que o fez rir.

Tôdas as pessoas gostam de ser bem humoradas e gostam de pensar que têm espírito e argúcia para compreender uma história engraçada. Se o anúncio humorístico desperta-lhes o riso, elas (inconscientemente) se sentirão gratas a quem lhes proporcionou tal prazer e a quem lhes deu uma oportunidade de provar seu espírito.

O humor funciona no anúncio de duas formas: pelo texto ou pelo desenho. E os dois podem se unir com a mesma finalidade.

Quando o anúncio é feliz (eufemismo para significar que está bom), o humor que ele contém leva a pessoa a acreditar que o produto anunciado lhe fará o mesmo bem — o que será verdade em muitos casos.

E quando a pessoa percebe todo o humor que o anúncio contém diz: "Sou inteligente". O criador do anúncio será considerado por ela também inteligente. E o produto oferecido por uma pessoa inteligente a outra pessoa inteligente só pode ser bom, o que fará com que ele seja comprado.

Marius, depois de nos convencer de tudo isto, fez o anúncio da página 3, segundo da série de anúncios hipotéticos que começamos a publicar no número passado (RS. fev. 1) com Jaguar.

EVA BARTOK teve uma menina. E toda a Imprensa do mundo se movimentou para saber quem é o pai. Eva disse não digo. Curd Jurguens — de quem se divorciara há um ano — disse que não era ele. Outros suspeitos também disseram não. Hoje, três meses depois, a maioria dos jornalistas aponta o marquês de Milford Haven como o Suspeito N.º Um.

O marquês é um dos melhores amigos do príncipe Phillip da Inglaterra e, além disso, seu parente. Conheceu Eva em 1953, quando o romance dos dois subiu às manchetes dos jornais. Um dia, o romance acabou, porque Eva anunciou seu casamento com Jurguens. Mas, pouco antes, o marquês divorciou-se de mrs. Romaine Simpson.

No intervalo entre o primeiro romance com Eva e o segundo, o marquês foi um dos namorados da princesa Margaret.

Agora, saindo da casa onde Eva descansa, surpreendido pelos fotógrafos e repórteres, o marquês diz que é "um simples amigo" dela e que "nada tem a declarar".

Aos 38 anos, Milford-Haven — por causa disto — ganhou o título de "o homem romântico do ano".

Eva já é personagem famosa como romântica — no cinema e fora dele. E é a sua incrível história que contamos na página 11.

Receba... e sirva também!



SEMPRE IMITADO
NUNCA
IGUALADO



açúcar PEROLA
SACO AZUL - CINTA ENCARNADA

EU SEI TUDO

A VENDA EM TODOS
OS JORNALEIROS CR\$ 10,00

INSTITUTO BRASILEIRO DE MICROBIOLOGIA

**ANTI
INFECTUOSA
I.B.M.**

VACCINA ANTI-PYOGENA POLYVALENTE
SERIE UNICA DUAS DOSES
Aprov. m 731 13-3-1923

CARTAS

PRESLEY

"Já é tempo de se deixar de lado êsse moço pilantra e metido a artista".

Araci de Queiroz, DF

MARGARET

"Será o assunto do ano se Margaret e Townsend vierem passar a lua-de-mel no Rio".

Virginia Soares, DF

MENTIRA

"Não acredito que Margaret e Townsend (REV. SEMANA, n. 1) se casem e muito menos que venham passar a lua-de-mel no Rio. Quem informou isto à revista, mentiu".

Jorge Queiroz, Natal

CABELOS

"Miss Alemanha deveria ser somente Miss Cabelos, porque ela só tem cabelos bonitos. Mais nada. Igual a Marta Rocha, não há. E não sou baiano".

Isequias Monteiro, Recife

MR. ABERNATHY

"Humorismo sadio o de mr. Abernathy. Cada dia fico mais leitor assíduo do velho".

Moacir Soares, DF

ESPIAO

"Acho excitante a série do espião soviético. Tenho a impressão de estar vendo um grande filme de mistério".

Lavinia Martins, Petrópolis

IRENIO

"Velho bom é êste José Irênio, que a revista explorou em boa reportagem. Conheci Irênio há muitos anos, quando era maquinista da Companhia Baiana de Navegação.

I. J., Vitória

HUMOR

"Gostei muito do conto "Conversa de Velho com Criança", de Carlos Drummond de Andrade, tão bom poeta quanto cronista ou contista".

Algacyr Tavares, DF

IGREJA & INFERNO

"... e uma igreja não pode realmente ser quente como o inferno..."

Maria da Conceição, DF

MODA

"... quanto à parte de moda, a revista tem apresentado atraentes modelos e deveria abrir mais suas páginas com a matéria..."

Filomena de Azevedo, São Paulo

CHOCANTE

"A reportagem sobre o enterro de um rei Fali é chocante pelo barbarismo dos costumes empregados. Porque não substituir aquelas páginas por aspectos de paisagens lindas do Brasil?"

Marita de Almeida, Pôrto Alegre

SERENIDADE

"Com a reportagem "A Rússia Inicia a "Operação Brasil" a revista deu mais uma prova de sua serenidade em questões de política internacional. Parabéns".

Victor Martins, DF

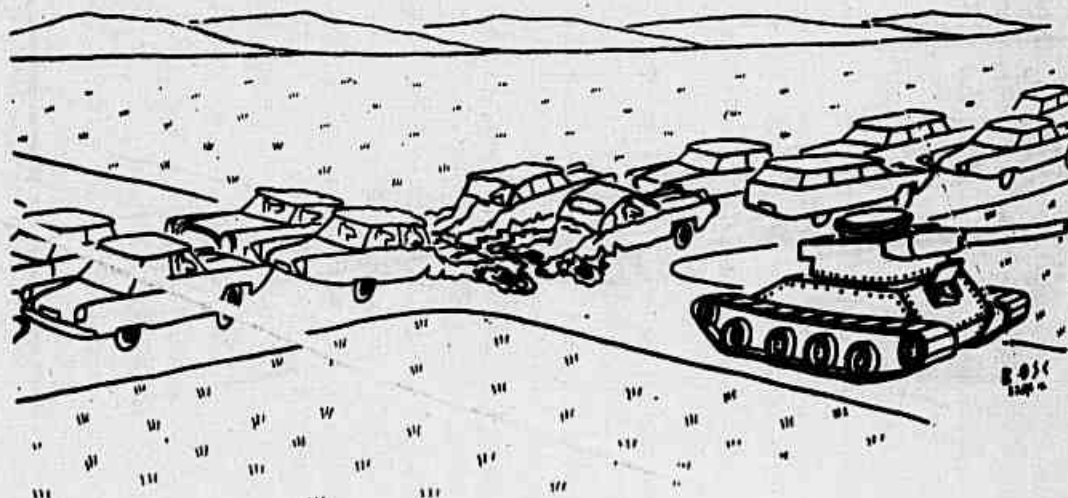
§ Obrigado.

Editor

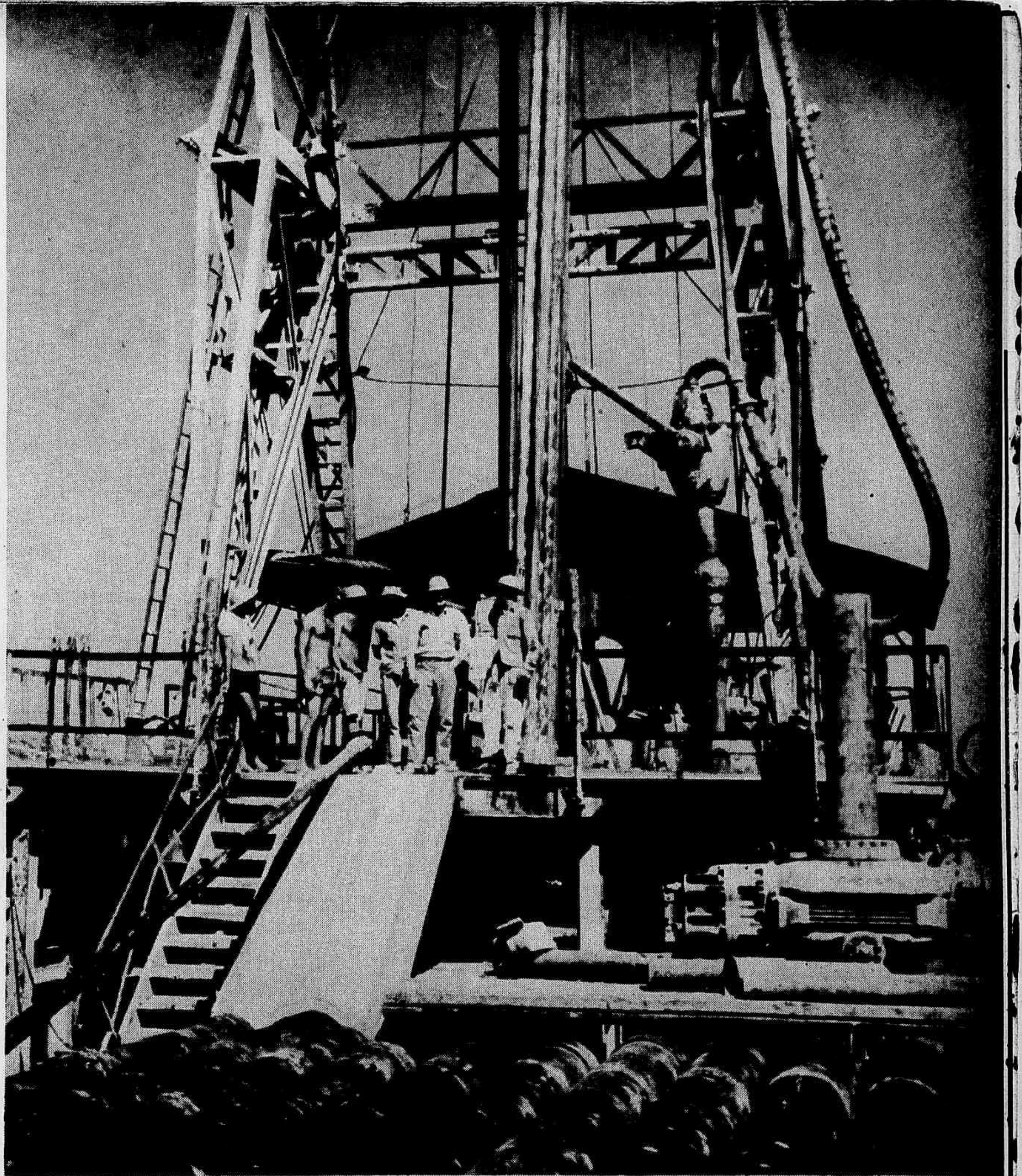
PIADA

"Muito boa a piada sem legenda publicada em baixo das Palavras Cruzadas do número 49".

Isabel Figueira, Belo Horizonte



EXCLUSIVO



ALAGOAS VAI DAR AO BRASIL UMA TRANSFUSÃO DE PETRÓLEO



Nesses tambores está o

Petróleo

Aprendiz de sonda brasileiro: estuda inglês nas horas de folga.

Dizem os técnicos que Alagoas tem mais petróleo do que a Bahia e que se forem abertas mais estradas ligando a capital alagoana aos poços de petróleo em Jequiá da Praia e Taboleiro do Martins, o Estado progredirá dez anos em cinco.

Os poços de petróleo em Alagoas estão em Jequiá da Praia, a 106 km de Maceió, em Taboleiro do Martins, junto à estrada que conduz ao Aeroporto dos Palmares.

A situação dos poços em Alagoas é a seguinte:

Poço n.º 1 de Jequiá, completado como produtor surgente de petróleo; poço n.º 2 de Jequiá, produtor de gás a uma profundidade de 892 a 932 m, prosseguindo sua perfuração em busca de petróleo; poço n.º 1 de Jequiá da Costa (à beira do mar), em perfuração e poço n.º 4 de Jequiá, onde a perfuração será iniciada este mês; poço n.º 1 em Taboleiro do Martins, completado como produtor de petróleo, sendo instalada, no momento, uma bomba para o teste de produção.

A REVISTA DA SEMANA visitou os poços de petróleo em Jequiá da Praia e Taboleiro do Martins e apurou que:

1. Será pelo mar o escoamento do petróleo alagoano, não estando decidido ainda qual será o porto de embarque, mas estudos preliminares estão em andamento.

2. A fase de produção dos dois poços onde o petróleo apareceu dependerá do sucesso das próximas perfurações pioneiras, não só nas próprias áreas já comprovadamente petrolíferas, como em outras ainda na planta dos sondadores.

3. Doze poços pioneiros serão abertos em 1958 nos mais diversos pontos da área sedimentar de Alagoas-Sergipe.

4. As firmas estrangeiras que trabalham para a Petrobrás em Alagoas são: United Geophysical Company S.A., Geophysical Service Inc., Schlumberger e Haney-Williams Drilling Co., que deverão ter seus contratos renovados.

5. É impossível à Petrobrás em Alagoas prever quando poderá trabalhar só com pessoal brasileiro.

6. Considera a Petrobrás bem pago o pessoal brasileiro. Para o pessoal de sondagem, por exemplo, ela paga nos seguintes padrões:

Plataformista A — 5 mil cruzeiros; B — 5.500 cruzeiros; C — 6 mil cruzeiros; Torrista A — 6.500 cruzeiros; B — 7 mil cruzeiros; C — 7.500 cruzeiros; Aprendiz de Sonda A — 8 mil cruzeiros; B — 9 mil cruzeiros; C — 10 mil cruzeiros — Sondador A — 11 mil cruzeiros; B — 12 mil cruzeiros; C — 13 mil cruzeiros; Mestre de Produção — 15 mil cruzeiros.

7. Trezentos homens trabalham em Jequiá da Praia e vinte em Taboleiro do Martins.

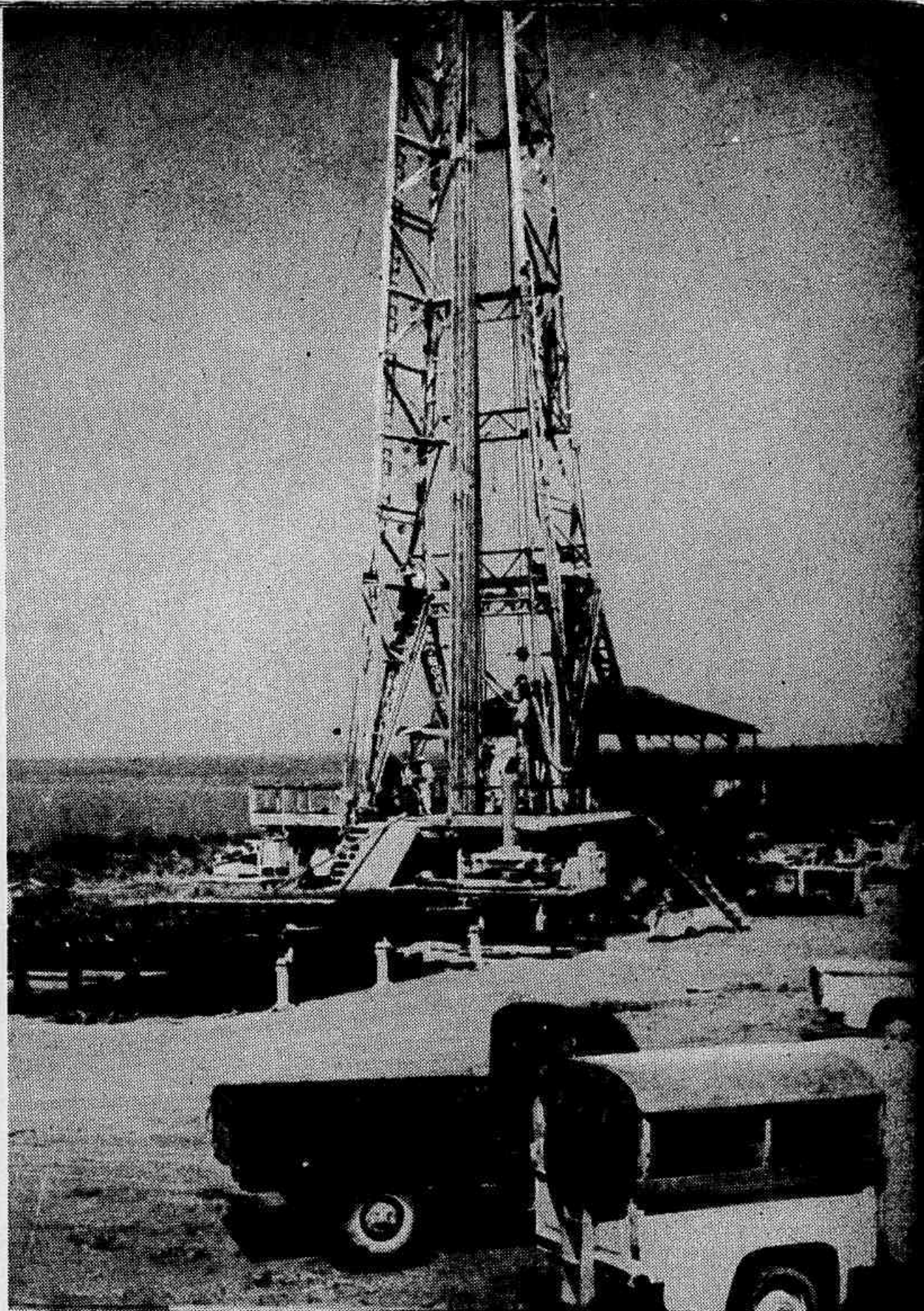
8. A refinação do petróleo alagoano terá de ser feita em Alagoas, num futuro que só dependerá da produção que, quando atingir a casa dos 30 mil barris diários, justificará perfeitamente a iniciativa.

9. A produção do poço n.º 1 de Jequiá, no teste de 38 dias e 8 horas, foi de 1 250 barris.

10. Uma produção de nível comercial dependerá mais da capacidade de produção dos poços do que do número de sondas.



petróleo que surgiu no poço n.º 1 de Jequiá da Praia.



Poço n.º 1 de Jequiá da Costa em perfuração.

em Alagoas trabalha um Diesel sem refinação.

Com as três sondas em Alagoas, poderá chegar-se, ainda em 1958, a uma produção de várias dezenas de milhares de barris por dia, bastando que fossem encontrados poços semelhantes aos do Oriente Médio, capazes de produzir individualmente de cinco a dez mil barris diários.

11. Para os trabalhos de perfuração, a Petrobrás emprega moços de nível igual ou superior ao do curso ginásial, todos intensamente treinados pela Haney-Williams. Tem a Petrobrás um programa especial para a formação do pessoal brasileiro terminado seu contrato com as firmas estrangeiras.

12. Os sondadores estrangeiros ganham 1.000 dólares mensais e têm mais conforto nos alojamentos do que os trabalhadores brasileiros.

13. Muitos trabalhadores brasileiros ao invés de dormirem nos alojamentos procuram as cidades vizinhas ou vão até Maceió.

14. Nota-se no pessoal brasileiro um desejo grande de aprender rapidamente o manejo das sondas e de outros aparelhos de buscar petróleo. Muitos operários aproveitam horas de folga para estudar inglês.

15. A Petrobrás fornece ótima comida nos alojamentos. As repartições dos técnicos (feitas de madeira como as dos trabalhadores) têm geladeira, fogão a gás, chuveiro, camas, mesas, cadeiras e poltronas.

16. Dilermando Lima é o primeiro sondador brasileiro formado pela Petrobrás. Ele acha que os trabalhadores brasilei-

ros têm ótima percepção para a aprendizagem e poderão libertar-se dos técnicos estrangeiros em poucos anos. Dilermando Lima esteve no Amazonas e no Maranhão e agora se encontra em Jequiá da Praia, no poço n.º 2. Era piloto civil, mas deixou a aviação "porque o petróleo é empolgante". Diz que quando houver mais literatura sobre petróleo em traduções para português os brasileiros ganharão muito em aprendizagem.

17. A Petrobrás em Maceió ocupa todo o primeiro andar (vinte salas) do Edifício São Luís, perto da Faculdade de Direito. O engenheiro Lindonor Mota é o Superintendente da Petrobrás em Alagoas e o engenheiro Armando Carvalho o chefe do Setor de Perfuração. Quase cem funcionários ocupam as salas, trabalhando incessantemente nos diversos setores da empresa. O que mais se vê em Maceió: camionetas e carros e jipes da Petrobrás trafegando pelas ruas e estradas.

18. O que dizem muitos técnicos em toda a região de Jequiá da Praia deverão ser abertos 81 poços, numa distância de 400 metros entre cada um.

19. Três bancos foram abertos em Maceió por causa do petróleo, recentemente. Mas nenhum deles ainda está operando com movimento intenso porque a crise política no Estado paralisou comércio, indústria e (naturalmente) repartições públicas.

20. O petróleo do poço n.º 1 de Jequiá é do melhor tipo parafinado. Colocado num motor Diesel, trabalhou imediatamente, sem precisar de refinação

POR QUE CERTAS CRIANÇAS FAZEM PIPI NA CAMA ?

O CONTROLE VOLUNTÁRIO da micção nos seres humanos é resultado da maturação fisiológica e de influências educacionais. Goldfarb diz que em circunstâncias físicas e sociais normais, a maioria das crianças consegue esse controle, diurno e noturno, no final do terceiro ano.

A partir daí o problema se torna uma questão de conduta e é chamado "enurese".

Ao estudar-se a enurese de qualquer criança é preciso levar em conta a causa, a idade em que aparece ou em que ainda persiste, sua organização geral, a personalidade do indivíduo. Qualquer estudo simplista pode levar a erros graves.

É comum encontrarem-se crianças de 9 e 10 anos que ainda fazem xixi na cama. Geralmente são meninos de famílias nervosas, vêm de ambiente onde há problemas afetivos, mas isto não tem indicado que elas sejam anormais ou estejam à beira de uma crise qualquer. Aos 11 anos costuma desaparecer o fenômeno.

Goldfarb nos dá, já catalogadas, as causas mais comuns do problema :

- a) transtornos físicos;
- b) métodos defeituosos de treinamento no desenvolvimento do controle voluntário;
- c) perturbações emocionais e conflitos em nível consciente ou inconsciente.

Nas crianças que apresentam o problema em consequência de métodos defeituosos de treinamento nota-se que não há nenhum sinal neurótico e o "caso" desaparece com simples conselhos como :

- 1) não beber líquidos depois das 17 horas; 2) emprêgo de motivações superficiais (ilustrações, exortações, etc.).

Geralmente, quando há um sintoma neurótico, ele se apresenta associado a hábitos alimentares impróprios (preferências por determinados alimentos, falta de apetite), acessos de cólera, enicofagia (roer unha), sucção do polegar, tristeza, reações de medo, transtornos de linguagem e tiques nervosos.

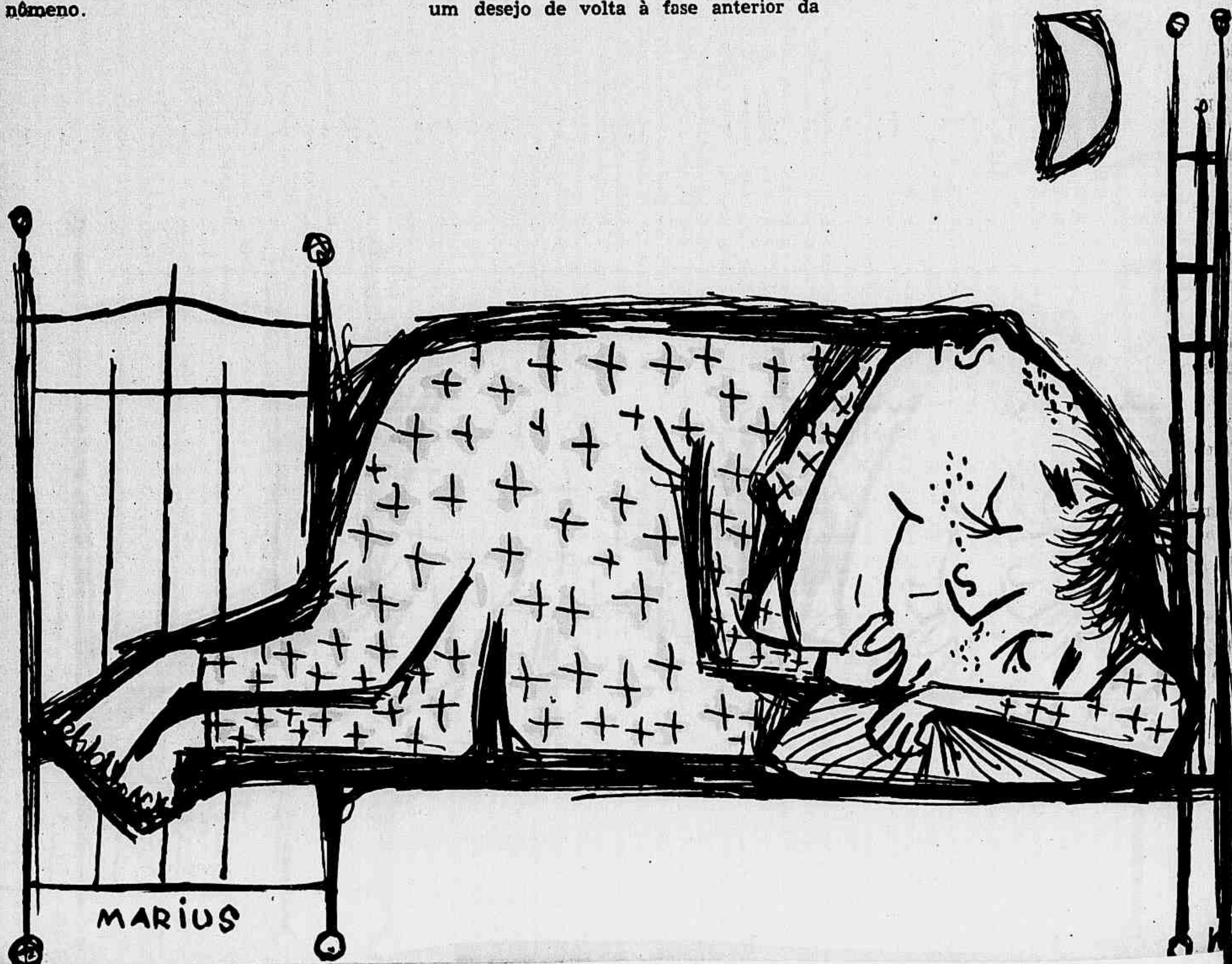
As vezes na enurese pode estar oculto um desejo de volta à fase anterior da

infância. Isto ocorre em meninos acossados por ciúmes de irmãos menores.

O problema do diagnóstico é médico-psicológico. Para poder extirpar os sintomas enuréticos e as perturbações emocionais circundantes é preciso que se faça um tratamento direto, que atinja não só a criança mas também seja capaz de modificar os fatores ambientes geradores do problema.

NOSSO PRÓXIMO NÚMERO

POR QUE
AS PESSOAS
SE FANTAZIAM
NO CARNAVAL?



NUM APARTAMENTO do 5.º andar do mais elegante hotel do principado de Mônaco a atriz Eva Bartok, assediada por jornalistas e recebendo as perguntas mais embaraçosas possíveis, perdeu as estribeiras. Eva estava vestida com calças de toureiro e deitada num divã coberto de sêda verde.

— É verdade que sua filha nasceu pelos métodos de iogue? Ela, enfurecida, respondeu:

— Não tenho necessidade de recorrer a tais práticas.

Ainda de pé, continuou: "O que é que vocês pensam? Que eu tenha dado à luz um "sputnik"? Tive uma filha que se pode considerar o milagre do século, uma menina que todos os médicos davam como morta e agora está vivinha, pesando 7 libras, tem olhos pretos e está passando muito bem. Seu pai? Ora, é um homem que amei de todo coração, mas ninguém saberá seu nome. Só a mim interessa; ninguém tem nada com isso".

Aí os jornalistas pararam de fazer perguntas e Eva sentou-se no divã. Deixou de falar da filha e do pai que ninguém



QUEM É
O PAI
DA MENINA
DE EVA
BARTOK?

ESPECIAL



sabe quem é, e passou a conversar sobre o filme que estava fazendo no mês passado e que tem o título "O Médico de Stalingrado".

NAO GOSTA DE PASSAR MUITO TEMPO COM UM HOMEM

EVA BARTOK é dessas artistas que adoram a publicidade, casamentos breves e divórcios imprevistos. Não gosta de passar muito tempo com um homem; já foi nacionalista, comunista, depois disse que era democrata; passou do teatro revista para a prosa, da prosa ao cinema e do catolicismo ao hinduísmo.

Tem somente 30 anos, mas muito bem vividos. A sua última "crise" aconteceu o ano passado: ela estava em Hollywood, trabalhando num filme, quando sentiu-se mal. Usando um eufemismo, os médicos disseram que ela estava em "estado interessante".

Foram os médicos de um hospital de Los Angeles que descobriram que ela estava grávida há quatro meses. E como os médicos também lêem jornal, sabiam que Eva estava divorciada há 7 meses. Mas eles não se preocuparam com o aspecto social da questão, afinal ela era de Hollywood.

O que preocupava os médicos de Los Angeles era o delicado estado de Eva. Não se sabe a natureza do mal que atacou EB. Mas se sabe que o resultado da consulta foi uma dramática conversa com a atriz. Um cirurgião — considerado o mais ilustre dos professores de Los Angeles — disse: "Minha



Dizem que é o Marquês de Milford Haven, ex-namorado da Princesa Margaret

senhora, devemos operá-la amanhã. É questão de vida ou morte, não só para a criança que a senhora espera, mas para a senhora também. E não posso lhe esconder que será uma intervenção bem delicada, perigosa mesmo, e não podemos garantir a sobrevivência de seu filho".

EVA NAO RESPONDEU logo. Só depois de alguns minutos é que falou: "Não quero ser operada. Vou viajar amanhã, de avião".

Três dias depois ela chegava a Londres, hospedando-se em uma bela casa de Bloone-Springs. Chamou outros médicos; a resposta foi a mesma. E.B. estava à morte. A conversa foi igualzinha à outra: devia operar-se logo, antes que fôsse tarde, e teria de sacrificar o filho para tentar salvar-se. Mas não foi ainda desta vez que Eva Bartok autorizou a operação. Lembrou-se de um velho amigo, John Godolphin Bennet, que a ajudara 6 meses antes a superar uma delicada crise sentimental. Telefonou a Bennet pedindo-lhe que a auxiliasse de novo. Bennet não falou muito, disse apenas o seguinte: "Venha já aqui em casa".

BENNET, O FUNDADOR DA RELIGIAO "SUBUD"

JOHN GODOLPHIN BENNET era, em 1918, oficial do serviço secreto em um país do Oriente-Médio. Foi ferido durante uma batalha (gravemente) e um médico tirou-lhe da cabeça um estilhaço de bala. Passou vários dias no hospital entre a vida e a morte, em estado de coma. Um dia, sem ninguém esperar, voltou a si e — o que é mais extraordinário — maravilhou os médicos e enfermeiras contando-lhes todos os pensamentos mais secretos que tiveram quando ele estava inconsciente. Durante várias semanas Bennet vivera numa espécie de "estado de graça" que o deixara penetrar na alma de quem estava por perto dele. E por todo o resto da vida o oficial tentou reencontrar aquela situação. Nin-

guém sabe se conseguiu. Mas Bennet percorreu todas as cidades da Ásia, visitou todos os mosteiros, estudou todas as religiões. Depois, voltou a Londres, comprou uma grande casa de 40 cômodos (a mesma que no início do século servira para hospedar muitos convidados de Eduardo VII), transformou-a em seminário com o nome de "Instituto de Estudos Comparados de História, Filosofia e Ciência". Ele mesmo assumiu as funções de professor de matemática e filosofia. A religião: SUBUD, que em hindustão quer dizer "Servos da Divindade".

Na realidade a prática do SUBUD consiste nas contorsões do iogue para chegar a todas as percepções dos sentidos. Bennet pregou sua religião a centenas de alunos e disse que a alma do homem deve ser despertada para tornar-se tão forte a ponto de poder corrigir as fraquezas do corpo.

Para ajudar Bennet veio da Ásia, em maio, o iogue Mohamed Pak Subuh, venerado na sua terra como homem superior a um profeta, o mesmo que Divindade feito homem.

BARTOK deixou em julho a "Clínica Espiritual" de Subuh, mas não perdeu o contato com ela. Comprou uma casa a poucos metros de distância da Subuh e foi viver com sua mãe. Se é verdade que em maio estava quase morta, é verdade também que em pleno verão europeu estava em forma. Só alguns médicos souberam de sua doença, que muita gente diz ter sido câncer. Seus amigos pensavam que ela estava no interior e não se preocuparam com sua ausência. A atriz dizia: "A minha vida é assim: um dia me sinto no céu, como uma chuva de estrelas no outro dia tenho a impressão de ser um pedaço de pau queimado e empoeirado".

O MARQUES HAVEN SABE DE TUDO

SE SE DEVE acreditar em mexericos divulgados em Londres pelos jornais, uma só pessoa estaria a par das con-



Eva disse que passaria o Natal em Londres com uma pessoa muito querida. Passou com o marquês.

dições de Eva Bartok: o marquês Milford Haven. Há quem diga que o viu entrar dias seguidos na casa de Bartok, demorando horas. Essas visitas se prolongaram por muito tempo e parece que, nos primeiros dias de outubro, aumentaram consideravelmente. O que é incrível é que alguém tenha visto as entradas e saídas do marquês (neto da rainha Vitória) de cronômetro na mão.

7 DE OUTUBRO É A DATA do grande acontecimento. Sem nenhuma dificuldade, e sem particulares intervenções cirúrgicas, Eva Bartok deu à luz uma criança.

A certidão da igreja "All the Saints", de Grosvenor Square, atesta que o nascimento se verificou e que à menina foi dado o nome de Deana Grazia. Enderêço: Eva Bartok deu o do arquiteto Rosenauer. Mas ele só veio a saber que EB deu o seu enderêço na igreja um mês depois.

No certificado (segundo uns) é Bartok o sobrenome de Deana e (segundo outros) o seu sobrenome é Jurguens. Mas o ator alemão logo desmentiu: "Estou divorciado há um ano. Em 12 meses de casamento vivi com minha mulher pouco mais de 10 dias e, ao que saiba, certas coisas não acontecem por correspondência, a não ser que a ciência tenha mudado muito. Deana não é minha filha, posso garantir. O pai é outro".

MAS OS JORNAIS INGLÊSES não escondem sua dúvida quanto à paternidade da menina e insinuam que o marquês nada tem a ver com o peixe. Milford Haven, por sua vez, não desmente nada e se contenta com o que diz Eva Bartok em Mônaco: que a menina é fruto de um milagre do iogue e que o pai existe, embora anônimo para o público. Só não faz segredo do nome: Deana (escolhido por Pak Subuh) Grazia (escolhido por ela, pois diz lhe agradar esse nome

italiano, nome que ela viu pela primeira vez há 6 meses, quando interpretou "Black and White", de Remigio Pzone).

EVA: COM 3 ANOS JA ESTAVA CASADA

MAS O QUE É MESMO IMPORTANTE é conhecer o pai de Deana Grazia Bartok. A atriz disse certa vez: "A diferença que há entre mim e outras moças é que sou o que quero e elas não. Queria uma filha e a tive. Quis fazer furor com uma história romanceada que fôsse mistura de perigo de morte e milagre de iogue. E consegui. Queria cartaz publicitário para meu último filme. Consegui".

Há tempos, para ter tais êxitos, ela vestia um chapéuzinho que seu marido (o terceiro, para não haver dúvidas) definia como "vaso de flores".

A vida de Eva Bartok é um caso sério: até parece que tudo o que acontece com ela é previamente estudado e programado por um hábil produtor cinematográfico.

ELA NASCEU EM 18 DE JUNHO de 1927, e aos 3 anos de idade (1930) já estava casada: foi prometida pelos seus pais em casamento quando completou 3 anos. Seu pai era o jornalista Imre Szoke, que trabalhava para uma cadeia de jornais húngaros, fazendo dupla com um fotógrafo, Alexander Pall. No dia em que Pall pintou um quadro de Eva, Szoke ficou tão entusiasmado que disse ao companheiro: "Não sei como agradecê-lo. Quando minha filha crescer, será sua mulher".

Pall foi morar nos EE.UU., deixou a fotografia e entrou para o cinema e se tornou produtor. Nem pensou mais em Eva. Recebeu uma carta 15 anos depois, em 1945. Era assinada por Eva Bartok. A moça tirara o seu nome artístico de Bela Bartok, o musicista famoso. Dizia haver crescido bastante, estava bonita, tinha belas pernas e belos seios e sonhava com a carreira cinematográfica.

Pall, surpreso com a lembrança, respondeu a Eva que as possibilidades em Hollywood não eram grandes, mas que se voltasse à Hungria casaria com ela. Mas Pall não sabia o que lhe estava reservado. Meses depois foi obrigado a ir à Hungria para trabalhar e, pensando que a família do velho amigo se encontrasse em dificuldades, escreveu a Eva. Ela marcou o encontro num recanto muito romântico de Budapest, um dos poucos lugares que não foram bombardeados na guerra. Quando Pall chegou, notou que uma moça alta e bela caminhava ao seu encontro. Poderia, pela aparência, ser até sua filha. Pall não se deixou levar pelos pensamentos, que eram bons. Pelo contrário. E Eva acabou contando uma história de fazer pedra chorar.

QUANDO TINHA 7 ANOS — contou — sua mãe, dormindo em uma espreguiçadeira, escorregou e caiu no chão. Seu pai riu, então. Sua mãe, porém, enfurecida, com os risos do marido, avançou contra ele esbofetando-o no rosto. Mais tarde Szoke (não por isto, mas por ser antinazista) fugiu de casa.

A sua mãe, para sustentar a família, alugou cômodos da casa. Um dos pensionistas era um oficial de 32 anos, Enro Naggy, que não soube resistir à beleza de Eva. Ela não ficou indiferente e até gostou dos olhos azuis do oficial, que parecia um ator de cinema.

Em 43, quando os nazistas estavam para deixar o país e os russos entravam na cidade para libertá-la. Enro Naggy teve de seguir seu regimento. Antes de partir beijou a jovem Eva e lhe perguntou se queria casar-se com ele, quando a guerra terminasse. Ela jurou que outro não era o seu sonho e que o esperaria por toda a vida. Era o juramento de um brotinho de 16 anos.

Dias depois, Naggy partiu. Caíram as primeiras bombas e a família Szoke deveria fugir mas não tinha meios. Eva pediu milagre (o primeiro da sua carreira de beneficiária de milagres). E encontrou o capitão Geza Kovnes, ex-oficial, jovem, rico e com automóvel. Pediu para casar-se com ele. Há 3 semanas que ela não via o homem a quem tinha jurado eterno amor. A proposta de Eva foi aceita e assim ela se casou com o capitão rico e se chamou Eva Kovnes.

Mas o capitão não teve tempo de colocar à disposição de sua mulher o carro com motorista, porque a guerra acabou. Ela pensou: era inútil continuar sendo a senhora Kovnes. Melhor pedir divórcio. Anunciava-se a chegada dos americanos, mas os russos é que acabaram ficando. Eva sonhava com o cinema e começou a telefonar aos produtores, a sorrir para os atores mais ilustres, para os altos funcionários do partido comunista, até que conseguiu umas "pontinhas" no cinema.

Alexander Pall continuava ouvindo a história de Eva: as condições do teatro húngaro eram dramáticas sob a administração comunista. Exigiam talento. Queriam coisas impossíveis: que ela "provasse" todos os dias. Não parecia um absurdo? Não bastava ela ficar sozinha no palco com tanta gente em volta? Pall, que ouvia pacientemente a história de Eva (ele chamava-a Evinha), não disse que não. Levou Eva em casa, pensando em rever a senhora Szoke.

O CASAMENTO COM PALL DUROU UMA VIAGEM

QUANDO PALL CHEGOU EM CASA da senhora Szoke, em companhia de Eva, encontrou Enro Naggy, que se tinha livrado do campo-de-concentração e vinha cumprir a sua promessa: casar com EB. Era tarde de mais. Eva já não queria mais unir-se ao húngaro que, além de pobre, estava sem emprego, faminto. E casou-se com Pall mesmo mas o casamento durou, apenas, uma viagem a Londres. Lá ela pediu divórcio e voltou a Budapest, livre.

Foi aí que Ben Lyon, "descobridor de talentos" para uma companhia cinematográfica americana, submeteu Eva a uma prova. Ela foi reprovada (em talento) e aprovada (em plástica). Mas como a companhia, por incrível que pareça, exigia talento e não pernas e busto, Eva teve que bater em outras portas. Algumas estavam abertas, e Eva fez "pontinhas". Estêve na Itália e atuou no teatro de revista como vedeta.

EM OUTUBRO DE 1951, Eva volta a Londres e se casa pela terceira vez, agora com William Wordworth, bisneto do poeta que, com Cobridge, é considerado o fundador do romantismo inglês. Eva ainda não tinha fama. Fazia-se notar pelo exótico penteado e pelas pernas delgadas, pelo busto lolobrigidiano. Para os fotógrafos posava de "excêntrica". Mas nem assim conseguia provocar interesse dos produtores.

OS CRONISTAS E OS REPÓRTERES só se ocuparam de Eva Bartok tempos depois. O marquês Milford Haven, ex-pretendente da princesa Margaret Rose, pedira, seis meses após o casamento, divórcio de sua esposa americana, Romain Simpson, considerado um dos melhores partidos do Reino Unido, o Don Juan daquelas bandas.

Eva fugiu, escandalosamente, com ele para Capri. Com medo de ser notada por alguém ao descer em Ciampino (aeroporto romano), vestiu-se de calças (compridas), óculos de praia, tamancos, chapéu de palha "pão de açúcar". A quem lhe pedia notícias do noivado com o marquês, Eva respondia que tempos antes, isto é, a 18 de setembro de 1952, um jornalista a definira como a "Marlene dos Pobres" e fôra desafiado a um duelo por David Milford Haven. Este gesto cavalheiresco a conquistou, ainda que o desafio acabasse numa taça de champanha num quarto de hotel.

A "ÚLTIMA VALSA" DO MARQUÊS HAVEN

A AVENTURA ITALIANA (em Capri) de Eva Bartok foi "prato do dia" para os jornalistas durante meses. Isto facilitava-lhe o trabalho — tudo o que queria. Burt Lancaster exigiu Bartok para filmar com ele "O Corsário da Ilha Verde", produtores ingleses disputavam-na para "Carnaval Story", italianos para um filme sobre Veneza. Os americanos, como sempre, sem ligar despesas, ofereceram-lhe um contrato de 100 milhões de dólares. Ela recusou porque pensava que era brincadeira dos americanos. Enquanto isso dizia-se em Londres que o noivado oficial com Haven podia acontecer a qualquer momento. E foi organizada uma entrevista coletiva com a imprensa.

NO INÍCIO DE 1955 tudo foi por água abaixo. Eva assinara um contrato para filmar na Alemanha, com Curd Jurguens, e chegou ao aeroporto de Frankfurt acompanhada do marquês Haven. Bastou ao marquês ver como os dois artistas se portavam (Eva e Jurguens) e se olhavam para ver que já não tinha mais vez no amor de Eva. O filme que ela ia rodar tinha o seguinte título: "A Última Valsa". Era, de fato, a última valsa do marquês de Margaret com Eva Bartok.

DEPOIS DE UM MÊS de trabalho Eva e Curd Jurguens se casaram. Curd era divorciado duas vezes (Lulu Barler e Judith Holtzmeister) e seu terceiro romance também não deu certo. Ele trabalhando em Paris, Eva em Londres. Quando Eva estava em Roma, ele estava na Espanha. Quando Eva teve que ir à Hollywood, Curd foi chamado a Beiruth. Não podiam viver juntos. A proposta de Curd para Eva abandonar o cinema ela respondeu não.

"O nosso casamento — disse ela — se reduz aos dias que passamos juntos na Alemanha e naquele tempinho que ficamos em Roma. Muito pouco para se ser feliz".

Em novembro de 1956 entrava na Justiça o seu quarto pedido de divórcio. E ela partiu para Hollywood. O que aconteceu de fins de 56 a maio de 57 é mistério: ou melhor, uma soma de mistérios. Ignora-se qual seja, ao certo, o terrível mal que pôs em perigo a vida de Eva. E também ninguém sabe (ela não diz) quem é o homem que lhe deu Deana Grazia, como não se sabe quem será o seu próximo (5.º) marido.

Quanto ao ponto 2 Eva não se preocupa. Ela é ainda muito bonita, está na idade fatal (30 anos), e seu cartaz, se já era grande há um ano atrás, aumentou muito depois que ela teve a filha e se recusa a revelar o nome do pai. Tudo isto é muito picante, e há no mundo muitos homens (e mulheres) que gostam de coisas picantes.

Afinal, é bom esperar. Ela é artista de cinema, um dia acabará contando tudo.

Os críticos votaram errado nos melhores

NO DIA 27 DO MÊS passado realizou-se na sede da SBAT a tradicional votação da ABCT, revelando os melhores do teatro carioca. Dezoito críticos votaram assim:

MELHOR AUTOR: Ariano Suassuna, com 17 votos.

Outro votado: Antônio Calado — 1.

MELHOR DIRETOR: Geraldo Queiroz, com 8 votos.

Outros votados: Ziembinski — 6, Adolfo Celi — 3, Gianni Rato e Luís de Lima — 1.

MELHOR ATOR: Luís de Lima, com 11 votos.

Outros votados: Ziembinski — 4, Propício — 2, Léo Vilar — 1.

MELHOR ATRIZ: Cleide Iáconis, com 7 votos.

Outras votadas: Maria Sampaio — 6, Cacilda Becker — 5.

MELHOR ATOR COADJUVANTE: Valmor Chagas, com 6 votos.

Outros votados: Antônio Vitor — 4, Freddy Kleeman — 1, Antônio Ganza-rol — 1, Ezequias Marques Jr. — 1, 5 votos em branco.

MELHOR ATRIZ COADJUVANTE: Não houve prêmio por falta de "quorum" (um terço dos votos).

As votadas: Dina Lisboa — 5, Margarida Rey — 4, Glaucê Rocha — 4, Grace Moema — 1, Teresa Raquel — 1.

REVELAÇÃO DE AUTOR: Heloísa Maranhão, com 11 votos.

Outros votados: João Bittencourt — 2, Samuel Rawet — 1, Maria Inês Almeida — 1, 3 votos em branco.

REVELAÇÃO DE DIRETOR: Benedito Corsi, com 15 votos.

Outro votado: Wallace Rodrigues — 1, 3 votos em branco.

REVELAÇÃO DE ATOR: Ezequias Marques Jr., com 8 votos.

Outros votados: Agildo Ribeiro — 5, Mário Barra — 3, Paulo Araújo — 1, 1 voto em branco.

REVELAÇÃO DE ATRIZ: Dália Palma, com 12 votos.

Outras votadas: Isabel Teresa — 2, Marilu Bueno — 1, 3 votos em branco.

MELHOR CENÓGRAFO: Mauro Francini, com 7 votos.

Outros votados: Milor Fernandes — 4, Belá Paes Leme — 1, Pernambuco de Oliveira — 1, João Maria dos Santos — 1, 4 votos em branco.

MELHOR FIGURINISTA: Ded Bourbonnais, com 6 votos.

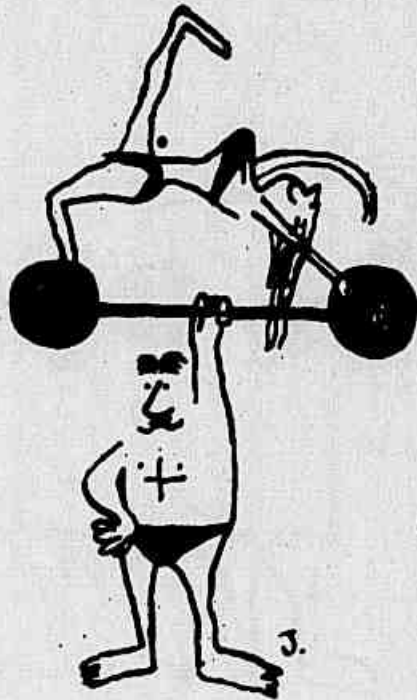
Outros votados: Clara Heteni — 5, Gisela Machado — 4, Kalma Murtinho — 1, Felipe Luís — 1, 1 voto em branco.

REVELAÇÃO DE CENÓGRAFO: Milor Fernandes, com 10 votos.

Outros votados: Clênio Vanderlei — 2, Túlio Costa — 1, 5 votos em branco.

REVELAÇÃO DE FIGURINISTA: Não houve prêmio por falta de "quorum".

Os votados: Ded Bourbonnais — 5, Clara Heteni — 1, Milor Fernandes — 1, Felipe Luís — 1, 10 votos em branco.



MELHOR SERVIÇO PRESTADO AO TEATRO: Pascoal Carlos Magno, com 9 votos.

Outros votos: Fundação Brasileira de Teatro — 5, Sociedade Teatro de Arte — 2, 2 votos em branco.

No campo do teatro musicado, resultou:

MELHOR PRODUTOR: Carlos Machado, com 14 votos.

Outro votado: Geisa Boscoli — 1, 3 votos em branco.

MELHOR ATOR: Não houve prêmio por falta de "quorum".

Os votados: Rui Cavalcanti — 5, Grande Otelo — 4, Hamilton Augusto — 1, Agildo Ribeiro — 1, José Vasconcelos — 1, 6 votos em branco.

MELHOR ATRIZ: Consuelo Leandro, com 6 votos.

Outras votadas: Sônia Correia — 2, Anilza Leôni — 2, Elisete Cardoso — 1, Rose Rondelli — 1, Sônia Mamed — 1, 5 votos em branco.

COMENTARIO:

Apesar de haver a cláusula não permitindo votos de "melhores" (mas somente "revelações") a artistas amadores, houve quem votasse em Luís Felipe, do grupo de Araraquara, para melhor figurinista. Um crítico votou em Túlio Costa, esquecendo-se que este cenógrafo não podia concorrer, visto que seu trabalho para "A Ilha das Cabras" foi exibido em 1958. Ded Bourbonnais, a figurinista de "Natal na Praça", teve um voto de "revelação", certamente por esquecimento de que essa artista já integrou o grupo dos "Théophilien", quando por aqui passou em 1952. Gisela Machado foi votada 4 vezes para melhor figurinista, quando esse prêmio só deveria ser conferido no terreno do teatro declamado. Contudo, apesar dos vários senões, a votação de 1957 foi mais coerente do que nos anos anteriores.

A CRISE NA FRANÇA

A atual crise do teatro francês está atravessando seu período mais agudo. Um jornal parisiense revela que:

— um terço das salas de espetáculos de Paris está às portas da falência;

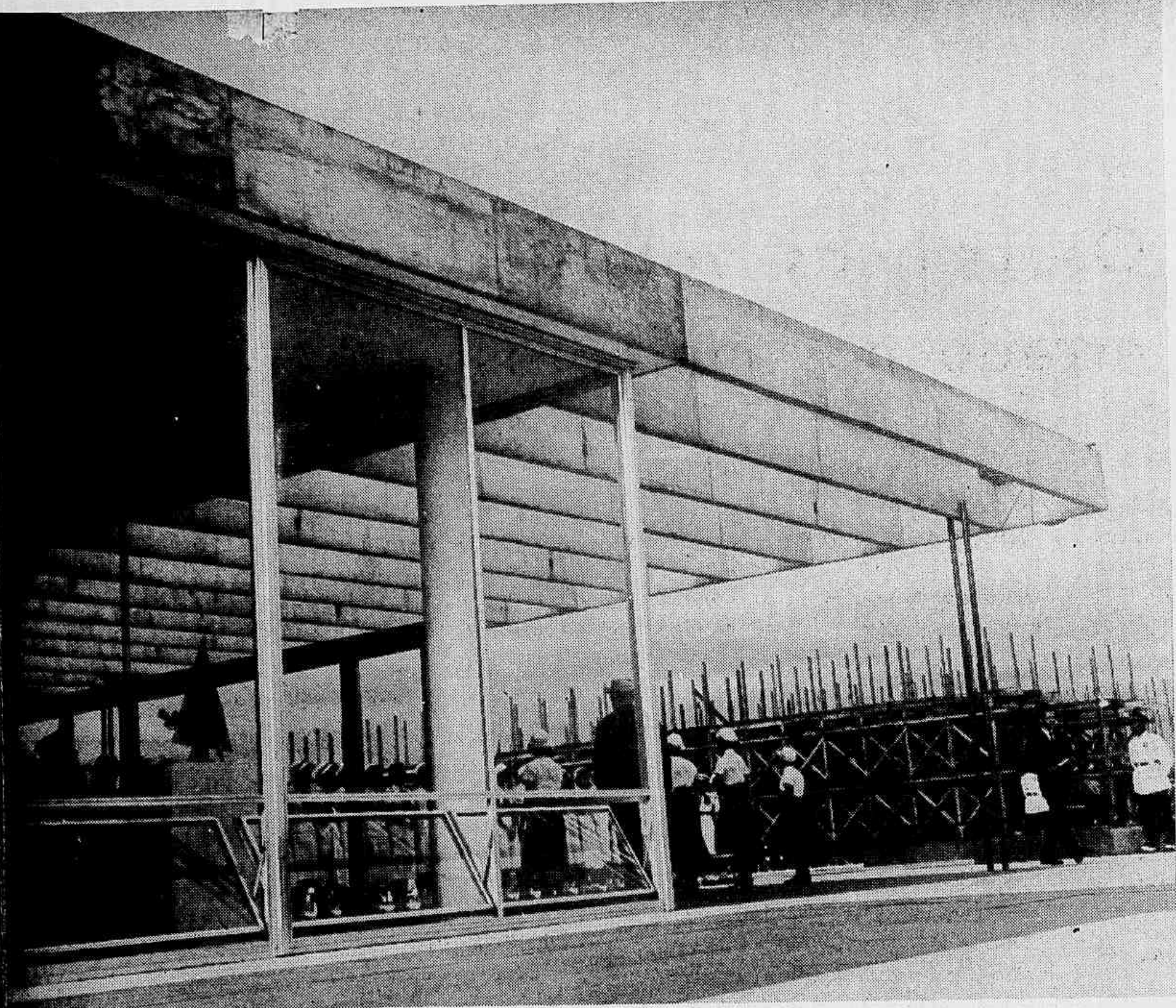
— os produtores de teatro são legalmente ignorados e não podem se aventurar a riscos superiores a um mínimo;

— entre 5 mil comediantes, apenas mil vive da profissão;

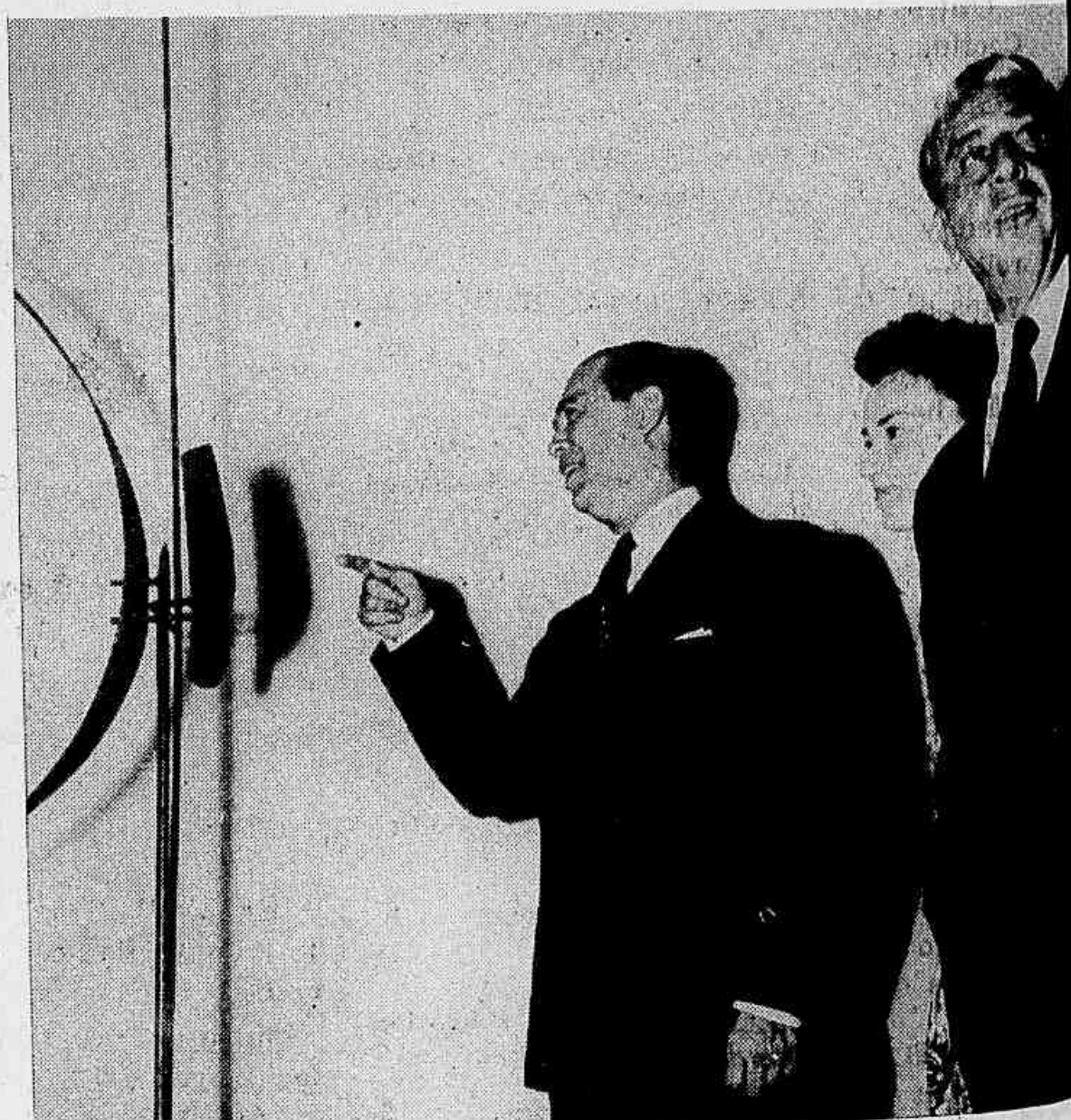
— entre 500 salas francesas de teatro em 1930, apenas 50 estão em situação de serem aproveitadas;

— o número de espectadores mudou muito em 100 anos. Enquanto o cinema e a televisão conquistaram seus públicos, o teatro permaneceu entretenimento para uma elite.

O RIO JÁ



Muitas mulheres foram à inauguração.



Juscelino andou depressa, suou e riu.

TEM (INAUGURADO)

UM MUSEU DE ARTE MODERNA

A rampa.

Um público
surpreendentemente
numeroso
foi assistir
no dia 27
a inauguração
do Museu de Arte Moderna,
que ainda não está pronto
e talvez volte
a ser inaugurado
daqui há alguns anos
por outro Presidente.

Subindo a rampa
do MAM
o Presidente
Juscelino
inaugurou
"um templo digno
da arte moderna"
— segundo declarou.
Na hora em que o sr.
Juscelino Kubitschek
subia a rampa
as fontes
do jardim interno
começaram a funcionar;
todos bateram palmas,
inclusive o Prefeito
Negrão de Lima.
No terraço
do primeiro andar
aconteceram discursos.
Depois, o sr.
Juscelino
percorreu o museu
num passo
que fez
muita gente desistir
de tão depressa.

A saída,
Hino Nacional.

As senhoras
quebravam o salto
dos sapatos
nas pedrinhas
que cercavam
a construção.

A sra. Muniz Sodré
estava de sapato baixo.

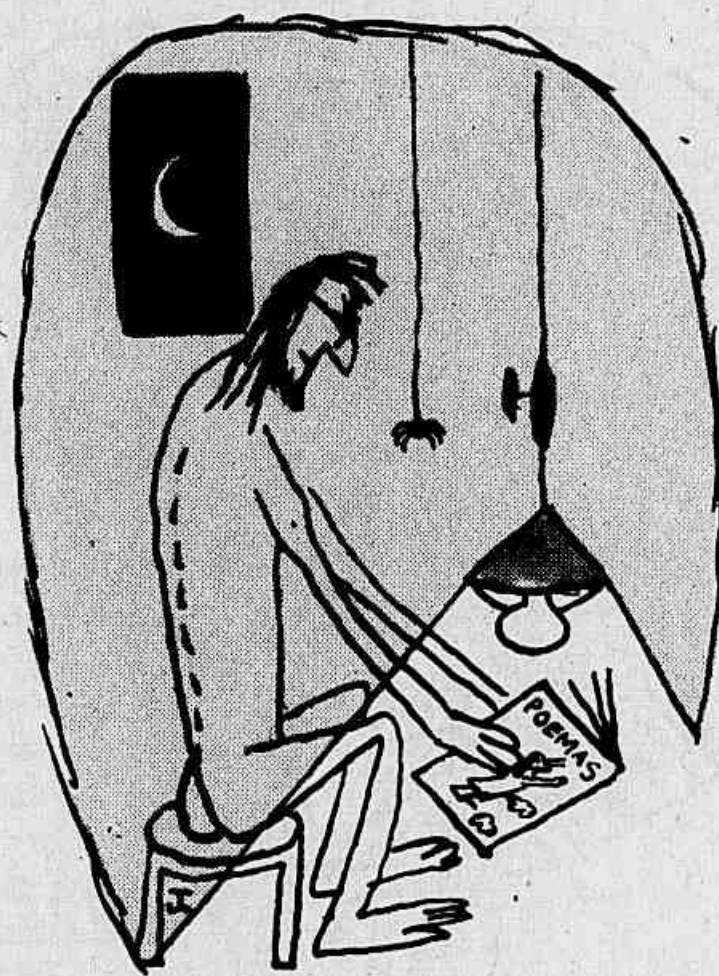


Quatro edições recentes

1. O POETA José Paulo Moreira da Fonseca, muito moço ainda (embora já senhor de ampla bagagem poética), editou há tempos, pela José Olímpio igualmente, seu livro "Raízes", onde estuda, em termos de poesia, as origens históricas do Brasil. Seu livro, em seu próprio depoimento, lhe foi inspirado pelo exemplo de Fernando Pessoa, em "Mensagem". Aqui mesmo, no Brasil, temos o caso de Cecília Meireles, autora de um "Romanceiro da Inconfidência", que busca (e consegue) transportar para a poesia lances que antes pertencem à História do Brasil. José Paulo, em vinte e seis poemas, passa em revista o século do Descobrimento, envereda pelo XVII, e termina seu livro com a Inconfidência Mineira. Quer-nos parecer, todavia, que sua experiência atual está aquém de suas legítimas possibilidades: nem lhe poderemos dispensar, agora, os elogios que seu livro anterior — "A Tempestade e Outros Poemas" — nos suscitou. Muitos dos poemas que compõem as "Raízes" são prosa distribuída por versos; prosa, disimulada em poesia. Alguns poemas, todavia, nos pareceram melhores: "A Caravela", "Os Sáurios", "O Jaguar", "O Construtor de Igrejas". O livro traz ilustrações de Cândido Portinari, e uma capa de Luiz Cannabrava.

2. MOYSÉS DUÉK escreveu, e a "Revista Branca" editou, esse "Quinze Histórias Curtas" há pouco aparecido nas livrarias. Uma das virtudes que o apresentador do volume atribui ao contista, é ser o mesmo "um dos escritores que mais viajam, tendo ido várias vezes à Europa e Estados Unidos" — coisa que, positivamente, nada significa, como nada significa igualmente a afirmativa de Henrique Pongetti, de que Moysés Duék é um contista cujas histórias têm princípio, meio e fim. O essencial é o valor literário dos contos que compõem "Quinze Histórias Curtas" — valor que, se não for nenhum, é bem escasso. Note-se que os quinze contos que formam o livro de Moysés Duék são uma seleção dos quase quinhentos ("ou mais precisamente, quatrocentas e oitenta e seis histórias") que já escreveu. A primeira linha de primeiro conto "O Alibi" já traz um erro de gramática: "Não havia dúvida que estava, etc." Poucas linhas adiante, no mesmo conto, surgem os lugares-comuns: "luz rosada do crepúsculo", "por cima do mar, um bando de gaivotas", "aragem imperceptível", etc. Os diálogos são forçados, as situações por demais caricatas. Pelo livro a fora, esse panorama não se modifica muito: com a agravante de que Moysés Duék — talvez para justificar sua condição de "um dos escritores que

mais viajam" —, faz com que a ação de alguns de seus contos ("Um Roubo em Nova Iorque", "Os Três Retratos do Senhor Feudal", "Os Aristocratas", "Seria um Stradivarius?") decorram em países estrangeiros. Soa muito falsamente ao leitor brasileiro, por exemplo, dizer que "Billy Frick talvez desse com a língua nos dentes" (página 37), ou que "em meados do século XVII, na extensa região do sul da Alemanha compreendida entre Reutlingen e Ulm, governou o barão Hans von M..." (página 53), ou ainda que a baronesa Matilde O'Orveille foi convidada, pelos Goujons, para uma caçada de javalis, como acontece à página 99... Além do mais, "Os Três Retratos do Senhor Feudal" é uma velha estória do repertório popular, já tendo



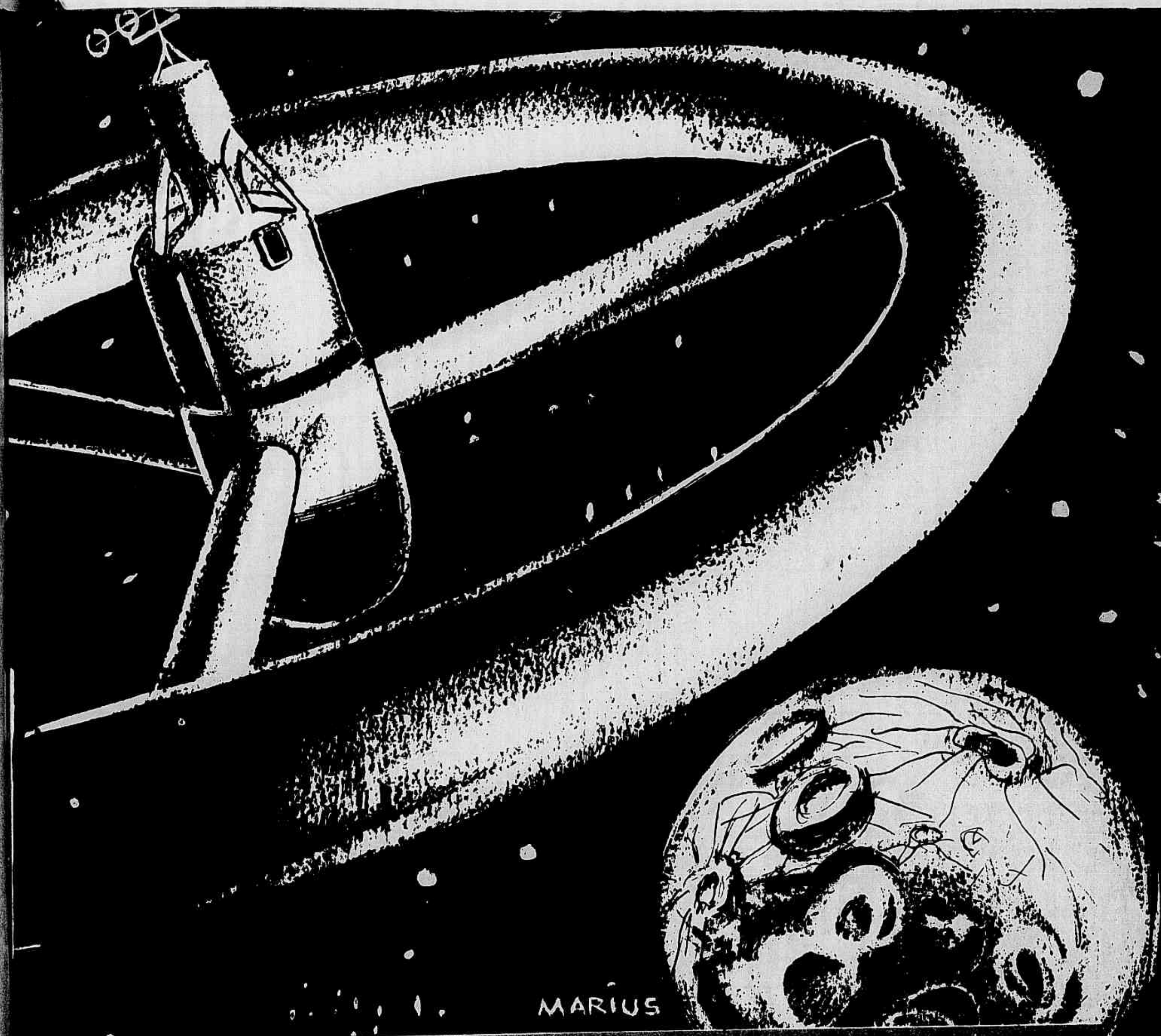
sido aproveitada, aqui mesmo no Brasil, por Malba Tahan (pseudônimo do professor Melo e Sousa), num de seus livros para crianças; não existe, em "Quinze Histórias Curtas", qualquer preocupação quanto à acentuação dos vocábulos — e é assim que encontramos a cada passo erros graves como *dêsse*, *perú*, *javalí*, *torre*, *Aída*; há no livro alguns disparates, como a resposta dada pelo personagem Guedes ao doutor Raulfo: "Desculpe, dr., mas depois das cinco não bebo líquidos" — e que talvez leve o leitor a indagar se Guedes seria capaz de beber sólidos...; e afinal, nenhuma das quinze histórias curtas — que possuem princípio, meio e fim, como fez questão de acentuar Henrique Pongetti — pode ser lida senão com suma condescendência. Tal como aparece em seu livro de estreia, Moysés Duék é ainda

um autor à margem da Literatura, tendo, do conto, uma noção inteiramente falsa.

3. A EXEGESE da obra de Raimundo Correa — talvez nosso poeta parnasiano de maior mérito — vem dedicando o ensaísta Valdir Ribeiro do Val uma série de estudos, alguns já publicados em livro (como "Raimundo Correa Estudante", editado em 1955 por Simeão Leal), outros dispersos em jornais. Aliás, para 1959 — ano que presenciara o centenário do nascimento de Raimundo Correa — está preparando Valdir Ribeiro do Val uma vasta biografia crítica, que decerto virá colocar o autor de "Plenilúnio" no lugar que de fato lhe pertence, em nossa literatura. Agora, porém, acaba de surgir, pela São José, a sexta edição das "Poesias" de Raimundo Correa — um conjunto de 108 peças, selecionadas pelo próprio poeta —, anotadas por Valdir Ribeiro do Val. O ensaísta, com minúcia e zelo, mune essa sexta edição de três preciosas armas para a melhor compreensão de Raimundo Correa: "Evolução da Poesia de Raimundo Correa" — que talvez pudesse vir a ser, no futuro, ampliada —, "Notícia Biográfica" e "Sobre esta Edição", essa decerto a mais importante, apontando variantes, erros de revisão, etc.

4. OSMAN LINS estreou há dois anos, com o romance "O Visitante", com o qual ganhou nada menos de três prêmios literários. Agora, com seu primeiro livro de contos, "Os Gestos", esse escritor pernambucano parece querer repetir tal façanha. Não lemos "O Visitante"; e pelo que sobre esse livro lemos, foi com curiosidade que começamos a leitura dos treze contos que compõem "Os Gestos". Pode-se dizer com segurança não haver, em "Os Gestos", nenhum conto sem grande categoria literária. A linguagem é bela e escorreita, a anotação psicológica exata e profunda, tudo, nesse livro, concorrendo para que se o aponte, sem exagero, como um dos melhores em seu gênero aparecidos, em muitos anos, entre nós. O conto "O Navio", por exemplo, é uma pequena obra-prima. E em "Os Gestos" há pelo menos três ou quatro narrativas que são das melhores coisas que nossa prosa de ficção já produziu.

1. "Raízes". José Paulo Moreira da Fonseca. Ilustrações de Cândido Portinari. Capa de Luiz Cannabrava. Livraria José Olímpio, Rio de Janeiro, 1957. 57 páginas.
2. "15 Histórias Curtas". Moysés Duék. Capa de Michel Burton. Revista Branca, Rio de Janeiro, 1957. 145 páginas.
3. "Poesias". Raimundo Correa. Revisão do Texto e Notas de Valdir Ribeiro do Val. Livraria São José, Rio de Janeiro, 1958. 6.ª edição. 211 páginas.
4. "Os Gestos". Osman Lins. Ilustrações de Van Acker, capa de Poty. Livraria José Olímpio, Rio de Janeiro, 1957. 175 páginas.



MARIUS

BOB

COMO
SE SENTIRÁ
O HOMEM
VIAJANDO NO ESPAÇO

O homem chegará à lua deitado de bruços

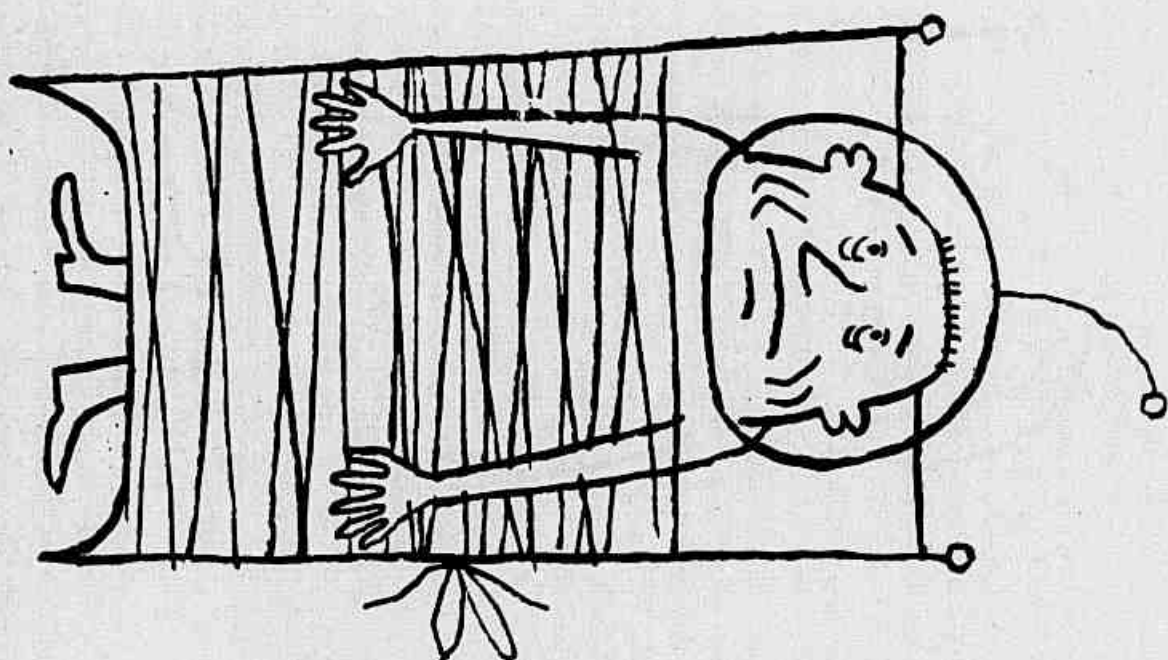
O VÔO CÓSMICO, a ser ainda neste século realizado pelo homem, fá-lo-á experimentar modalidades diversas de sensações, que podem, em linhas gerais, ser descritas desde já. Em princípio, cada etapa do voo condicionará determinado tipo de sensação. E o fator determinante primordial é o aumento, diminuição ou ausência de gravidade ou seja, a supergravidade, a subgravidade e a ingravidade.

PERGUNTA

Quais as sensações da etapa inicial?

RESPOSTA

A etapa inicial é a arrancada do foguete até a plataforma espacial. É o mais difícil, dispendioso e violento percurso do voo cósmico. Daí porque se exigem, dos candidatos a esses vãos, os mais perfeitos índices de saúde física, enquanto a rigorosa saúde mental é mais necessária ao longo período do voo por inércia.



Imaginemos tudo pronto, na plataforma de lançamento. A bordo do foguete a ser lançado, dentro de instantes, todos já tomaram seus lugares. No momento aprazado, entram os motores em funcionamento. O ruído é ensurdecedor, como se potentes cataratas ali se despenhassem e só se ouvisse o fragor das águas. A trepidação da espaçonave é tal que nada ficaria em seus lugares se tudo não estivesse previamente fixo, a começar pelos passageiros — em trajes cósmicos — solidamente atados às suas poltronas-leitos. Os gases já escapam fortemente pelas tubulações, mas o foguete só aos poucos se move, dando a impressão de que subirá lentamente. Pura ilusão! Dentro em poucos segundos, numa arrancada espetacular, ultrapassará a velocidade do som e, em poucos segundos mais, triplicará, quintuplicará, decuplicará a velocidade com que arrancou. Da terra só com binóculos se avista o foguete, prestes a desaparecer de todo. E desde os primeiros segundos de velocidade supersônica, tornada, logo após, hipersônica, começa a primeira e terrível sensação do espaçonauta: a de que está sendo terrivelmente esmagado de encontro à poltrona-leito. É a reação da inércia do seu corpo à aceleração do foguete, aceleração muitas vezes maior que a da gravidade, na queda livre. Há, de início, o aumento de uma gravidade, de 1 g como se costuma dizer; isso torna o peso do navegante sideral duas vezes maior. Menos de um minuto depois, já pesa ele 4 vezes mais: não poderia fazer

o menor movimento, se o tentasse e tivesse livres os membros. Um minuto e meio após a partida, pesa 8 vezes mais: sentado, morreria. Ai se esgota o combustível do primeiro estágio do foguete e, antes de entrar o segundo em funcionamento, logra o passageiro respirar, menos dificilmente. Mas eis que o impulso do segundo estágio o faz passar pelo pior, ao atingir a velocidade de 7 kms/s ou 25 200 por hora (já 21 vezes a do som). Nova pausa para mais fácil respiração e o terceiro estágio acrescenta a tal deslocamento mais 1 km/s, perfazendo a velocidade horária de 28 800 kms! É a velocidade orbital elíptica, necessária para atingir a plataforma-satélite, que gira na mesma órbita e de onde será dado o pulo para o astro de destino.

Passaram-se, desde a partida da terra, 5 minutos apenas! Nesse pequeno espaço de tempo o peso dos passageiros aumentou de 1 a 10 vezes. Só quem experimentar saberá o que é tal sensação: verdadeiramente terrível e só suportável em decúbito, sobre cama supermacia. A razão é a seguinte: a maior barreira biológica que tem a transpor o astronauta é a função circulatória. Sentado, seu sangue, que a 7 vezes já pesa como ferro derretido, se acumularia no abdome e pernas, deixando a cabeça sem circulação — seria a morte. Deitado, porém, seu sangue circula por todo o corpo, desde que a direção dos grandes vasos é ao longo do eixo do corpo. E se de bruços, melhor: a aceleração da astronave atua, nessa posição, das costas para o peito, assim possibilitando ao coração impelir melhor o sangue e aos pulmões respirar melhor.

Essa sensação de supergravidade, de enorme aumento do peso em segundos e minutos, só organismos perfeitos poderão suportar. E mesmo assim, só depois de intenso treinamento em centrífugas. Já os animais que sobem em foguetes-prova resistem melhor: sua natural condição de quadrúpedes equivale à posição deitada, pelo que, nêles, circula sempre bem o sangue, sem maior resistência a vencer. Já o homem, devido à posição ereta, exige maior pressão sanguínea e maior trabalho do coração.

PERGUNTA

Quais as sensações na plataforma espacial?

RESPOSTA

Em primeiro lugar, a da ausência de peso. Este, decuplicado até momentos antes é, agora, nulo... Mas essa imponderabilidade, caso não seja desejável, poderá ser, pelo menos em parte, atenuada pela rotação axial da plataforma, que assim criará gravidade artificial.

Em segundo lugar, a visão da terra. Perfeitamente discerníveis são os continentes e oceanos. À noite, pontos luminescentes, de maior ou menor extensão, assinalarão as cidades, cuja iluminação se reflete a grandes alturas.

A terceira sensação é a de nova noção do tempo. Os dias e as noites, na plataforma, são os mesmos da Terra mas duram, em vez de 12 horas, 45 minutos! (Na realidade esse período será tanto maior quanto maior for a excentricidade da elíptica). A cada 45 minutos transcorridos vê-se a terra de dia e, nos seguintes 45, de noite. Como a lua, a Terra terá fases: crescente e minguante, nova e cheia. A diferença é que essas fases ocorrem de 22½ em 22½ minutos, em vez de 7 em 7 dias.

Outra sensação na plataforma é o silêncio envolvente, só quebrado pelo incessante bater da poeira cósmica de encontro à estrutura, qual micro-chuva de pedra.

dormindo como os ursos

Outras sensações, como a de um sono levíssimo, terá quem se encontrar numa estação espacial; as maiores, porém, são as descritas.

PERGUNTA

Qual a sensação ao sair da plataforma com destino aos astros?

RESPOSTA

Ainda de supergravidade, dada a aceleração da astronave que é, agora, outra muito diversa da que fez o percurso terra-plataforma; aceleração para pular, do trampolim do espaço que é a estação cósmica, até o astro de destino. Se a sensação, aqui, não difere especificamente da que se teve na arrancada da Terra é, contudo, muito mais suportável. A razão é que, para alcançar a velocidade de escape e demandar um astro dentro do nosso sistema, terá a cosmonave de desenvolver, apenas, a velocidade de 3,2 kms/s, a qual, somada à de 8 já alcançada até a plataforma, perfaz os 11,2 kms/s necessários para escapar à gravitação terrestre (para a Lua, a velocidade de escape é pouco menor, regulando, da plataforma, 2,7 kms/s). Vê-se que a aceleração da espaçonave, ao arrancar da plataforma, faz voltar a sensação de peso que se havia desvanecido. Tudo, porém, é muito menos violento. Ainda é necessário amarrar-se, mas se ficará sentado e sem trajes cósmicos (cabina pressurizada e ar-condicionado), os quais só se retomarão para descer no astro de destino. Dentro de 2 ou 3 minutos será atingida a velocidade escapatória e, desligados os motores, tornar-se-á a desvanecer o peso: começa o voo por inércia. A astronave transforma-se em corpo celeste e atingirá o astro de destino em órbita semi-elíptica, dentro de prazo variável com a distância a percorrer: 5 dias para a Lua, 145 para Vênus e 250 para Marte.

PERGUNTA

E as sensações durante a viagem? Como decorrerá esta?

RESPOSTA

Começa aqui a fase crítica da resistência humana, sobretudo psicológica. Suportará o homem, por longos meses, a vida a bordo? A alimentação é sintética: tem valor nutritivo, mas não é apetecível. Nada há que ver pelas janelas senão, em céu negro, as estrelas a brilharem. A Terra, cada vez mais distante e menos se podendo nela distinguir mares e continentes, vai perdendo o interesse, até se reduzir a ponto luminoso cada vez menor. Nada, ninguém pesa na astronave. Não se pode andar: só pular ou flutuar, para o que se faz mister tomar impulso nas paredes ou em pegadores a isso destinados. Comer e beber é operação que demanda rapidez e precisão de movimentos. Não há pratos nem talheres e as refeições são servidas, automaticamente, em recipientes adequados. Dormir, como se poderá? O sono é conseqüente à fadiga e esta resulta mais da ação da gravidade que do movimento. Sem peso, não há, por assim dizer, desgaste físico a reparar, pelo sono. E suportar-se-á tal estado, quase contínuo, de vigília? É verdade que se poderá recorrer à gravidade artificial, mas a expensas das limitadas reservas de combustível. E como ocupar o tempo? Ler e conversar, jogar ou fazer pequenos trabalhos, será suficiente para entreter os passageiros só por alguns dias. É verdade que bons programas de rádio e televisão poderão ser transmitidos da Terra para a espaçonave, mas terminarão sendo

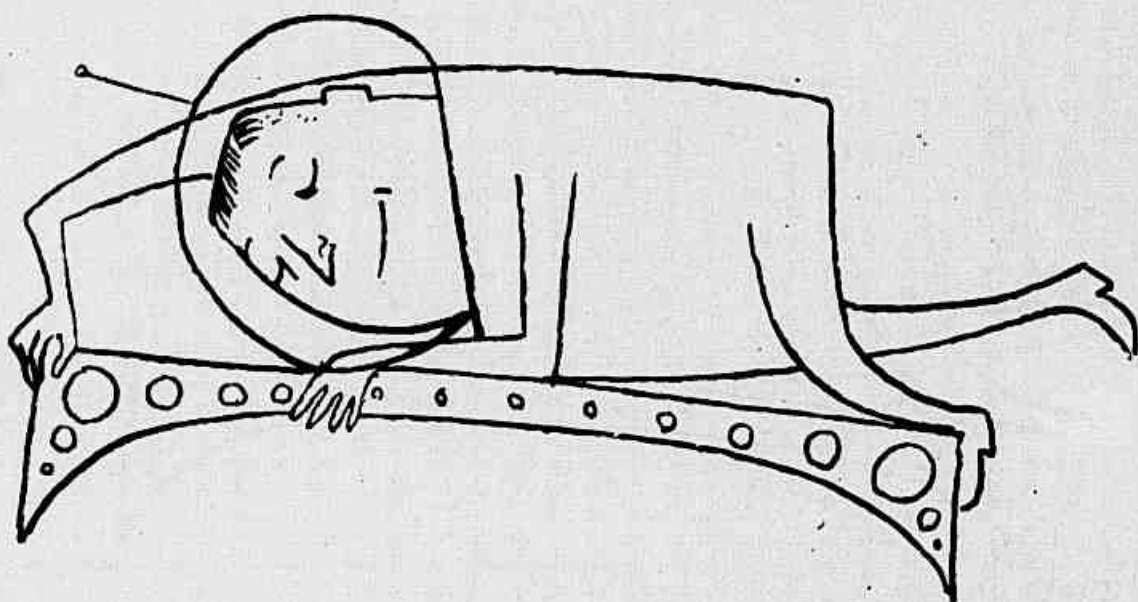
pouco. E o pequeno espaço disponível no interior da astronave obrigará a se permanecer grande parte do tempo sentado ou deitado. O enfado sobrevirá, é certo; tão certo que uma das soluções propostas para as longas viagens siderais é a **letargia provocada**, um sono artificial que dure, pelo menos, a metade da viagem. Esse estado letárgico não resolverá, apenas, problemas psicológicos de higiene mental; poupará alimentos e detritos a bordo. Os pilotos serão revezados nesse sono e manter-se-ão em plena forma. A hibernação artificial humana será imprescindível nas nave siderais. É um dos objetivos que procura alcançar a Medicina Experimental do Espaço.

PERGUNTA

Qual a sensação ao chegar-se ao astro de destino?

RESPOSTA

Bem antes terá o piloto de ir travando a velocidade, para que se faça, aos poucos, a desaceleração necessária para assiderissar sem maior incômodo para os que estão a bordo. Logo que entrem a funcionar os motores dianteiros irão os passageiros readquirindo peso e já estarão amarrados em suas poltronas. O peso só dependerá, logo mais, da massa do astro demandado. Na Lua equivale a 1/6 do que se tem na Terra. Em Marte, à metade. E em Vênus será quase igual ao da Terra. E aí está a sensação de subgravidade, meio termo entre a supergravidade e ingravidade. Ao descer

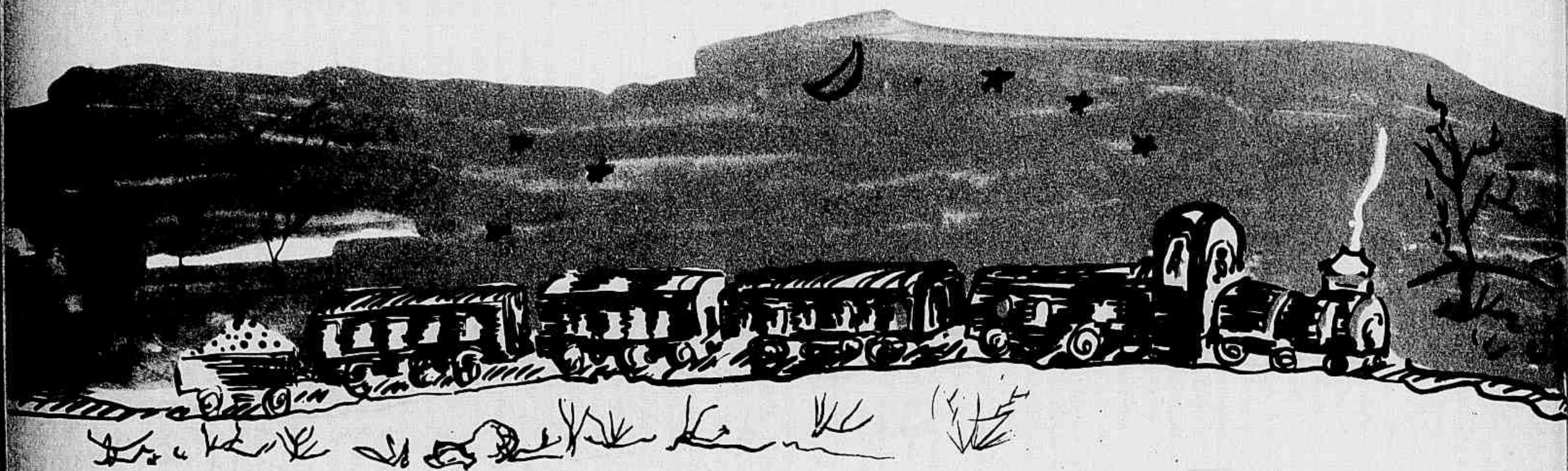


a astronave, terá o passageiro a impressão de estar subindo. Dá-se aqui o contrário de quando partiu da Terra: a subida, em velocidade multissônica, mais parecia descida, pela pressão exercida contra a cama-poltrona por efeito da inércia do corpo; agora, a descida mais parece subida, por efeito contrário da mesma inércia.

Empolgantes, de certo, as sensações à aproximação do astro. De pequeno, a princípio, cresce até encobrir o céu estrelado, tomando todo o horizonte. E a cambiância das cores? E os acidentes siderográficos: montanhas, vales, crateras, sem falar nos que forem típicos e desconhecidos na Terra? E as surpresas que aguardam, no solo, o astronauta? Quanta coisa verá e tocará jamais vista nem tocada por mão humana! Novas concepções artísticas e científicas, surgirão dessas surpresas e as novas visões de beleza condicionarão novas concepções de arte.

Poeticamente, aqui fiquemos com quem disse:

"Consinto o pensamento
viajando coisas
não vistas, ouvidas não
ainda não
viajantes, viajadas"



HUMOR

APÓLOGO BRASILEIRO

SEM VÉU DE ALEGORIA

Antônio de Alcântara Machado

O TRENZINHO recebeu em Magoari pessoal do matadouro e tocou para Belém. Já era noite. Só se sentia o cheiro doce do sangue. As manchas na roupa dos passageiros ninguém via porque não havia luz. De vez em quando passava uma fagulha que a chaminé da locomotiva botava. E os vagões no escuro.

Trem misterioso. Noite fora, noite dentro. O chefe vinha recolher os bilhetes, de cigarro na boca. Chegava a passagem bem perto da ponta acesa e dava uma chupada para fazer mais luz. Via mal e mal a data e ia guardando no bolso. Havia sempre uns que gritavam:

— Vá pisar no inferno!

Ele pedia perdão (ou não pedia) e continuava seu caminho. Os vagões sacolejando.

O trenzinho seguia danado para Belém porque o maquinista não tinha jantado até aquela hora. Os que não dormiam aproveitando a escuridão conversavam e até gesticulavam por força do hábito brasileiro. Ou então cantavam, assobiavam. Só as mulheres se encolhiam com medo de algum desrespeito.

Noite sem lua sem nada. Os fósforos é que alumiam um instante as caras cansadas e a pretidão feia caía de novo. Ninguém estranhava. Era assim mesmo todos os dias. O pessoal do matadouro já estava acostumado. Parecia trem de carga o trem de Magoari.

Porém aconteceu que no dia 6 de maio viajava no penúltimo banco do lado direito do segundo vagão um cego de óculos azuis. Cego baiano das margens do Verde de Baixo, flautista de profissão dera um concerto em Eragança. Parara em Magoari. Voltava para Belém com setenta e quatrocentos no bolso. O tajoa guia dele só dava uma folga no bocejo para cuspir.

Baiano velho estava contente. Primeiro deu uma cotovelada no secretário e puxou conversa. Puxou à-toa porque não veio nada. Então principiou a assobiar. Assobiou uma valsa (dessas que vão subindo, vão subindo e depois vêm descendo, vêm descendo), uma polca, um pedaço do "Trovador". Ficou quieto uns tempos. De repente deu uma coisa nêle. Perguntou para o rapaz:

— O jornal não dá nada sobre a sucessão presidencial?

O rapaz respondeu:

— Não sei: nós estamos no escuro.

— No escuro?

— É.

Ficou matutando calado. Claríssimo que não compreendia bem. Perguntou de novo.

— Não tem luz?

Bocejo.

— Não tem.

Cuspada.

Matutou mais um pouco. Perguntou de novo:

— O vagão está no escuro?

— Está.

De tanta indignação bateu com o porrete no soalho. E principiou a grita dele assim:

— Não pode ser! Estrada relaxada! Que é que faz que não acende? Não se pode viver sem luz! A luz é necessária! A luz é o maior dom da natureza! Luz! Luz! Luz!

E a luz não foi feita. Continuou berando:

— Luz! Luz! Luz!

Só a escuridão respondia.

Baiano velho estava furo. Urrava. Vozes perguntaram dentro da noite:

— Que é que há?

Baiano velho trovejou:

— Não tem luz!

Vozes concordaram:

— Pois não tem mesmo.

Foi preciso explicar que era um desafôro. Homem não é bicho. Viver nas trevas é cuspir no progresso da humanidade. Depois a gente tem a obrigação de reagir contra os exploradores do povo. No preço da passagem está incluída a luz. O governo não toma providências? Não toma? A turba ignara fará valer seus direitos sem êle. Contra êle se necessário. Brasileiro é bom, é amigo da paz, é tudo quanto quiserem: mas bôbo não. Chega um dia e a coisa pega fogo.

Todos gritavam discutindo com calor e palavões. Um mulato propôs que se matasse o chefe do trem. Mas João Virgulino lembrou:

— Êle é pobre como a gente.

Outro sugeriu uma grande passeata em Belém com banda de música e discursos.

— Foguetes também?

— Foguetes também.

— Be-le-za!

Mas João Virgulino observou:

— Isso custa dinheiro.

— Que é que se vai fazer então? Ninguém sabia. Isto é: João Virgulino sabia. Magarefe-chefe do matadouro de Magoari, tirou a faca e começou a esquartejar o banco de palhinha. Com todas as regras do ofício. Cortou um pedaço, jogou pela janela e disse:

— Dois quilos de lombo!

Todos os passageiros magarefes e auxiliares imitaram o chefe. Os instintos carniceros se satisfizeram plenamente. A indignação virou alegria. Era cortar e jogar pelas janelas. Parecia um serviço organizado. Ordens partiam de todos os lados. Com piadas, risadas, gargalhadas.

— Quantas reses, Zé Bento?

— Eu estou na quarta, Zé Bento!

Baiano velho quando percebeu a história pulou de contente. O chefe do trem correu quase que chorando.

— Que é isso? Que é isso? É por causa da luz?

Baiano velho respondeu:

— É por causa das trevas!

O chefe do trem suplicava:

— Calma! Calma! Eu arranjo umas velinhas.

João Virgulino percorria os vagões apalpando os bancos.

— Aqui ainda tem uns três quilos de colchão mole!

O chefe do trem foi para o cubículo dêle e se fechou por dentro rezando. Belém já estava perto. Dos bancos só restava a armação de ferro. Os passageiros de pé contavam façanhas. Baiano velho tocava a marcha de sua lavra chamada "As armas cidadãos"! O taioquinha embulhava no jornal a faca surrupiada na confusão.

Tocando a sineta, o trem de Magoari fundou na estação de Belém. Em dois

tempos vagões se esvaziaram. O último a sair foi o chefe, muito pálido.

Belém vibrou com a história. Os jornais afixaram cartazes. Era assim o título de um: Os passageiros no trem de Magoari amotinaram-se jogando os assentos ao leito da estrada. Mas foi substituído porque se prestava a interpretações que feriam de frente o decôro das famílias. Diante do Teatro da Paz houve um conflito sangrento entre os populares.

Dada a queixa à polícia foi iniciado o inquérito para apurar as responsabilidades. Perante grande número de advogados, representantes da imprensa, curiosos e pessoas gradas, o delegado ouviu vários passageiros. Todos se mantiveram

na negativa menos um que se declarou protestante e trazia um exemplar da Bíblia no bolso. O delegado perguntou:

— Qual a causa verdadeiro do motim?

O homem respondeu:

— A causa verdadeira do motim foi a falta de luz nos vagões.

O delegado olhou firme nos olhos do passageiro e continuou:

— Quem encabeçou o movimento?

Em meio de ansiosa expectativa dos presentes o homem revelou:

— Quem encabeçou o movimento foi um cego!

Quis jurar sobre a Bíblia mas foi imediatamente recolhido ao xadrez porque com a autoridade não se brinca.



BEVAN MUDA DE PARTIDO AOS DOMINGOS



Foto Apia

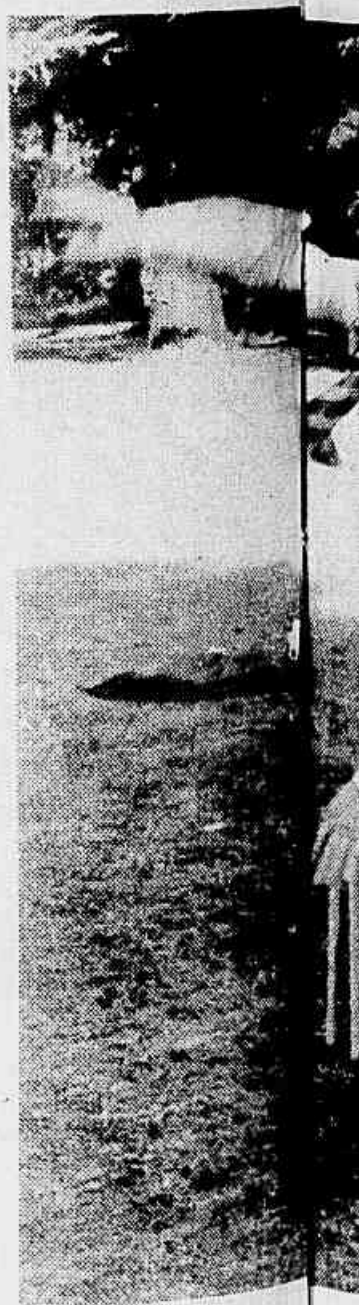
ANEURIN BEVAN não deixou mais a primeiras páginas dos jornais depois que a "Operação Suez" derrubou sir Anthony Eden e o gabinete britânico precisou de fazer certas concessões — tanto no plano da política interna como da externa — para enfrentar a onda de descontentamento popular em todo o país.

"Nye" Bevan, considerado o rebelde do "Labour Party", foi por algumas semanas a esperança dos mais exaltados: todos esperavam que ele assumisse o comando dos descontentes e dirigisse uma luta política indiscutivelmente capaz de colocar o governo "tory" numa situação difícil.

Mas não ocorreu isso: "Nye" apoiou a política moderada do líder do Partido, Gaitskel, e nem por um momento permitiu que a atividade política na direção do partido (da qual já não é mais um excomungado) e nos Comuns lhe roubasse o tempo às partidas de "cricket" — esporte do qual é agora um entusiasta.

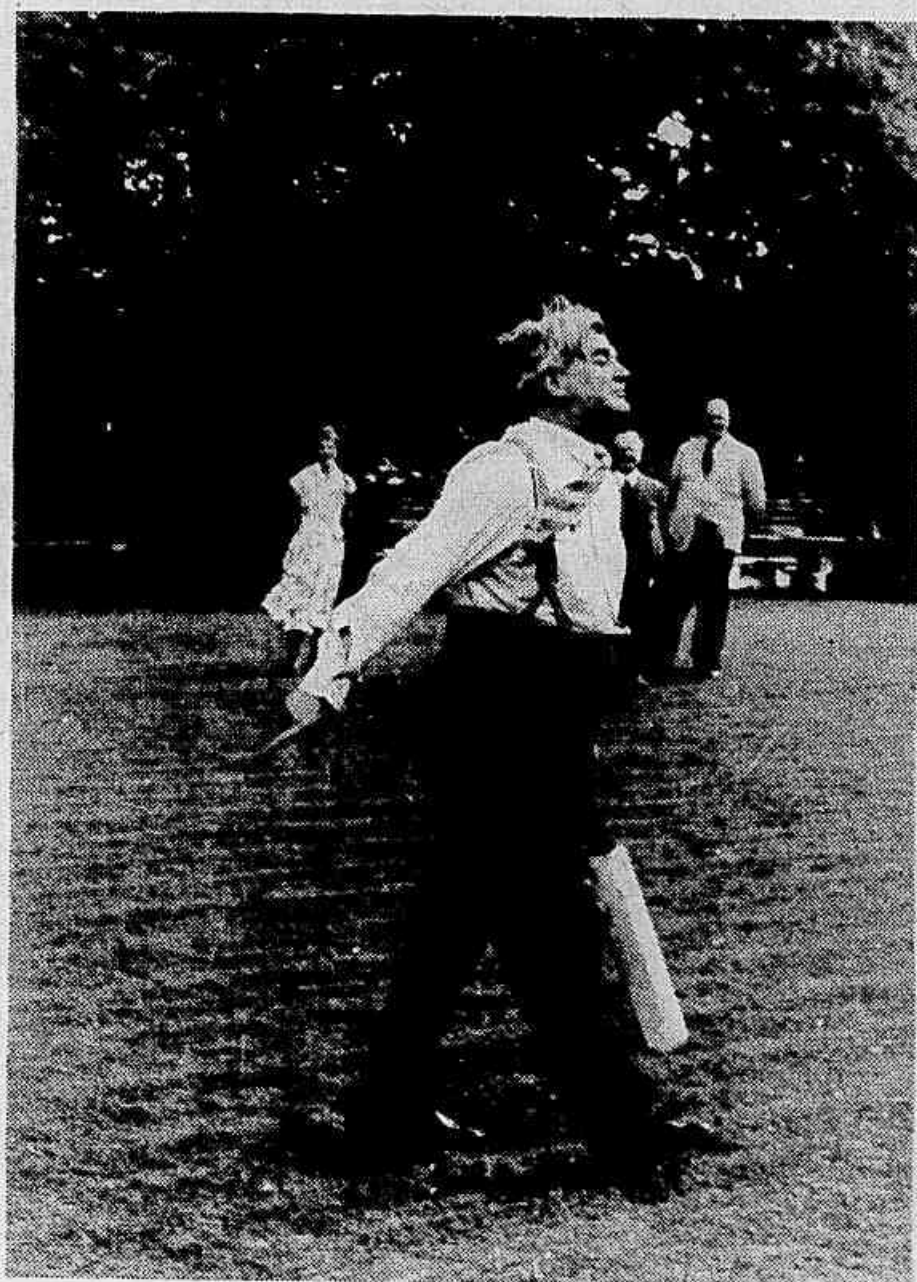
Como um bom "tory" britânico, "Nye" pode ser visto nos fins de semana jogando "cricket" num dos campos suburbanos de Londres: nem o "sputnik", nem a Conferência da OTAN, nem os graves problemas internacionais que a Inglaterra enfrenta alteraram seu novo "hobby".

Bevan (diziam) levaria a Inglaterra — caso os trabalhistas vencessem — a separar-se dos Estados Unidos, caminhando cada vez mais para o campo de influência russa. Os comentaristas erraram: o campo que Bevan preferiu foi o de "cricket".





Ao ver esta foto, mr. Bevan disse: "Que posição horrível". Os técnicos de "cricket" concordam. Os comentaristas políticos não.

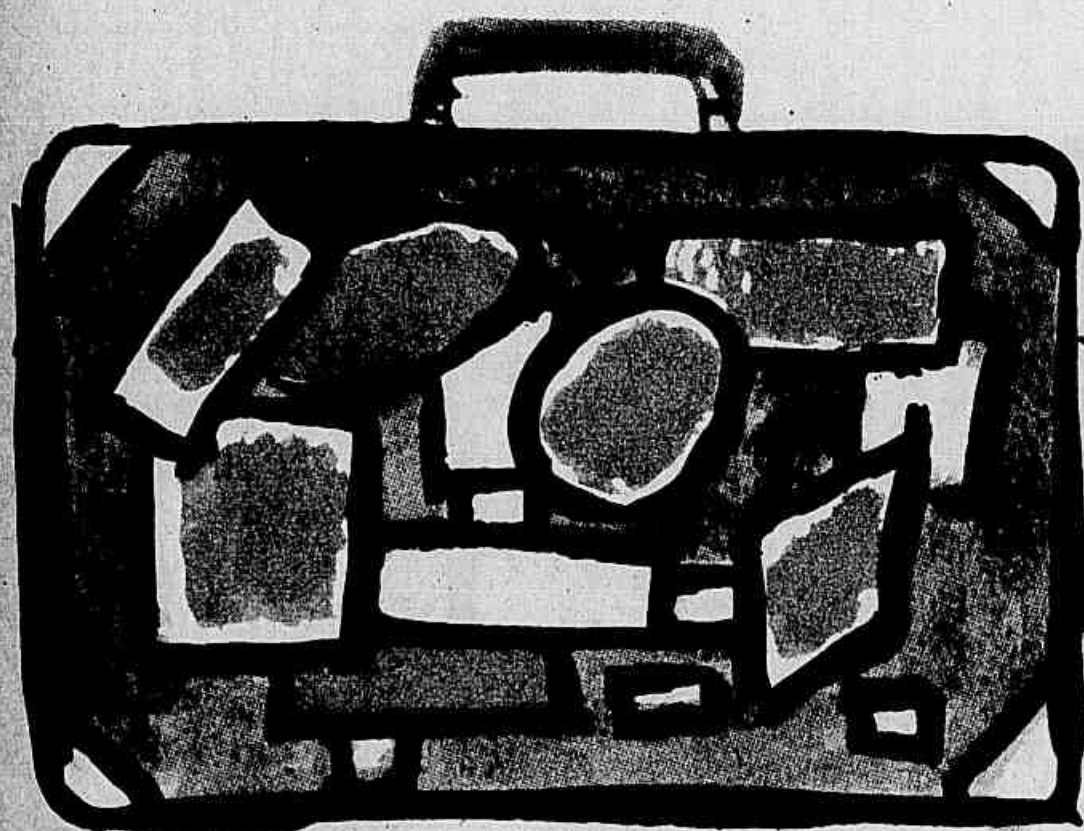


Mr. Bevan, criticado por ser trabalhista de mais, agora é criticado por parecer um "tory", jogando "cricket" aos domingos.

NEGÓCIOS DE ESPIONAGEM

JACK SOBLE

MARIUS



NOVA IORQUE, JANEIRO — Paramos e olhamos, abobalhados, o edifício do Parlamento, em Berna, Suíça.

Para todos que nos viam, não éramos mais do que três viajantes comuns, mas a diferença entre nós e os milhares de turistas que se encontravam em Berna, no verão de 1948, era a seguinte: nós três estávamos ali para fazer negócios e negócios muito importantes: negócios de espionagem.

O motivo da nossa visita a Berna era arranjar um novo contrato para minha esposa, Myra, e para mim também. Nosso "guia" era o general Alexander Korotov, chefe de todas as operações de espionagem soviética no estrangeiro. Assim se fazia os contratos:

Korotov, que era um homem responsável pela segurança pessoal de Joseph Stálin, chegou pertinho do nosso ouvido

e disse que devíamos prestar atenção a um homem que vinha se aproximando, lentamente, lentamente.

"O homem que têm de observar — disse êle — vai parar a uma certa distância daqui, porá a mão direita na frente, perto da barriga, e logo voltará atrás, dando uns passo bem largos."

Minutos depois a cena para a qual tínhamos sido alertados, aconteceu exatamente da forma que o general nós descreveu.

Korotov nos disse que o homem que vinha com a mão na barriga e andando devagarinho, era o cônsul russo numa cidade suíça, e que seria, a partir daquele momento o receptor dos nossos informes de espionagem em substituição ao chefe da delegação comercial soviética em Paris.

Durante o ano seguinte (49) eu e minha mulher, Myra, passamos as nossas informações nessa "correia de transmissão", e por ela recebíamos, também, o dinheiro necessário à espionagem.

Eu abri várias contas bancárias, mas não no meu nome. Usei um número (isto é prática suíça) e os russos se preocuparam muito para que eu tivesse sempre dinheiro no bolso.

Desta maneira operamos sem maiores contratempos até o mês de maio de 1949, quando recebi uma mensagem de Paris ordenando-me que abandonasse todo o meu trabalho e viajasse diretamente a Moscou, via aérea.

Em Moscou fui recebido e levado imediatamente para um apartamento que haviam preparado para mim. Korotov foi ver-me, acompanhado de seu principal assistente, Leonid Dmitrievich Pe-

trov. O chefe do Serviço de Inteligência e da Polícia Secreta Soviética me falou sem rodeios:

"Quero que você vá à Iugoslávia e entre em contato com Crdze Price".

Eu e Myra conhecíamos muito bem o Price nos Estados Unidos, nos primeiros anos da guerra mundial. Por algum tempo "Max" (eu conhecia Price por Max) trabalhou numa fábrica de Pittsburgh, e mais tarde foi editor de um jornal iugoslavo na cidade. Em Nova Iorque estivéramos juntos várias vezes, eu, Myra, ele e a mulher.

Eu disse a Korotov que Price era admirador do marechal Tito, e que seria perigoso para mim entrar em contato com ele.

Pois bem: essa aparente renúncia a viajar para a Iugoslávia enfureceu o meu superior soviético. Ele voltou-se para o seu assistente e disse:

"Evidentemente esse indivíduo não quer trabalhar."

Depois, Korotov e seu assistente se retiraram e ficaram num cantinho da sala, onde conversaram animadamente por alguns minutos.

Enquanto eles conversavam eu pensei com os meus botões (lá só se pensa com os próprios botões): não vou sair vivo daqui.

Mas respirei aliviado: meus temores eram infundados, pois Korotov voltou mansinho, sorrindo.

"Talvez você tenha razão" — disse-me ele.



"Mas temos que estabelecer agentes na Iugoslávia. É necessário que você mande para lá vários agentes, dos bons, para estabelecer contatos e informar quais são as condições do país. O dinheiro não é problema.

Antes das despedidas, Korotov me disse que aparentemente eu tinha esquecido meu treinamento de comunistas, e que precisava urgentemente recordar certas coisas.

Vai daí começou a fazer uma verdadeira conferência sobre a necessidade que têm todos os agentes de espionagem, com boa reputação no partido, de pagar suas quotas.

Disse-me que eu tinha sido fiel as minhas obrigações durante o tempo em que estive nos Estados Unidos, mas ainda não pagara as quotas desde que me encontrava na Europa.

"Camarada" — disse-me, em tom severo — "você deve recordar o seguinte: como qualquer outro comunista você deve pagar sua quota ao partido e sem atraso. Não se permite exceções. Nenhum comunista está isento de suas obrigações, mesmo que tenha prestado valiosos serviços ao partido".

Eu me desculpei pelo descuido, e prometi que nunca mais atrasaria o pagamento de minhas quotas.

Então Korotov fixou arbitrariamente em 500 dólares mensais o meu ordenado como espião, e me disse que teria de pagar mensalmente três por cento ao partido e ainda mais: teria de pagar todas as quotas atrasadas (de 1946 a 1949).

APRENDA A DANÇAR



Chá-chá-chá — Dois e Um — Guaracha — Bolero — Marcha — Rumba — Swing — Samba — Tango — Mambo — Baião — Chôro — Valsa — Fox — em apenas 10 dias, pelo moderno método do Prof. Gino Fornaciari, autor do livro «Como Aprender a Dançar», já em 9ª Edição, melhorada, contendo 140 gráficos, que permite a V. S. aprender em seu domicílio, sem professor. Faça seu pedido, pelo Reembolso, à Caixa Postal, 649 — São Paulo, Cr\$ 120,00. — Encontra-se também à venda em todas as livrarias do Rio e de São Paulo. O Prof. Gino Fornaciari mantém um curso especializado de Aulas Particulares, diariamente, das 9 hs. às 22 hs. à Avenida Liberdade, 120 — 2º andar — conj. 8 — São Paulo.

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BEL-HORMON nº 1 e quando for, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BEL-HORMON nº 2. BEL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirir-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua São Januário, 706 Rio de Janeiro

Queiram enviar-me por Reembolso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº
NOME Nº
RUA
CIDADE
ESTADO
Preço no varejo Cr\$ 100,00
Pelo Reembolso Postal Cr\$ 135,50
Por Vale Postal Cr\$ 125,50



DA BELEZA E VIGOR AOS CABELOS CONTRA A CASPA E CABELOS BRANCOS EXITO GARANTIDO



INSTITUTO BIOLÓGICO DO RIO DE JANEIRO, LTDA.

Caixa Postal nº 1.202

EM S. PAULO HOSPEDE-SE NO MODERNÍSSIMO

BAR RESTAURANTE A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 380,00 — Casal Cr\$ 520,00

Sem mais acréscimos

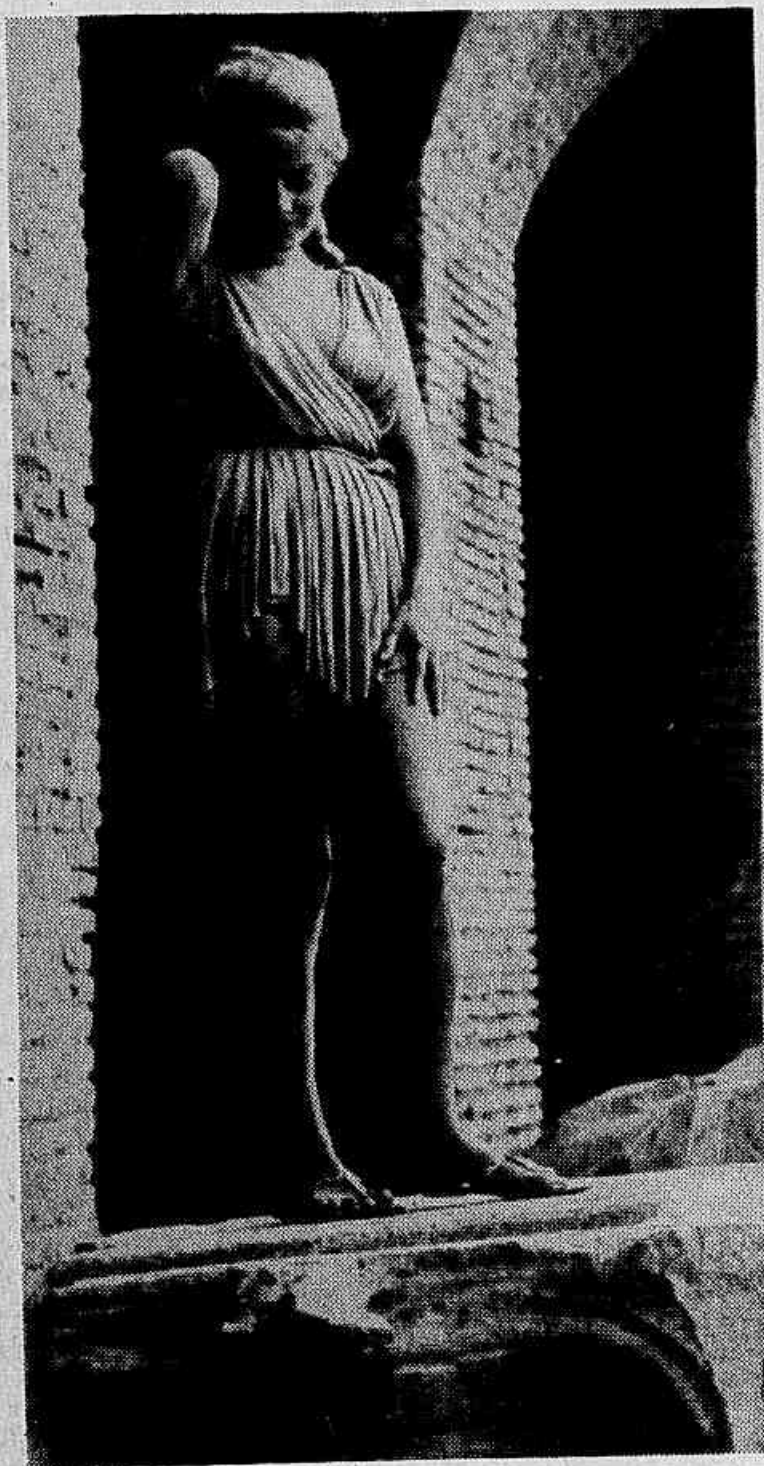
Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)

São Paulo — End. Electr. «PRINCIPEHOTEL»



TEVE GRANDE repercussão a dupla tentativa de suicídio do príncipe Filippo Orsini e da atriz inglesa Belinda Lee.

O príncipe tem 38 anos, é casado, pai de dois filhos (nove e três anos) e é Príncipe Assistente do Trono Pontifício, título que há séculos sua família (e a dos Colonna) ostenta com exclusividade.



Belinda Lee tem 30 anos e estava em Roma filmando "Aphrodite" (R.S. dez. 14).

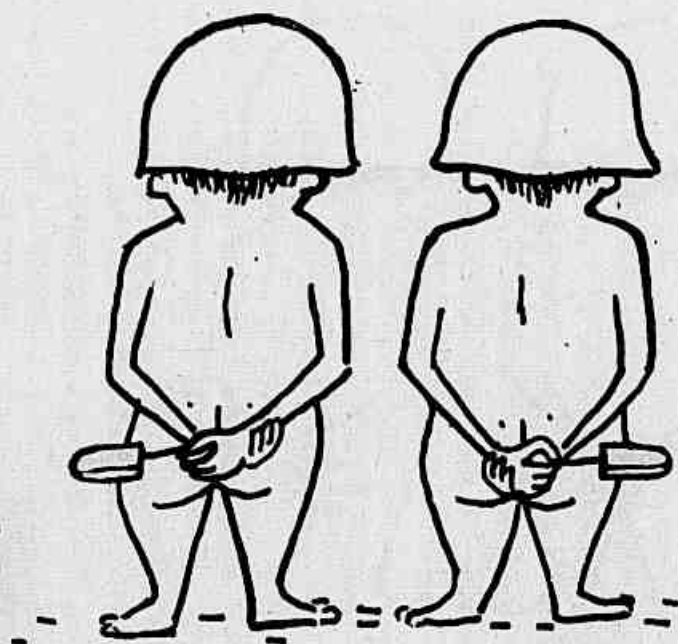
O nome dos dois ainda não havia aparecido junto até que aconteceu a tentativa (dupla) de suicídio.

Comenta-se no Vaticano que a família Orsini talvez perca a dignidade de Assistente do Trono, uma vez que o pai do príncipe Filippo já fôra antes excluído da sucessão por se ter casado com uma divorciada.

Está para sair um livro nos Estados Unidos, com o seguinte título: "WW by HH". É a biografia que o ex-presidente Herbert Hoover está escrevendo do também ex-presidente Woodrow Wilson.

Parece que a nova vítima dos boateiros que cercam a princesa Margaret é o reverendo Simon Phipps. Muita gente está ligando o nome da princesa ao do simpático e bonito capelão do Trinity College de Cambridge.

Talvez Elvis Presley escape do Exército. Motivo: Tio Sam perderia pelo menos um milhão de dólares por ano enquanto Elvis estivesse aprendendo a ser soldado, porque deixaria de recolher o imposto de renda do moço.



POLÍCIA

SEGUNDO O CORONEL Silvestre Travassos, "o policial, militar ou não, que uniformizado e em serviço chupa picolé ou laranja diante do público, compromete sua corporação e merece ser punido, pois atos dessa natureza constituem falta de urbanidade, comportamento e decôro".

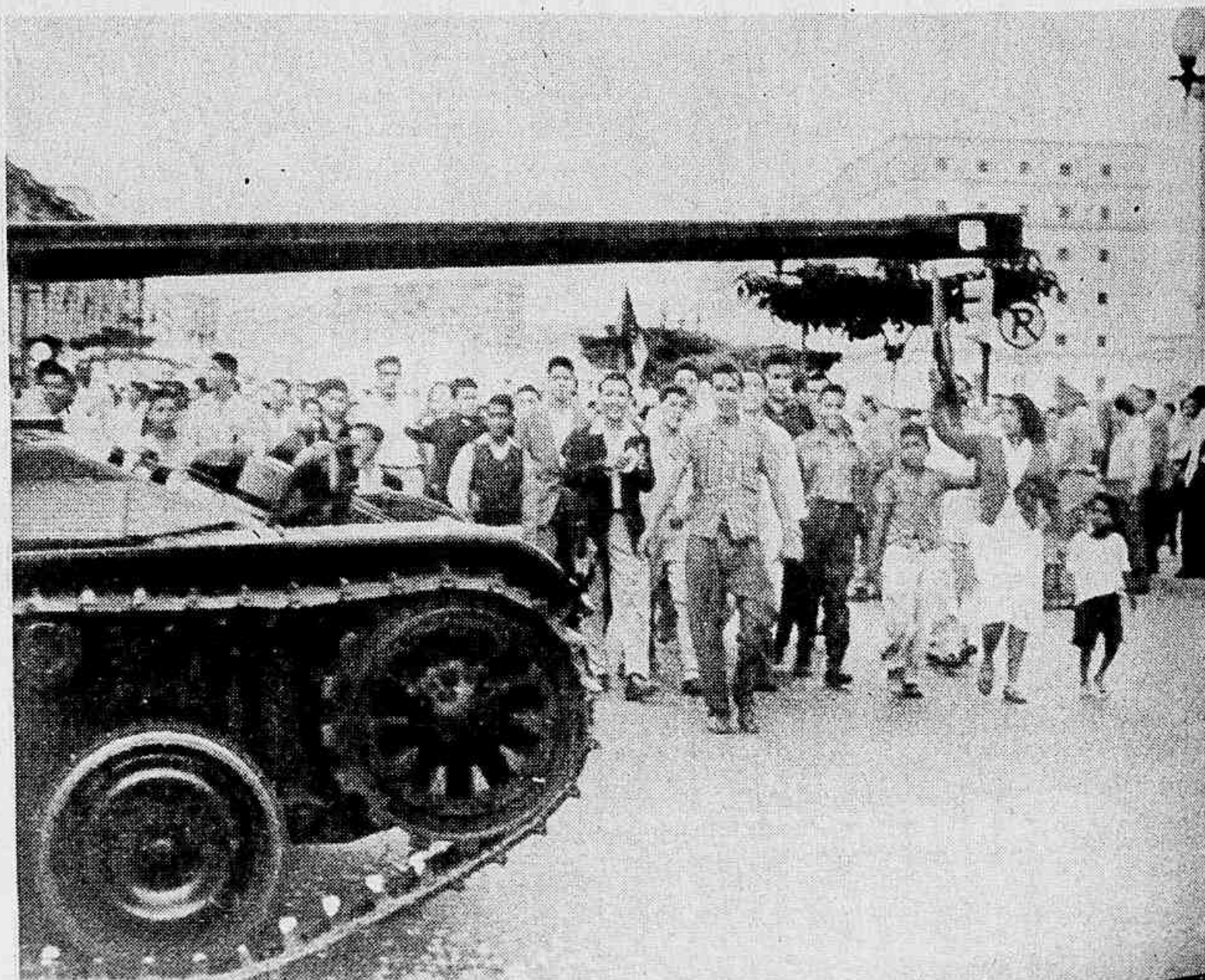
Por isso, o coronel, diretor da Guarda-Civil, puniu o guarda-civil Luís Gonzaga de Andrade, pilhado em flagrante delito, chupando picolé na rua Cosme Velho.

JIMENEZ

A JUNTA GOVERNATIVA da Venezuela publicou documentos segundo os quais o general Marcos Perez Jimenez, em agosto de 1956, aprovou e recomendou um plano de expansão que objetivava:

1. conquistar as três Guianas;
2. as ilhas inglesas, holandesas e francesas do Caribe, próximas à costa venezuelana;
3. penetrar em território colombiano e
4. conquistar terras brasileiras.

Um (agora) amigável tanque de guerra serve de primeiro plano a manifestantes, que saíram às ruas em Caracas para dar vivas à liberdade e morras aos agentes de Jimenez.



O plano foi imaginado por um presbítero de Maracay, autor de um livro intitulado "As Revelações de Adolf Hitler". Aprovado pela "Eminência Parda" do Regime — Rafael Pinzón — foi para as mãos de Jimenez acompanhado de um memorando. O general aprovou-o.

Estava datilografado em duas páginas (papel ofício, espaço um).

Na parte reservada ao Brasil o plano dizia: "... o único modo de assentar o direito no território é abrir vias de comunicação, fundar granjas agrícolas coletivas (...) e ir avançando, sem muito barulho de jornais e rádios, que mais prejudicam do que auxiliam nestes casos".

Jimenez governou os seis milhões de venezuelanos durante quase dez anos e sua meta era fazer do país o líder da economia latino-americana. Sua ditadura era do tipo salazarista. Seu maior erro foi tentar reeleger-se (a 15 de dezembro) numa eleição em que só era possível votar-se a favor ou contra ele. Com um revólver sobre a mesa, Laureano Vallencia Lanz (Ministro do Interior) anunciou a "estrondosa vitória" de Perez Jimenez aos jornalistas no mesmo instante em que era aberta a primeira urna.

Perez Jimenez foi uma espécie de menino-prodígio. Aos 31 anos era chefe do Estado-Maior; aos 34, dirigente da Junta Militar que governava o país; aos 38, presidente da Venezuela.

Jimenez gostava de correr nu, montado numa lambreta, atrás de mulheres também nuas, pelos campos de uma ilha a 160 quilômetros de Caracas, onde promovia bacanais.

A informação — contida num relatório apresentado à Junta Governativa por uma comissão de inquérito — abre um novo capítulo (desconhecido) na vida do ex-ditador. Ainda segundo o relatório, baseado em dezenas de testemunhas, Jimenez, depois de construir na ilha um palácio de 250 milhões de bolívares, ali realizava orgias indescritíveis.



“DOZE HOMENS E UMA SENTENÇA”

FONDA & JÚRI

O décimo terceiro jurado é o espectador.

UM RAPAZ de 18 anos, criado nos cortiços de Nova Iorque, está no banco dos réus pela morte do pai. Tudo é contra ele. (1) Tem ficha como delinqüente juvenil. (2) Pouco antes do crime foi agredido pelo pai e o ameaçou de morte em voz alta. (3) O velho do andar de baixo viu-o fugindo de casa, após ouvir o baque do corpo da vítima. (4) Cravado na vítima foi encontrado um punhal-canivete “de tipo raro”, arma proibida vista por muitos em poder do rapaz. (5) O acusado “estava no cinema”, mas não consegue confirmar esse alibi. (6) Vizinha da casa em frente viu-o matando o pai.

Na sala de deliberações, em uma tarde asfixiante de verão, os jurados votam: 11 a 1. O discordante, um arquiteto (Henry Fonda) não declara inocente o réu, mas vê razões para uma “reasonable doubt” (dúvida razoável). A lei exige decisão unânime. O voto solitário surpreende todos e irrita os que estão ansiosos para ir embora. “Nem o advogado do réu conseguiu destruir qualquer das evidências!” — clamam. “O advogado foi apontado pelo juiz e o caso não é tentador como glória ou recompensa material” — retruca o arquiteto. Após alguma argumentação, solicita nova votação, agora secreta. Resultado: 10 a 2. O mais intolerante (Lee J. Cobb), dono de uma agência de mensageiros, investe contra o Jurado N.º 5 (Jack Klugman), que, por ter sido criado em um cortiço, “deve” ser o novo discordante. Engano: foi o n.º 9 (Joseph Sweeney), velho aposentado, que se revela teimoso e perspicaz em suas dúvidas nascentes. A intolerância de Cobb e do Jurado N.º 10 (Ed Begley), proprietário de garagens cheio de preconceitos, irritam os mais ponderados tanto quanto a displicência dos Nos. 7 (Jack Warden) e 12 (Robert Webber). O N.º 7, vendedor, já veio para o tribunal com seu traje de torcedor e não quer chegar atrasado ao jogo de “baseball”. O 12 é um homem-clichê de agência de publicidade, que utiliza nos momentos mais impróprios seu “humor” profissional. Entre os defenso-

res mais firmes do veredito “culpado” estão um corretor da Bólsa (E. G. Marshall), frio e auto-suficiente; e um professor de ginástica (Martin Balsam), que dirige os trabalhos do júri. Influenciáveis pelos argumentos do arquiteto são o bancário (John Fiedler), homenzinho tímido que se levanta para oferecer “drops”; o pintor de prédios (Edward Binns), homem simples que se revolta com as grosserias de Cobb e Begley; e o relojoeiro (George Voskovec), refugiado europeu, cômico do valor da instituição do júri e de sua importância no mecanismo da democracia.

Desde o início o espectador sabe que o rapaz (John Savoca) será absolvido. Pouco a pouco, os adeptos de Fonda vão crescendo em número, até que, em circunstâncias patéticas, os mais intolerantes (Cobb e Begley) murmuram “Not guilty”. A história, muito bem engendrada, é de importância secundária. Sentado à mesa dos jurados, o espectador enfrenta um problema que, em primeiro plano, é o da falibilidade da instituição do júri e, em profundidade, o da responsabilidade individual e coletiva na democracia. O arquiteto é o intelectual, o homem que cultiva dúvidas e tem a coragem de discordar da maioria — mesmo esmagadora. Suas idéias sobre responsabilidade social, há poucos anos, poderiam figurar como infrações ao código de “americanismo” da Comissão de Atividades Anti-americanas. “Twelve Angry Men” (Doze Homens e Uma Sentença), sem alusões diretas aos problemas de intolerância na sociedade americana — contidos no plano político, porém, mesmo aí, não erradicados —, é uma das obras mais importantes na fase de revitalização democrática pós-macartista. E seus realizadores se inscrevem com destaque na vanguarda hollywoodiana que, mesmo no período mais negro da inquisição ideológica, não deixou de defender suas idéias, ainda que disfarçadas sob a fórmula do “western” ou dos “thrillers” de delinqüência juvenil.

90 dos 95 minutos se passam na sala de deliberação do júri. O resultado é um dos melhores já conseguidos com o problema da limitação especial no cinema. Embora baseado em uma peça de televisão (de 50 minutos) e intensamente dialogado, o filme não tem um momento que se possa acusar racionalmente de teatral. A irritação do confinamento na sala e a sensação de isolamento funcionam como elementos de exasperação dramática. A inépcia de vários personagens para a vida coletiva e responsável que a democracia exige torna-se flagrante. Tão flagrante que assusta os mais pensantes e até os obscurantistas, que, aqui e ali, reconhecem-se no ridículo ou no asco que o homem ao seu lado desperta.

“Doze Homens e Uma Sentença” é bem representativo da produção independente hoje à frente do progresso artístico e material do cinema americano. É barato, preto-e-branco, de proporções comuns, sem estrelismo, discute um problema sério, recusa todas as soluções fáceis (“flashbacks”, etc.) e qualquer pirotécnica formalística. Foi filmado inteiramente em Nova Iorque, usando vários atores que trabalhavam simultaneamente em elencos teatrais. Além de alguns atores e do diretor-de-arte (Bob Markell), o realizador (Sidney Lumet) e o escritor (Reginald Rose) vêm da televisão. É o primeiro filme de Lumet, homem de 32 anos e grande experiência na TV. A produção é de duas companhias independentes ligadas à United Artists: Nova (de Henry Fonda) e Orion (de Reginald Rose).

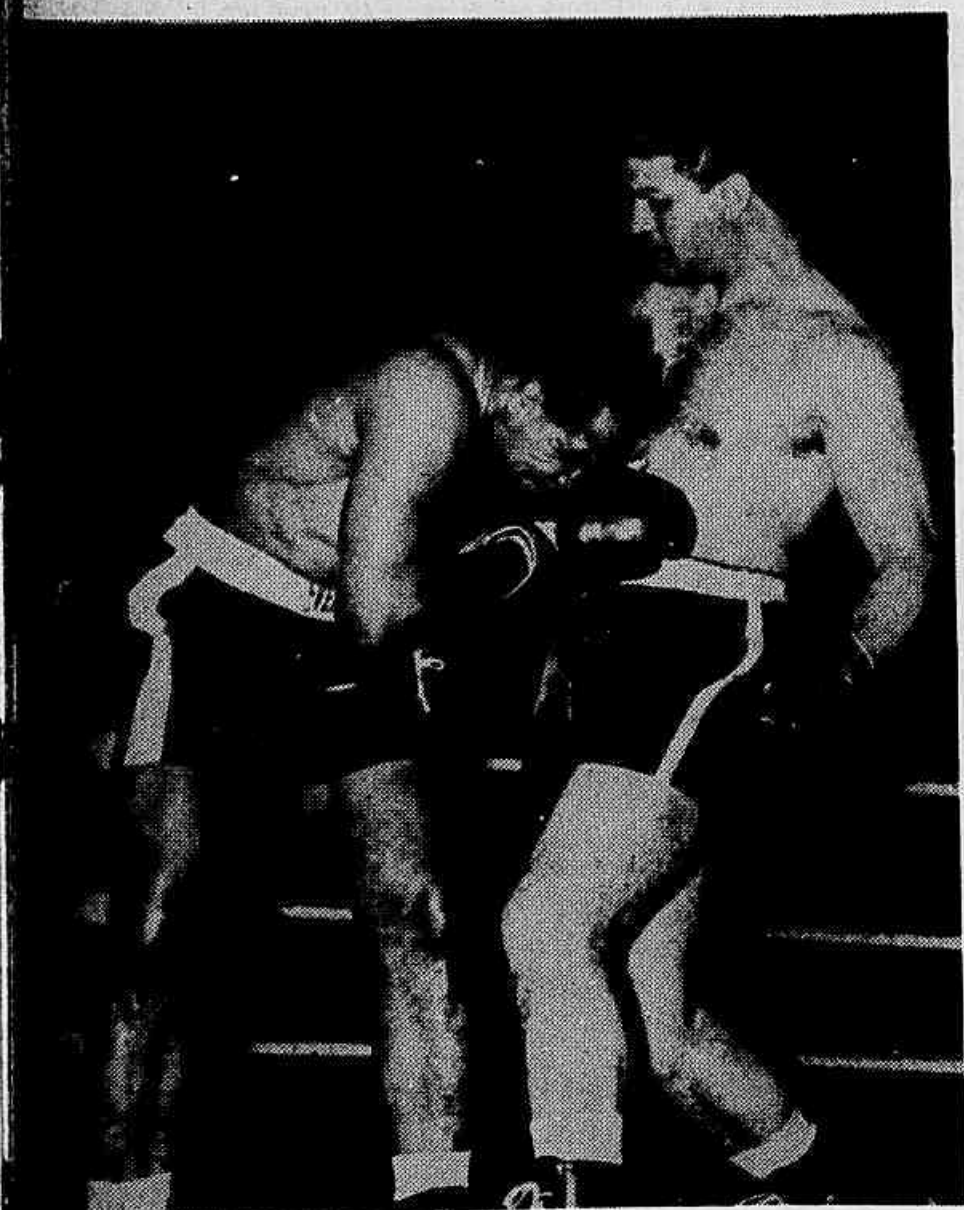
No elenco, perfeito, Fonda e Sweeney (73 anos de idade, 52 de carreira) estão impressionantes, seguidos a alguma distância por Lee J. Cobb, Ed Begley e E. G. Marshall. A fotografia é digna do mestre Boris Kaufman. A música entra hábil e raramente. Enfim, “Doze Homens” é um filme de visão obrigatória e uma estréia que poderia levar a assinatura de um Zinnemann ou um Wyler.

MADAME ARCHIE MOORE

UMA
MULATA
LOURA
CHAMADA
JOANA



RENA (a filha de Archie Moore) tem dois dentes brasileiros.



EXTRA



ELA TEM confiança no marido ("êle ainda não tem o osso do nariz quebrado") mas torce até na luta contra Júlio Neves.

JOAN é uma mulata bonita e vistosa: tem 1,90 metros de altura, cabelos curtos pintados de louro avermelhado, e faria sucesso num samba em Mangueira. Mulher de Archie Moore, acompanha o campeão em tôdas as suas viagens.

Atualmente, Joan não trabalha fora, mas, antes de casar (há dois anos), era modelo profissional. "Por isso não sou dessas donas-de-casa que gostam de ficar com os braços cruzados", diz. Em casa prepara todos os alimentos de Archie, encarregando-se também das dietas do marido. "Êle não fuma nem bebe; come carne mal passada, mas antes das lutas prefere somente saladas. Mas sua comida tem um segredo, que não posso contar", observa.

O casal Moore veio com Rena, a filhinha de quatro meses. Em São Paulo nasceram os dois primeiros dentes de Rena, e Joan contratou uma babá paulista — D. Laura — para cuidá-la durante o tempo que ficassem no Brasil (até o dia 4). D. Laura não fala inglês ("Mas nos entendemos bem", diz Joan), e já se afeiçoou à menina, que come sopinhas de legumes, frutas amassadas, leite em pó, e é muito bem comportada. A babá apenas estranha os métodos americanos de limpeza. "Rena quase que só toma banhos de óleo, e todos os dias passa por uma sessão de massagens".

VIDA NOS STATES

Em San Diego, Califórnia, mora a família Moore. Cada um tem o seu carro e passam as férias em um rancho que compraram há tempos, distante de casa 20 minutos de avião.

Joan quer ter mais três filhos, e Archie mais cinco. Quando Rena tinha pouco mais de uma semana, Joan foi a Nova Iorque assistir a uma luta de box, que sempre foi o seu esporte favorito. Está sempre na primeira fila quando o marido luta e depois discute com êle a sua atuação.

— Sempre gostei de esportes, e o box é o meu favorito, mesmo antes de conhecer Archie. Gosto também de futebol e basquete, que joguei nos tempos de colégio, afirma Joan.

Conheceu Archie em 1951, pouco antes dêle viajar para a

Argentina. "Amigos planejaram o nosso encontro, mas eu não sabia quem seria o meu par. Nem conhecia Archie, que então ainda não era campeão". Os dois conversaram sobre vários assuntos, menos box — os lutadores geralmente não gostam de falar na sua profissão. Desde então se encontraram algumas vezes, sempre interrompidas pelas "tournées" de Archie. "Até que em 1956 resolvemos casar", contam. Agora Joan já fala de box com o marido: entende do assunto como um técnico, e o ajuda muito.

As preocupações — fora as que antecedem uma luta importante — não existem para o casal Moore. Joan não pensa quando Archie deixará de lutar. "Enquanto êle puder ser o campeão não vejo motivos para me incomodar com isso. Esta é a única profissão que êle pode ter, ganhando tão bem", confessou, observando: "Êle lutá há 22 anos mas nunca foi ferido gravemente: não tem ossos quebrados e nunca partiu sequer o nariz, como acontece geralmente com todos os boxeurs".

Naturalmente Joan fica agitada nas lutas, mas justifica-se dizendo: "Ê porque adoro o box. Mas, antes de tudo, tenho confiança em meu marido".

Joan gostou de São Paulo, onde comprou vestidos (achando caro), sapatos e muitos presentes para levar para casa. Ficou apenas aborrecida porque na luta de Archie com Luisão sentou-se muito longe do ringue. Sobre Luisão observou: "O rapaz ficou rodando o tempo todo em volta de Archie, como uma bicicleta. Mas estava dentro das regras de defesa pessoal".

CONVERSANDO COM Léo Batista e Teti Alfonso (da televisão) Archie Moore desmentiu que tivesse dito a uma revista semanal carioca que pode nocautear Luisão a qualquer hora. Disse apenas (na entrevista) que tivera uma ótima oportunidade de vencer Luisão no 2.º "round" mas essa oportunidade fugiu e por isso a luta foi até o 10.º "round".

O sr. Archie Moore lutou contra um cidadão português, ex-lutador de catch.

TRAJANDO UM ELEGANTE terno azul-marinho, gravata escura e sapatos pretos, ao lado de sua mulher, D. Naná, no apartamento da rua Barão do Flamengo, Afonso Arinos de Melo Franco, eleito para a vaga de José Lins do Rêgo na Academia Brasileira de Letras diz ao repórter da REVISTA DA SEMANA que ainda não tomou posse porque está fazendo muito calor.

Ele e D. Naná são a favor da Academia, mas não gostam do fardão — “coisa superada, muito feia” — e acham que o fardão devia ser de linho. Como não é, Afonso Arinos só tomará posse no inverno, em junho ou julho.

AFONSO ARINOS DE MELO FRANCO é mineiro de Belo Horizonte e tem 52 anos de idade. Este ano ele e D. Naná completarão 30 anos de casados. Têm 2 filhos: Afonsinho (diplomata) e Francisco Manoel de Melo, que tem esse nome porque seu pai sempre admirou o escritor português Francisco Manoel de Melo (do século XVII), que considera superior a Vieira.

Afonso é político, deputado federal (por Minas Gerais) há 12 anos e agora vai ser

candidato a senador pelo Distrito Federal. É o líder da Oposição na Câmara. Tem vários livros publicados, é considerado bom escritor e grande orador. Mas ele sempre foi contra a Academia de Letras. Conta:

1. Tomou parte na “fase carioca” do movimento modernista que combatia tenazmente a Academia e os acadêmicos. Dêsse movimento participavam Ronald de Carvalho, Guilherme de Almeida, Ribeiro Couto e o dirigente, o “herói” era Graça Aranha. Todos os líderes anti-acadêmicos eram freqüentados por Afonso Arinos e seus companheiros da Faculdade de Direito. Mas havia quem lhe lembrasse a fábula da rapôsa e as uvas.

2. Nessa época conheceu Manoel Bandeira, que publicara “O Carnaval”. “Época de deslumbramento”. Foi dêsse movimento intelectual que surgiu o modernismo. Depois apareceu no Rio um rapaz inteligente, de bigode, vindo dos Estados Unidos com um cartão de visitas assim: J. J. Gomes Sampaio. Era Gilberto Freire. “Gilberto fez a renovação histórica do país e essa renovação começou com “Casa Grande e Senzala”, obra extraordinária”.

3. Aí o movimento foi tomando aspecto político, passando da estética à política. E Afonso Arinos, que tinha política no sangue, sua família era de políticos, fez os seus primeiros ensaios, “Introdução à realidade brasileira” foi o primeiro e causou sucesso, sendo considerada obra importante. Daí para cá Afonso vem escrevendo e fazendo sucesso. Acabou sendo eleito para a Academia de Letras na vaga de um dos maiores romancistas brasileiros, José Lins do Rêgo, morto no ano passado.

4. **OPINIÕES:** para Afonso Arinos, Guimarães Rosa não existiria como escritor se não tivesse existido Mário de Andrade. A diferença: Mário tinha uma linguagem polêmica, exemplo é Macumáima. Guimarães Rosa tem o poder de passar o modismo popular para a linguagem literária (ex. Grande Sertão: Veredas). “É uma linha que podemos chamar de esquerdista, revolucionária na literatura brasileira. José Lins também foi um esquerdista literário, o maior romancista do grupo nordestino, descreveu a desagregação dos escravocratas do açúcar de maneira extraordinária.”

5. “A obra de Guimarães Rosa é im-

AFONSO ARINOS: AS UVAS AMADURECERAM AOS 52 ANOS



A esposa do líder reserva-se para o lar, não gostando de ser fotografada

portantíssima e se o seu valor está sendo discutido é porque tem valor, isto é coisa natural. Rosa é o próprio diabo, diabo que é diferente dos outros. Explicação: José Lins também era diabólico, mas o seu diabo era fantasiado, visível, andava pulando por aí, saltitante, metendo medo só às crianças. O diabo de Rosa é outro, é um diabo que mete medo no escritor, ele vem do interior do próprio autor. Obra de Guimarães Rosa é uma grande contribuição ao diabo, ao novo regionalismo brasileiro".

6. "Graciliano foi grande escritor, estilo cortante, linguagem metálica, Gilberto Amado tem linguagem seca, brutal, selvagem. Jorge Amado tem uma obra mais cenográfica, meia universal. Eça é mais romancista que Machado, cujos romances são novelas um pouco longas. Eça é autêntico romancista. Eça foi quem mais marcou a sensibilidade literária de Afonso Arinos, quando ele ainda era colegial. "Vivíamos naquele tempo uma atmosfera eciana".

7. **BRASILEIROS:** Castro Alves, Casimiro de Abreu, Visconde de Taunay, os preferidos entre os românticos. Parnasianos: Raimundo Corrêa. Simbolistas:

Afonso Guimarães. Modernos: Bandeira, Drumond, Cassiano Ricardo. Gosta de Machado (apesar da ressalva) e Lima Barreto.

8. **ESTRANGEIRO:** Schiller, Goethe, Appolinaire. Lê Appolinaire hoje com o mesmo encantamento de vinte anos atrás. E diz: há 20 anos Appolinaire cantou, quando subiam os primeiros aviões, a superioridade de Cristo. "Cristo sobe sempre mais alto". Hoje o sputnik sobe mais alto que os aviões, mas a altura é relativa e é até ridícula comparando-se a distância das estrêlas. Cristo sobe mais alto ainda, Appolinaire continua atual.

9. Afonso Arinos teve sua fase mineira com "Dirceu e Marília". Agora está preparando uma grande contribuição às "Cartas Chilenas". Está no rastro de um documento muito importante para sua tese.

10. Ainda não marcou a data da posse na Academia. Diz que "reencontra-se, agora, com a Academia, que não é, como muitos querem, usina de literatura.". "A Academia não cria. Seu papel é decantar, depurar e consagrar os valores da renovação literária, tornar clássico o que é revolucionário. Sinto-me bem como

acadêmico, porque tudo o que escrevi há 22 anos, tido como revolucionário é clássico hoje. Tudo o que fiz se incorporou aos valores efetivos da cultura nacional".

11. A Academia Brasileira de Letras começa a incorporar ao seu seio as figuras que deixam de ser tumultuosas para serem clássicas. Ela é hoje como a Igreja: ambas progridem, acompanham o progresso social, socializam-se. Enquanto a Igreja vai adotando (desde que não fira os seus dogmas) as coisas novas da sociedade, a Academia vai incluindo entre os seus membros os novos, revolucionários.

12. Na posse (quando o inverno chegar, porque agora o calor não deixa ninguém agüentar o fardão) Afonso Arinos vai falar sobre o seu antecessor, o romancista José Lins do Rêgo.

"Não me prenderei ao Zé Lins sociológico. Interessar-me-ei pelo Zé Lins evocador, simbolista, romancista e poeta. A parte sociológica de sua obra está em segundo plano. Fixar-me-ei no romancista, e não no sociólogo".

Afonso Arinos está relendo toda a obra de José Lins do Rêgo para preparar o seu discurso de estréia na Academia.





NO ESPAÇO

SEGUNDO ANUNCIOU o jornal comunista italiano "Unità", a União Soviética vai lançar ainda durante este Ano Geofísico uma nova lua artificial.

Reproduzindo um despacho de Moscou (1.ª página, dia 27) o jornal diz que o "Sputnik III" será lançado "breve" e que:

1. a luazinha pesará duas vezes mais que a segunda lua artificial da Terra (que pesa 508 quilos);

2. será lançada "mais alto" que os "sputniks" anteriores.

O "Unità" não informa o que significa — no tempo — "breve"; embora o ano Geofísico termine a 30 de junho deste ano. Também não informa quanto representa — em quilômetros — "mais alto".

Mas os observadores científicos garantem que:

1. a ser verdadeira a notícia (ainda não confirmada) os russos estão muito mais à frente dos americanos do que se imaginava até agora (e do que os americanos esperam);

2. bem sucedido o lançamento, os cientistas soviéticos podem garantir que estão, verdadeiramente, a um passo da Lua, uma vez que a plataforma espacial poderá ser lançada muito breve — em menos de um ano;

3. e estará confirmada a teoria, segundo a qual os russos têm um poderosíssimo combustível, de novo tipo (possivelmente à base da fusão nuclear, que os americanos anunciam como "possível, dentro de 20 anos");

4. além disso, não restará dúvida de que os russos serão os primeiros a chegar à Lua em condições 100;

5. mas pensam (por outro lado) que "ainda não é provável" tal lançamento russo, "embora não seja impossível" e deva-se dar crédito ao que eles anunciam neste campo".

EXTRA

GENTE

TRANSFERINDO (A PEDIDO DELA) para o Rio a funcionária Ester Zinsly, do governo de São Paulo, o governador Jânio Quadros permitiu que ela se casasse (a 1.º de fevereiro último) com o halterofilista carioca Ricardo de Vasconcelos Calmon, casamento que, segundo a própria noiva, "estava ameaçado pela distância que me separava do meu bem-amado".

O casamento se realizou na Igreja de São Judas Tadeu (Rua Cosme Velho, Rio) e o governador Jânio Quadros, especialmente convidado pelos noivos com uma cartinha cujo final dizia: "... esperamos merecer a honra de receber V. Exa. e Exma. Família..." mandou-lhes um telegrama de felicitações, enviando-lhes através do Escritório do Estado de São Paulo no Rio, muitas cestas de flores.

Ester Zinsly conheceu Ricardo Calmon

quando passava as férias em Vila Forte, São Paulo. Foi "amor à primeira vista". Quando desejaram se casar, a moça sentiu que a distância seria grande obstáculo: ela trabalhava em São Paulo, ele no Rio (na seção de compras da Santa Casa). Resolveu escrever para o governador Jânio Quadros, pedindo transferência para o Escritório do Estado de São Paulo no Rio. O governador recebeu a carta e expediu ao secretário da Fazenda o despacho: "Mestre Carvalho Pinto: vamos ajudá-la a casar?". E numa carta com timbre oficial do Palácio do Governo, Ester Zinsly recebeu a resposta, tempos depois:

"A Ester e noivo. Parece que ajudei. Ajudem-se agora. Em 14 de maio de 1957. a) Jânio Quadros".

Ester e Ricardo fizeram segredo do local onde passarão a lua-de-mel.

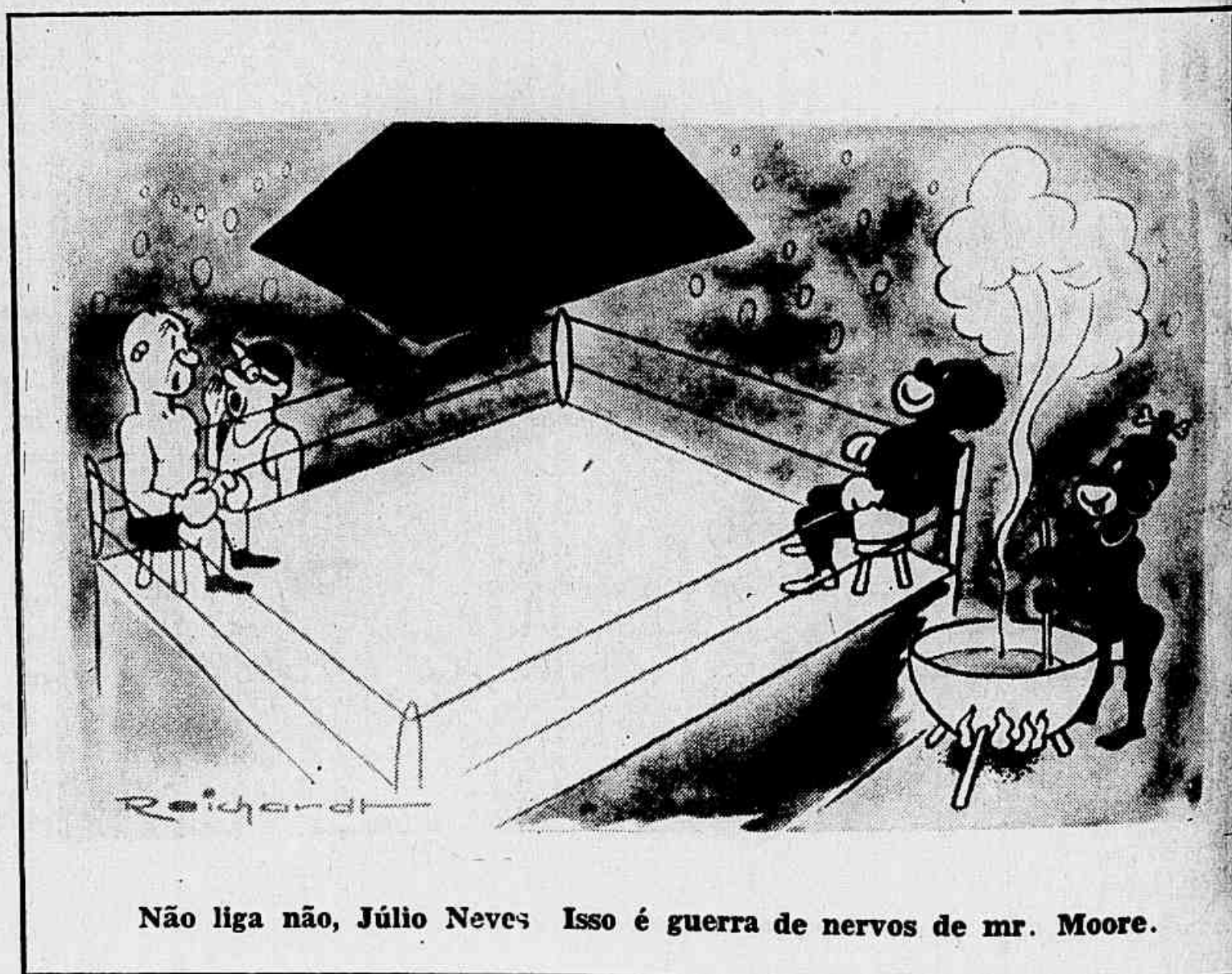
ESPORTE

APESAR DA DEMISSÃO do sr. Paulo Machado de Carvalho da função de supervisor da seleção brasileira que vai à Suécia disputar a Copa do Mundo, ainda não foi superada a crise no futebol nacional que tem como principal foco a escolha do técnico para o "scratch".

O motivo da demissão do sr. Paulo de Carvalho, após uma hora e vinte minutos de discussão com os presidentes da CBD (João Havelange) e da Federação Paulista de Futebol (Mendonça Falcão) foi por causa da intransigência do primeiro presidente em preferir Fleitas Solich para técnico da seleção, enquanto o demissionário preferia Flávio Costa.

Com o sr. Paulo de Carvalho fora da supervisão do selecionado, prosseguem as reuniões "extras" entre os dirigentes do futebol brasileiro, mas diz-se que Vicente Feola vai-se demitir da função de preparador físico e que Fleitas Solich, apesar de ser o preferido do presidente da CBD, não aceitará ser técnico do selecionado.

Há um terceiro nome — Sílvio Pirilo. Mas ele não é diplomado.



Não liga não, Júlio Neves Isso é guerra de nervos de mr. Moore.



ENCARTE

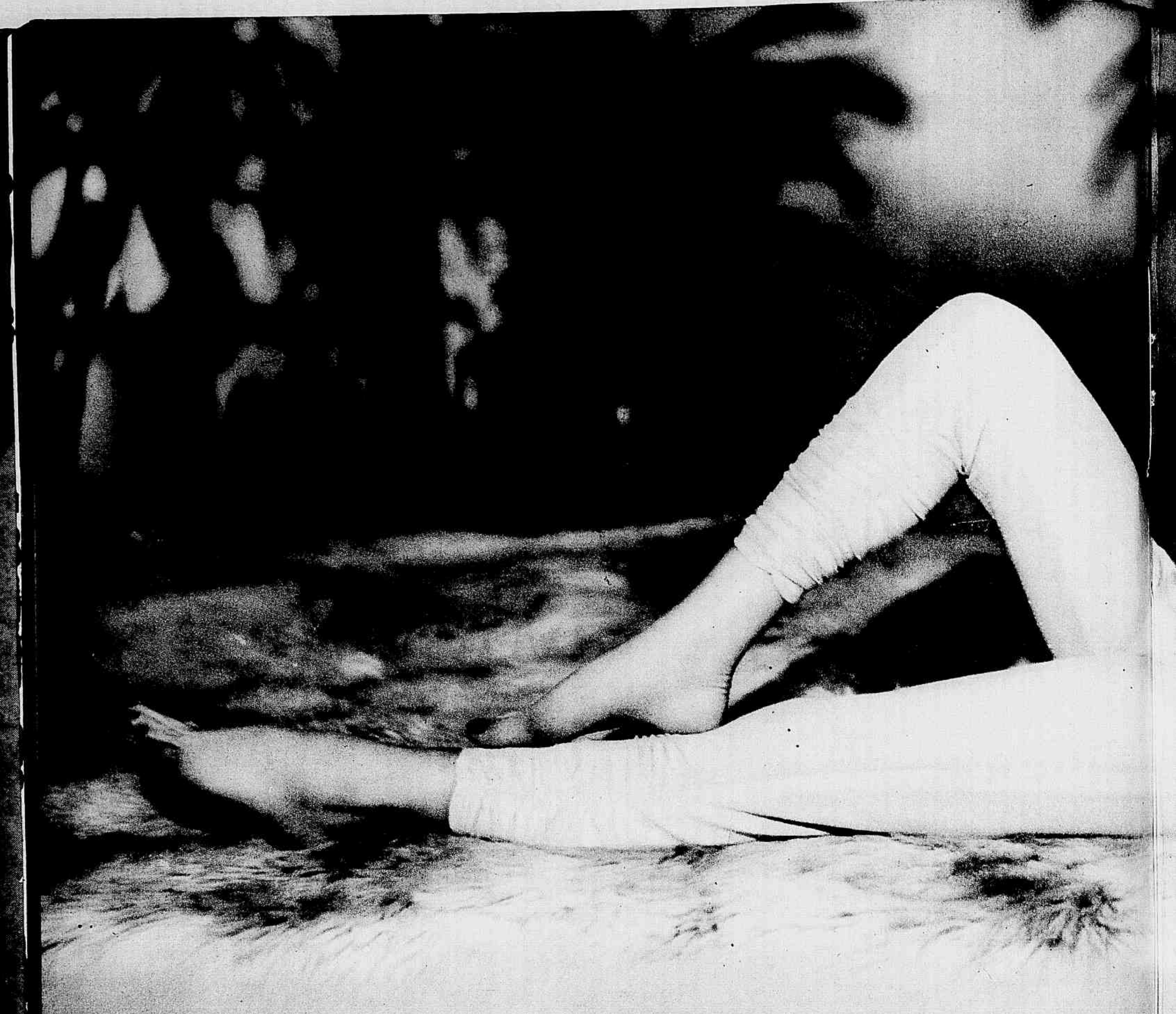
ÊLES VOAM PARA NILZA

NINGUÉM PASSA CORENDO defronte do balcão da Real no Aeroporto Santos Dumont (a não ser as mulheres). Motivo: Nilza Barata Ribeiro, uma morena de olhos e cabelos pretos, lábios polpudos e curvas em S, que trabalha lá.

A gente vem andando, rápido que o alto-falante está chamando para o portão A, e encontra a moça. Diminui os passos, passa devagarinho e — se o alto-falante não insiste “queiram apresentar as suas despedidas” — senta um pouco nas poltronas mais concorridas do aeroporto.

Um dia, imaginem, tiraram a moça para ir trabalhar no escritório. O Departamento de Promoções descobriu que isto era ótimo para o pessoal do escritório, mas que funcionava mal para o pessoal que ia ao balcão.

Resultado: veja na página 38.



Agora ligando as Américas

Scheherazade... um vôo

Quando você voa com velocidade Super-H, rumo à Argentina ou aos EE. UU., num Super-H Constellation da Real, você se imagina nas asas de um tapete mágico. Neste belo e gigantesco avião, luxuosamente decorado, a técnica previu todos os detalhes de uma viagem maravilhosa. Sim... conheça o máximo que a aviação da hora presente oferece a um passageiro. Reserve o seu lugar no vôo "Scheherazade" do Super-H Constellation.

VELOCIDADE SUPER-H

Desenvolvendo mais de 500 kms. por hora, o Super-H da Real cobre a rota São Paulo - Buenos Aires em 3:30 hs.; Rio-Caracas em 9:15 hs.; Caracas-Miami em 4:45 hs.; Miami-Chicago em apenas 3:30 hs.

SERENIDADE DE VÔO SUPER-H

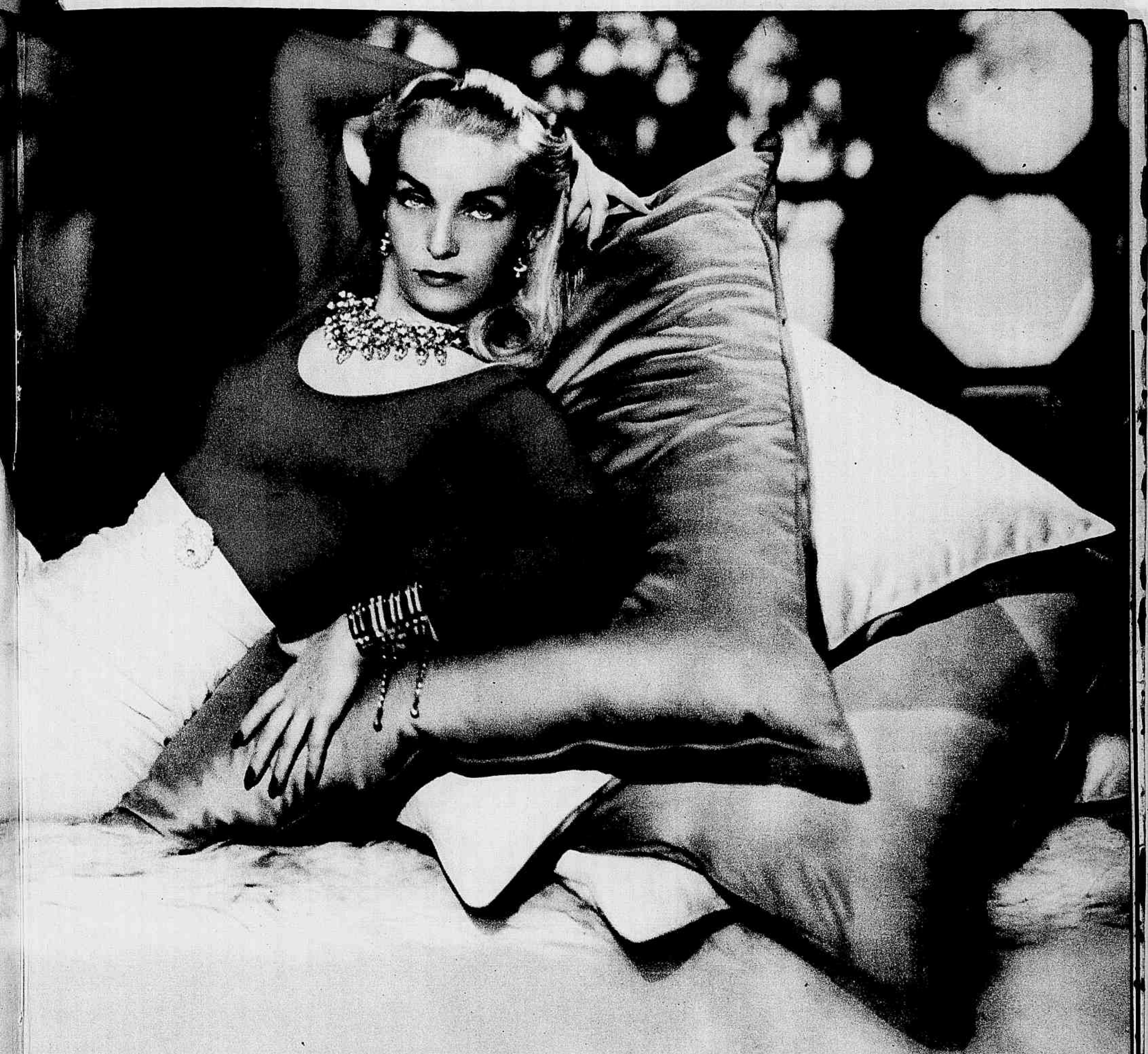
Faz sempre bom tempo para quem viaja no Super-H Constellation. Os olhos vigilantes do Radar permitem escolher no céu a rota mais tranquila. Resultado: um vôo excepcionalmente sereno, sem turbulências nem vibrações... e a viagem mais agradável de sua vida.

CONFÔRTO SUPER-H

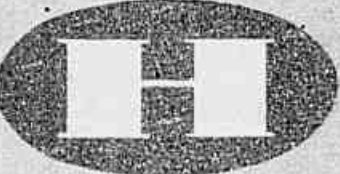
Ambiente de grande hotel de luxo. Música a bordo. Grandes e macias poltronas que se estendem para o seu repouso. Ar condicionado. Sistema de pressurização Super-H: mesmo estando a quilômetros de altura, você goza a pressão do nível do mar.

SERVIÇO SUPER-H

Atendido por gentis aero-moças, que falam inglês e português, você terá a bordo apetitosas refeições quentes... deliciosas bebidas e cocktails... e aquela tradicional hospitalidade brasileira que a Real faz questão de oferecer em suas linhas internacionais.



Ve sonho aos
Estados Unidos no

Super  Constellation



Para informações
e reservas, consulte a sua
agência de viagens ou a



REAL

**AEROLIAS
NACIONAL**

a maior
organização de transportes
aéreos da
América Latina



SÓ UMA LENTE GRANDE ANGULAR DÁ DE NILZA O INDISPENSÁVEL

NILZA BARATA RIBEIRO (que tem um parente rua em Copacabana) voltou voando para o balcão.

Além de ser "Miss Sweter", ela é "a recepcionista que fica mais perto do cliente, mesmo guardando distância" — por motivos óbvios. Mas a moça não gosta muito que se fale sobre isso, assim como não gosta de tirar retrato de maiô.

Dizem os bem-aventurados que ela tem bonitas pernas e nenhum motivo para deixar de posar em roupa de banho.

Informação de Hélio Polito aos fotógrafos amadores que gostam de moças bonitas como assunto: para fotografar Nilza é preciso estar equipado com uma lente grande angular.



A SITUAÇÃO DE PERÓN é a seguinte :

1. Foi obrigado a sair da Venezuela em 48 horas

2. chegou à Ciudad Trujillo não como convidado do general Trujillo (como anunciaram os peronistas e o próprio Perón declarou aos jornalistas que o foram entrevistar na embaixada da República Dominicana em Caracas), mas como refugiado político;

3. lá, foi bem recebido, inclusive com algumas honras indevidas (uma vez que ele não é chefe de Estado);

4. mas não poderá ficar muito tempo porque Trujillo diz que o ditador Perez Jimenez caiu mais depressa por causa da presença de Perón na Venezuela;

5. e porque — dizem — Perón dá azar (o que deve ser muito importante para Trujillo, um supersticioso);

6. o ex-ditador argentino irá para a Espanha;

7. onde terá muito pouca atuação e onde — em menos de dois anos — estará completamente esquecido;

8. a não ser que (hipótese pouco provável) o peronismo tenha uma vitória decisiva nas próximas eleições;

9. Perón escolheu a Espanha por ser o único país que lhe garantiu o que ele chamou "o mínimo de liberdade de movimentos necessário";

10. uma pessoa insistiu muito junto a Trujillo pela permanência de Perón na República Dominicana : Flor de Oro. Mas o povo murmurou muito sobre a possibilidade de um novo romance, desaprovando a conduta da ex-mulher de Porfirio Rubirosa.

Quem deu 48 horas a Perón para sair da Venezuela foi a Junta de Governo, baseada em documentos que provariam ter o ex-ditador argentino aconselhado Perez Jimenez sobre a maneira de agir para se manter no poder.

Aliás, a imprensa de Caracas atacou violentamente a Perón, publicando estes documentos. Os conselhos de Perón a Jimenez :

1. incluir nas fileiras da Polícia elementos fortes do Exército, para controlá-la;

2. exercer mais controle sobre a imprensa;

3. e sobre os meios de comunicação;

4. suprimir as garantias individuais e

5. assumir, firmemente, o controle dos sindicatos.



DEMOCRACIA PEQUENINA

ESTA SEMANA, 931 dos 1 216 eleitores homens de Mônaco foram às urnas para a eleição do Conselho Nacional.

Dos 18 membros eleitos, 11 têm uma plataforma segundo a qual se comprometeram a redigir uma nova Constituição "muito mais liberal" para o Estado.

Observadores políticos da Europa dizem que isto representa "uma tentativa de democratização do regime de Mônaco".

Realmente, os 11 Conselheiros prometeram inclusive — renunciar, se o príncipe Rainier III se recusar a sancionar a nova Constituição.

Acredita-se que a princesa Gracia de Mônaco (née Grace Kelly) leve seu marido a aceitar a democratização do país.

As mulheres (962) só votam nas eleições municipais, mas a maioria (76%) forma na corrente que vem pleiteando a reforma.



MODA

EMBORA OS COSTUREIROS parisienses guardem com o máximo cuidado o segredo das suas próximas coleções, o bege será a cor favorita para a moda

em 58. Mas o azul será a cor mais elegante, enquanto o rosa tentará ocupar um lugar de destaque.

Os modistas e as cores :

Yves Mathieu Saint-Laurent (o sucessor de Dior) escolheu a seda "tourquoise lavée" — um azul turquesa esmaecido, como o padrão máximo, e vai usá-lo nos modelos mais importantes.

Jean Desses preferiu o amarelo quase rosa e o "rose diamant".

Guy Laroche fica com o alaranjado pálido.

Cardin lança o "mandarine pas mûres" — amarelo alaranja com tons esverdeados.

Lanvin-Castillo escolheu o "bleu celeste", azul puro.

Manguin deu preferência ao "saumon frais", que é um rosa alaranjado, vivo.

Heim, Laroche, Madeleine de Rauch e outros costureiros menores estão de acordo com o rosa, mas talvez seja difícil convencer (principalmente em Paris) que o rosa não é cor de casamento no interior.

Dior (foto) já havia decidido que a cor do ano seria o bege para a tarde e o azul para a noite.



O engenheiro tocou o apito e o edifício caiu para dois mil assistentes

O APITO DE UM engenheiro da Prefeitura que fiscalizava o local anunciou a cerca de 2 mil pessoas que esperavam há dois dias a catástrofe, o desabamento do edifício São Luís Rei (Rua Figueiredo Magalhães, 712, 12 andares, Copacabana) ocorrido às 19,55 horas de 30 de janeiro último.

O edifício tombou sobre outros três, que estavam pelas suas costas, na rua Décio Vilares, provocando a subida perigosa de gás despreendido das tubulações, mas não houve um arranhão sequer em qualquer pessoa. A sra. Rute Ferreira de Almeida, presidente da instituição Casa de São Luís para a Velhice, a quem pertence o prédio, disse que "o edifício caiu com nobreza, em pé, como um jequitibá".

Há seis meses, o Edifício São Luís Rei, em construção, saiu do nível, cedendo poucos centímetros. A providência imediata dos responsáveis foi a paralisação das obras. Como, entretanto, não houvesse progresso no desnível, as obras continuaram.

O primeiro estalido forte que se ouviu na estrutura do edifício foi sexta-feira, 13, segundo declarações de um dos operários que trabalhavam nas obras de reforço da fundação, de responsabilidade das Estacas Frank.

O operário, ao ouvir o estalido, correu até o tabique e disse ao engenheiro-chefe que se encontrava vistoriando a obra, na ocasião, que não mais trabalharia. O engenheiro lhe disse que "não há nada, isso é assombração que você deve ter ouvido".

Mas na manhã de 30 de janeiro a situação agravou-se. Reconhecida a inutilidade dos esforços que vinham sendo feitos para salvar o prédio, os trabalhos foram suspensos. O comissário Vasques, do 2.º D.P., ao dar ordens à guarnição da RP-24 para interditar o quarteirão, comentou:

— Qual! Esse prédio não dura em pé até ao meio-dia!

Desabava às 19,55 horas do mesmo dia.

Os prédios afetados pelo desabamento do São Luís Rei foram: Rua Décio Vilares, n. 6, com três andares, atingido parcialmente, mas ficando imprestável para moradia, impondo-se a sua demolição; a casa n. 22, da rua Décio Vilares, residência do sr. Adroaldo Cardia, que ficou inteiramente destruída; o edifício de quatro andares, nos fundos da mesma casa, também destruído; um edifício de quatro andares, no n. 36, também destruído totalmente; o prédio n. 52, de quatro andares, parcialmente destruído.

Um inquilino de um dos prédios que seriam atingidos pelo desabamento ofereceu 15 mil cruzeiros a quem fôsse retirar sua geladeira e seu aparelho de televisão do apartamento em que residia. Um voluntário se apresentou, pedindo pagamento adiantado, pois "se morresse, morreria com dinheiro no bolso..." O negócio foi fechado, mas a Polícia interveio e interditou toda a área.

O engenheiro-fiscal das obras, sr. Luís Camargo, revelou que o terreno onde estava o São Luís Rei é pantanoso, de argila, formando uma massa elástica. Fincava-se a estaca e, decorrido algum tempo, a estaca subia. As estacas empregadas tinham 21 metros, enquanto as do edifício vizinho, da mesma altura, eram de 27 metros.

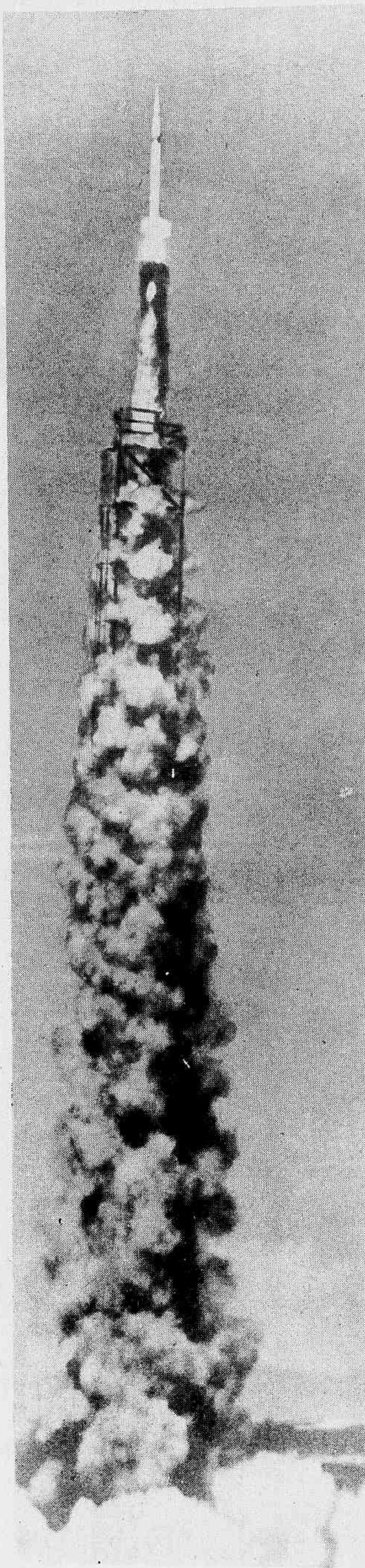
O prefeito Negrão de Lima compareceu ao local às 23 horas, lamentou o acidente, mas disse que "devemos estar alegres por não ter havido vítimas". Adiantou que "uma vistoria constante e total pelos engenheiros da Prefeitura nos prédios da cidade não pode ser feita não só porque não dispomos de pessoal suficiente, como também porque a maioria das construções está entregue a firmas de reconhecida capacidade técnica".

A sra. Ruth Ferreira Almeida, presidente da Casa de São Luís para a Velhice, disse que foram invertidos 26 milhões de cruzeiros na fundação do prédio e que no mesmo local será construído um outro edifício, com o mesmo nome. Ela ingressou em juízo com um pedido de vistoria "ad perpetuam" para apurar as causas e responsabilidades pelo desabamento.

O diretor do Departamento de Edificações, disse: "A responsabilidade dos projetos, dos cálculos e das conclusões das memórias apresentadas cabe, exclusivamente, aos profissionais que as assinarem e a de execução das obras aos que tiverem assinado os projetos como responsáveis por essa parte, não assumindo a Prefeitura em consequência da aprovação dos mesmos projetos e cálculos ou memórias e de fiscalização das obras pelos seus representantes, qualquer responsabilidade técnica sobre qualquer dessas partes".

O Edifício São Luís Rei destinava-se a renda de aluguéis. Suas fundações eram da firma "Ferro Betom", empregando-se estacas "Duplex", com 20 e 21 metros de profundidade. O cálculo da estrutura fôra do professor Antônio Alves Noronha e o levantamento do prédio era da responsabilidade da firma Oliveira & Ferculano.

TIO SAM SOLTOU UMA LUA



"OS CIENTISTAS SOVIÉTICOS sentem-se felizes pelo êxito dos seus colegas norte-americanos" — declarou o sr. Alexandre Nesmevanov, presidente da Academia de Ciências da União Soviética, ao saber que um "Júpiter C", do Exército Americano, havia conseguido fazer entrar em órbita a primeira lua artificial dos Estados Unidos.

O satélite foi batizado — oficialmente — como 1958 Alfa", pelo acordo russo-americano de identificação das luazinhas. Mas tem um nome próprio: "Explorador". No entanto, a equipe que construiu a lua americana chamou-a de "Juno" (a mulher dos deuses).

Data do lançamento: 31 de janeiro.

Hora: 22,50, local (20 horas no Rio de Janeiro).

Local: Cabo Canaveral, Flórida, USA.

Especificação: tem o formato de uma bala de canhão; pesa 13 ks, 365 grs; mede 15 cm de diâmetro e 76,2 cm de comprimento.

Também transmite sinal sonoro, "bem mais musical que o "bip-bip" dos "sputniks", que vários radioamadores classificaram como "um i contínuo, musical e ligeiramente modulado". O sinal é cifrado, mas o código foi publicado por uma revista de radioamadores nos Estados Unidos.

O Departamento de Defesa dos Estados Unidos entregou aos jornalistas — cinco minutos após o lançamento — um comunicado oficial que dizia:

"Como parte do Plano-Satélite do Ano Geofísico Internacional, o Exército lançou ao espaço, às 22,50 horas, um foguete multifase, de prova, do Centro de Projéteis de Longo Alcance de Cabo Canaveral, Flórida.

"Ainda é muito cedo para se poder dizer se o satélite está ou não na órbita.

"Todos os detalhes restantes sobre este assunto poderão ser obtidos na Academia Nacional de Ciências".

A Academia, pouco antes das 3 da madrugada do dia 1.º, anunciou que o "Explorador" havia mesmo entrado em órbita.

A órbita : altura máxima de 3 200 kms e mínima de 370 kms.

Velocidade : 28 000 kms por hora.

Wernher Von Braun, o cientista alemão (naturalizado norte-americano) autor do projeto do satélite americano, revelou que o satélite é a seção final do foguete e que este não será recuperado.

Von Braun admitiu que o lançamento do "Sputnik II" contribuiu "de certa forma" para modificar os planos norte-americanos. Disse Von Braun : "Os cientistas soviéticos mostraram que era possível lançar a terceira fase do foguete como satélite, com uma grande economia de combustível. Teoricamente, já sabíamos disso".

O "Explorador", segundo previsões dos cientistas americanos, deve permanecer "vários meses" na sua órbita, "falando" através de dois aparelhos de rádio, na onda de 108.0003 megaciclos. Os sinais da lua americana já foram captados no Uzbequistão e em Moscou. Estes sinais representarão as temperaturas externa e interna do satélite, os impactos de minúsculos meteoritos e dados sobre os raios-cósmicos — entre outras coisas.

Dez estações de escuta espalhadas pelo território norte-americano recolhem os sinais que o cérebro eletrônico do Laboratório de Pesquisas Navais em Washington está interpretando.

Em alguns minutos o cérebro determina — sejam quais forem as condições meteorológicas — a exata posição do satélite na sua órbita.

Informa-se que o "Explorador" não será visível a olho nu, embora esteja equipado com um refletor de espelho.

As primeiras anedotas :

1) O "Explorador" chega junto do "Sputnik II" e diz : "Anão Zézinho às suas ordens".

2) Do "Sputnik II" ao "Explorador" : "Do you sputnik english ?"

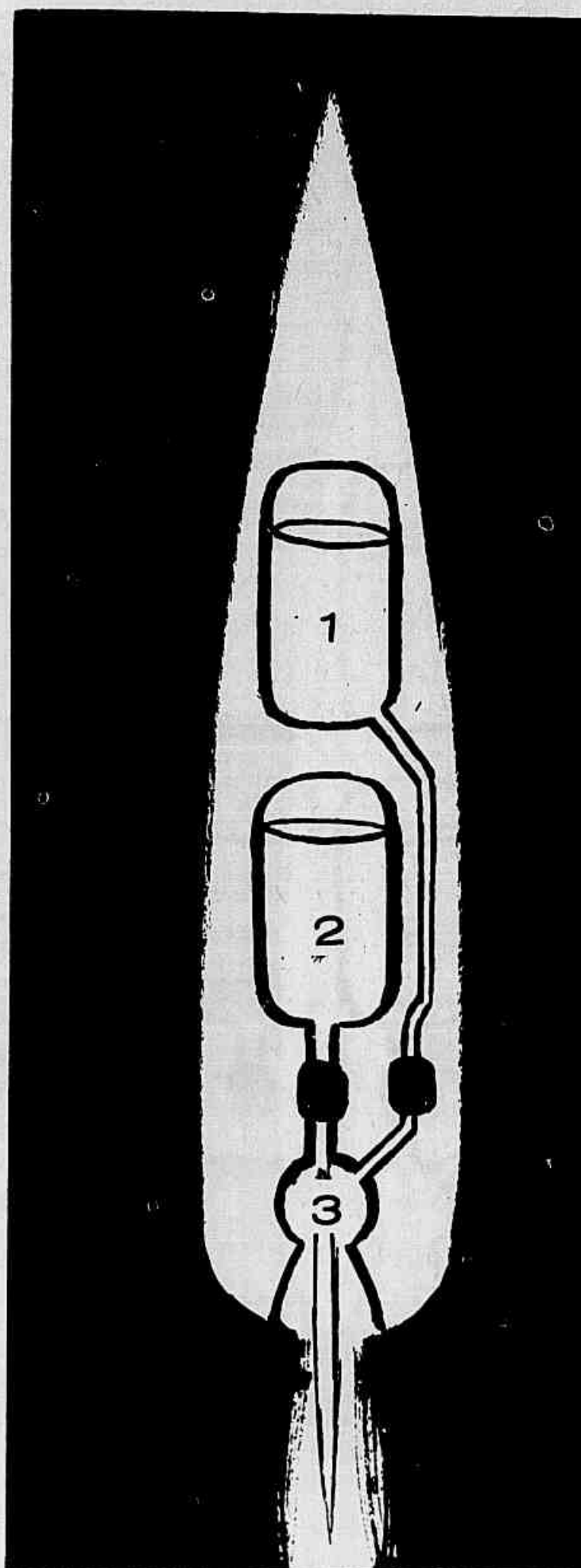
É PROVÁVEL que o "Explorador" substitua nos céus a esquadrilha de superbombardeiros carregados com bombas de hidrogênio, que os Estados Unidos mantêm em voo permanente depois do lançamento do "sputnik I". E isso significa, por si só, enorme alívio da tensão — podendo levar a importantes passos no sentido de um entendimento com o Oriente.

Depois do lançamento do "sputnik I" o Ocidente perdeu a superioridade estratégica para a Rússia — e perdeu de modo tão claro, tão indiscutível, que o Pentágono se viu obrigado a manter permanentemente no ar esquadrilhas de bombardeio atômico, na previsão (improvável, mas não de todo impossível) de que os PBI soviéticos poderiam de surpresa destruir aeródromos, aviões e bombas em terra, retirando completamente ao adversário todo o poder de represália.

Agora a situação não é a mesma. E embora não se possa dizer que os Estados Unidos tenham conquistado o equilíbrio estratégico em face da União Soviética, porque ainda não possuem foguetes balis-



WERNHER VON BRAUN — Da V-2 ao "Explorador".



ticos intercontinentais, mas somente foguetes de alcance intermediário, que só podem ser lançados no momento, de bases na Turquia, não estão longe de conseguir. Estão mais perto, pelo menos.

E o equilíbrio estratégico entre as duas grandes potências é indispensável à manutenção e consolidação da paz.

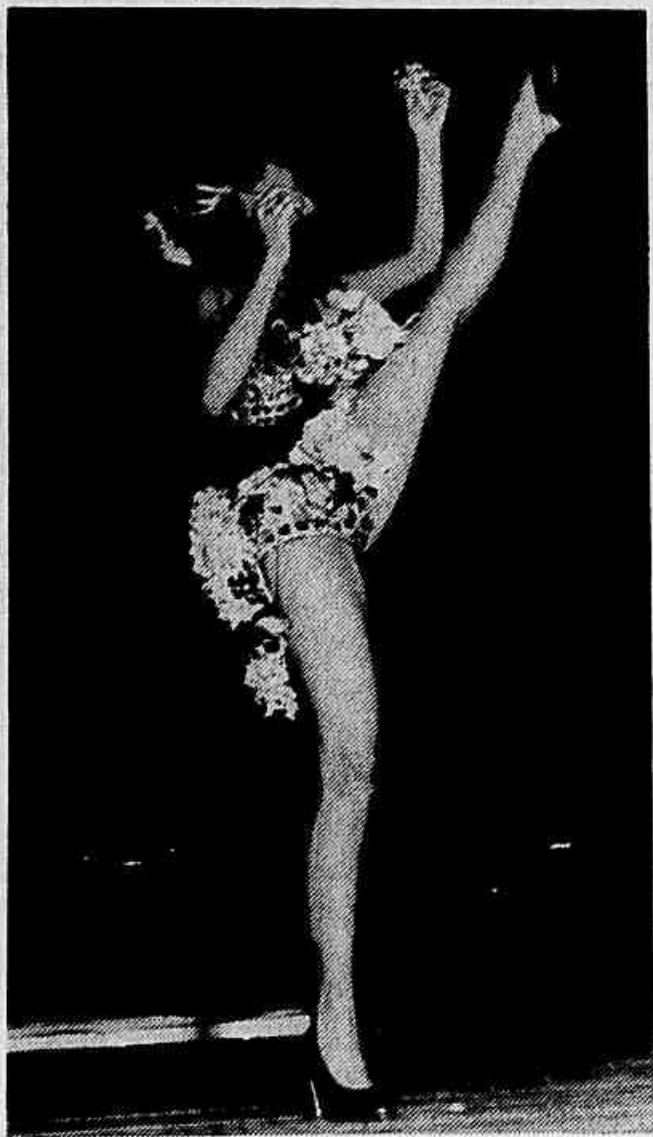
O "fluido exótico" que lançou no espaço o satélite americano é uma combinação de hidrogênio líquido e de um composto à base de ácido nítrico. Incolor, altamente corrosivo, o composto jamais havia sido tentado em foguetes de grande potência. Foi batizado como "Hydine". Quem produziu o combustível foi a Rocketdyne, que também produziu o motor do foguete. Em seis meses a Rocketdyne aperfeiçoou e fabricou o composto que já estava estabelecido teoricamente. A aceleração do "Projeto Satélite" fez com que em pouco mais de três meses se conseguisse o que estava previsto para daqui há três anos.

Vantagens do novo combustível : dá maior velocidade ao foguete e tem mais capacidade de propulsão.

Desvantagens : é difícil de armazenar e de transportar, além de ser tóxico em grande escala e caríssimo.

No esquema que publicamos ao lado aparecem : 1 — depósito do hidrogênio líquido; 2 — depósito de "Hydine"; 3 — câmara de combustão.

**HOMENS PODEM
SER PREPARADOS
PARA
O CARNAVAL
EM 10 MINUTOS**



NUMA APRESENTAÇÃO de fantasias, "Ballerina" ofereceu uma "avant-première" do Carnaval de 58 na piscina do Copa.

Objetivo da festa: recolher fundos para a Pequena Obra de Nossa Senhora Auxiliadora.

Patronesses: trinta senhoras.

Participantes: "Ballet de Meudes".

Apresentação: Leon Eliachar.

Criador das fantasias: "Ballerina".

Estrêla: Sônia Estrêla.

As moças (idade média: 15 anos) vinham do vestuário, desbordavam a beira da piscina e subiam a um tablado armado no local para crianças. Aí, esbaldavam-se ao som das músicas (frevo, marchas e sambas), que vinham de uma orquestra colocada atrás.

As moças não dançavam conforme a música. As músicas é que tocavam conforme a fantasia (das moças).

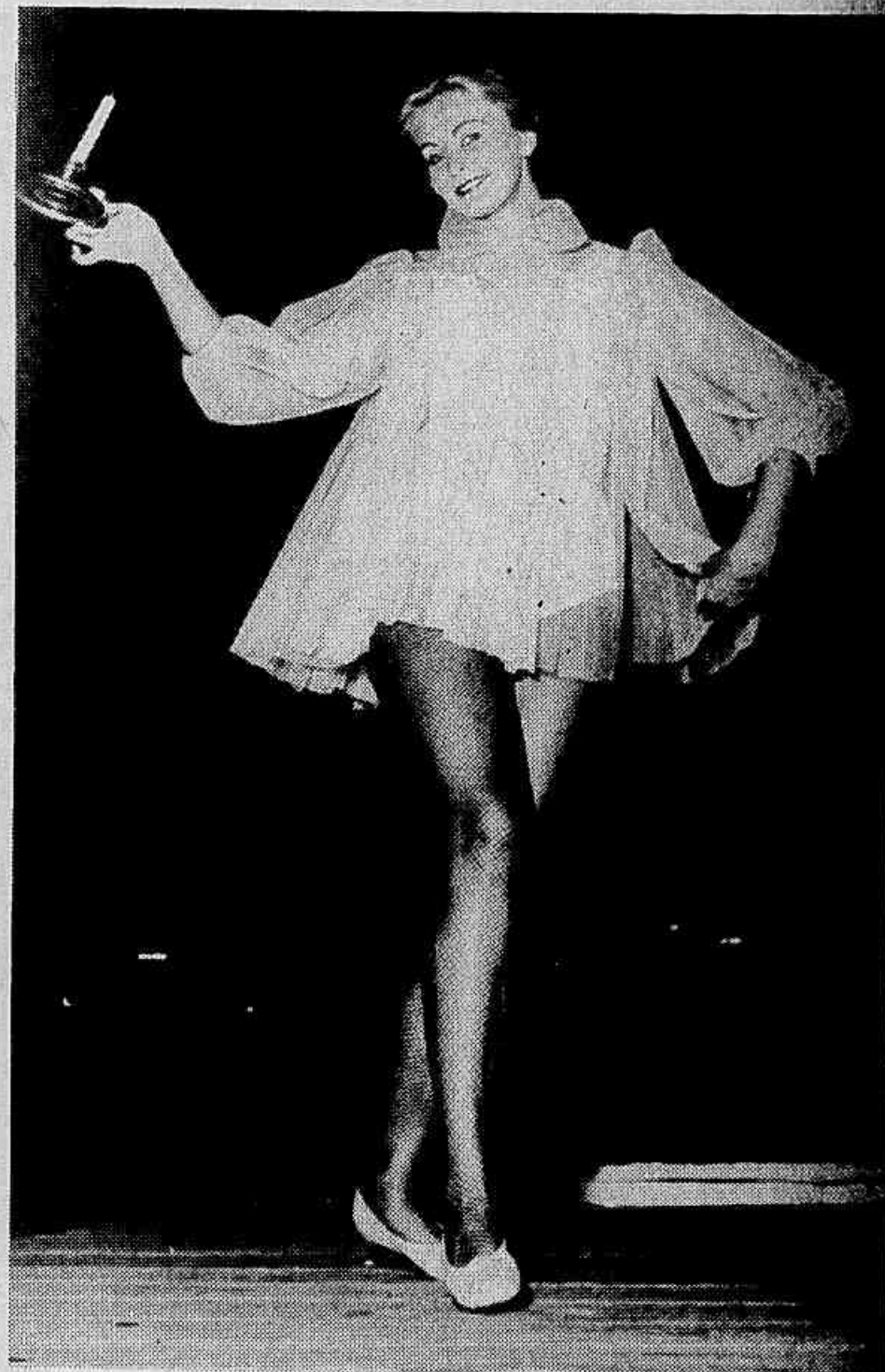
Assim desfilaram a "Sevilhana", a "Alfacinha", "Baby Doll" (muito aplaudida), Cubana, "Lollô", "Sputnikinho", "Moulin Rouge", "Africanas", "Arara Real", "Step Girls", "Bal Tabarin", "La Buena Dicha", "Cover Girl", "Mambo", "Desglamorizada", "Lady de Winter" e mais vinte outras fantasias.

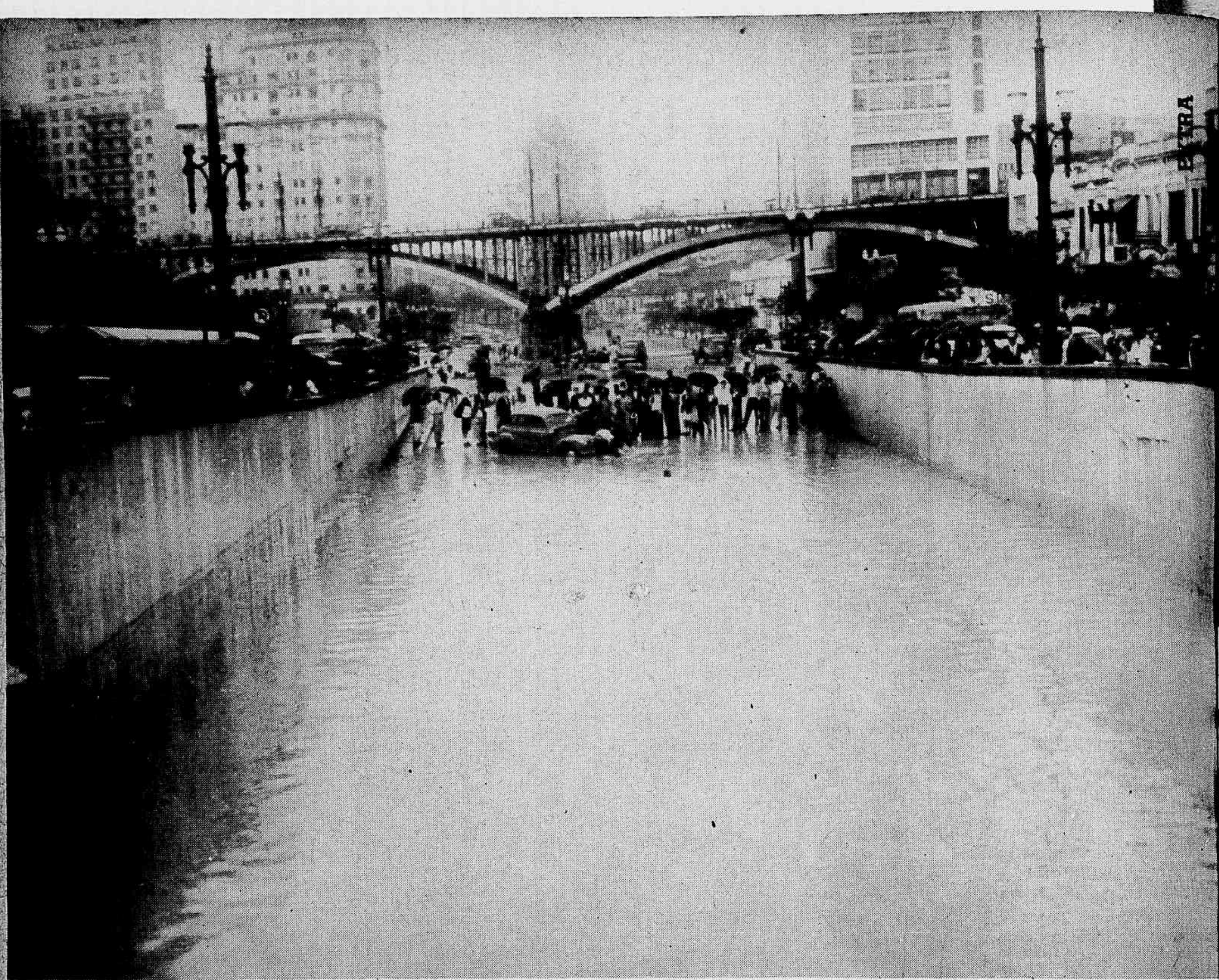
A festa terminou às primeiras horas da madrugada do dia seguinte. As luzes apagaram-se quando os convivas começaram a sair. Alguns homens levaram para casa, cuidadosamente, o "Programa", em cuja página interna estava, discretamente, o seguinte anúncio:

"Exclusivo: fantasias para cavalheiros.

Tirolês, palhaço, turbante para rigor.

Em 10 minutos, "Ballerina" os transforma num casal animado".





ENCHENTE EM SÃO PAULO

SÃO PAULO teve mar artificial na semana passada, quando suas ruas ficaram completamente inundadas devido às chuvas que caíram sobre a cidade durante 48 horas consecutivas. Os comer-

ciantes tiveram grandes prejuízos e os paulistas só andaram nos viadutos.

Os comerciantes quando souberam que a Prefeitura estava disposta a indenizá-los dos prejuízos, trataram de arranjar

um meio de cobrar um pouco mais. Mas agora eles souberam de uma coisa: a Prefeitura, alegando que não tem nada a ver com chuvas naturais, não vai indenizar ninguém.



O vagabundo e o menino

DECIMO SEGUNDO CAPITULO

Léo Victor

ABEL NÃO VOLTOU mais ao bar, nem à igreja. Aos domingos, fingindo passear, e dissimulando sua aflição, atravessava diversas vezes diante do templo, sem contudo atrever-se a entrar. Caminhava na calçada fronteira, de um lado para outro, durante horas. Desde a primeira missa até a última e, sem perder um domingo, sempre com esperanças de acontecer um daqueles milagres de que tanto falavam os padres, e o convidassem a entrar.

Ultimamente adquirira o hábito de ir todos os dias até à casa de Augusto. Subia o morro, parando três ou quatro vezes para descansar até atingir muito exausto a cabana deserta, porque nunca mais o pintor voltara à cidade. A princípio, comentaram sua ausência, dispostos a perdôá-lo pelos desabafos, porque afinal reconheciam que um homem bêbedo não é inteiramente responsável pelo que diz e recordavam as outras ocasiões em que Augusto os ajudara de uma forma ou de outra. Entretanto, como não aparecia mesmo, acabaram por esquecê-lo. Apenas Ivan guardara uma recordação muito nítida daquela noite estranha. Ivan e Abel. Todavia, o idiota em breve não poderia se lembrar mais do amigo.

Assim que Abel chegava à cabana, entregava-se ao trabalho. Arrumava, lavava, varria tudo aquilo por ali, sempre com muita falta de jeito, mas com grande boa-vontade. Cuidava da cabana, porque possuía uma certeza inabalável: Augusto voltaria qualquer dia. Finda a tarefa, sentava-se diante da cabana, olhando a

cidade lá embaixo, muito interessado. Com o tempo, trouxe para ali a cartilha e o catecismo e se colocando no meio da sala, lia alto, gaguejando, com sua voz de falsete até escurecer, pois jamais ousou acender a lâmpada, para não chamar a atenção dos outros, com receio que o expulsassem dali também. Contudo, pouco tempo depois, suas precauções se revelaram inúteis. Um dia, de manhã, vira com surpresa diversos trabalhadores capinando o terreno limítrofe à cabana de Augusto. Voltou no dia seguinte, e viu o primeiro caminhão descarregar tijolos. Depois, muitos outros se seguiram, trazendo areia, cimento e pedras. Compreendeu que iniciavam a construção de uma casa, sob as ordens de um homem que passava o dia ali dirigindo os operários. Abel olhava de longe, sem coragem de aproximar-se, reconhecendo imediatamente naquele que dirigia, um dos estranhos que falavam alto parecendo os donos de tudo, ante os quais até "seu" Ferreira se curvava. E não tinha dúvida. Sabia que eram eles os responsáveis por todo mal que lhe acontecera no último mês.

Quando à noite chovia e ventava, Abel seguia depressa, puxando a perna, e aproximava-se bem da cabana. Doía-lhe o coração ouvir a porta bater impelida pelo vento. Augusto poderia pensar na sua volta que não tinha ninguém na cidade para cuidar do que era seu e isso não refletia a verdade. Mas, que fazer? Abel sabia — pois já o tinha visto várias vezes — que, quando o estranho ia embora, deixava lá um vigia cuidando dos materiais da futura casa. Ele conhecia o rapaz. Mas como ter confiança agora em alguém, se até seus amigos para agradar aqueles estranhos, voltavam-se contra ele? Mesmo assim, logo que começava a ventar e a chover ele subia o morro, e de longe, ficava muito nervoso ouvindo as batidas da porta. Parecia-lhe a própria voz de Augusto chamando-o. Ele mesmo a gritar: "Fala amigo Abel, velho de guerra". E o idiota, tentando proteger-se da chuva e do vento, sob uma árvore, murmurava para casa — ou quem sabe? Talvez para Augusto onde quer que ele estivesse — "A paz seja convosco; a paz seja convosco". E ficar ali, repetindo centenas de vezes aquela frase, era tudo o que se julgava capaz de fazer. Sentia-se inerte, fraco, diante daquelas regras que não compreendia. E nem tentou entrar na cabana, a fim de apanhar o seu catecismo e sua cartilha, ainda que a leitura daqueles livros lhe fizessem muita falta.

UMA NOITE, chegando ao barracão para dormir, viu-o abarrotado de lenha cortada. Inquietou-se tanto, que não pôde pegar no sono, virando-se na esteira, sentindo o corpo quente como se estivesse com febre. Logo que amanheceu, foi esperar o cozinheiro no pátio. Sílvio explicou-lhe que eram ordens do patrão. E nem poderiam ser de outra forma até que voltasse o inverno, porque agora uma só pessoa não podia rachar a lenha de

que ele precisava a fim de cozinhar para aquele mundo de gente. Além disso, daquela maneira ficava mais barato, pois os troncos cortados em serras elétricas e, depois partidos também por um processo elétrico, produziam num dia o trabalho de um homem num mês. Sílvio deu tôdas essas explicações, apesar de muito atarefado, pois compreendeu que a falta de trabalho inquietava Abel e, julgando-se muito arguto, consolou-o, dizendo-lhe:

— Mas não há de ser nada; eu continuo fazendo o teu prato.

ABEL SAIU ATORDOADO. Não era a falta de comida em horas certas que o afligia, mas a falta de trabalho em si. Há meses vinha muito orgulhoso exercendo aquela tarefa. Levantava-se, todo dia de manhã, com grande esforço, apenas para realizá-las. Estava sempre preocupado com aquilo, gostava quando "seu" Ferreira vinha inspecionar-se havia bastante lenha rachada. E agora? Não saberia o que fazer dos seus dias. Foi caminhando, cheio de pensamentos confusos, sem conseguir entender aquelas constantes modificações num ritmo de vida tão bom e tão seguro quanto era o da cidade antes daquela maldita invasão de estranhos. Sentiu como se o colocassem no meio de um círculo que ia se fechando progressivamente, ameaçando sufocá-lo. Precisava entender com urgência, a fim de salvar-se, porque todos passaram a ter ultimamente um procedimento tão diferente em relação a ele.

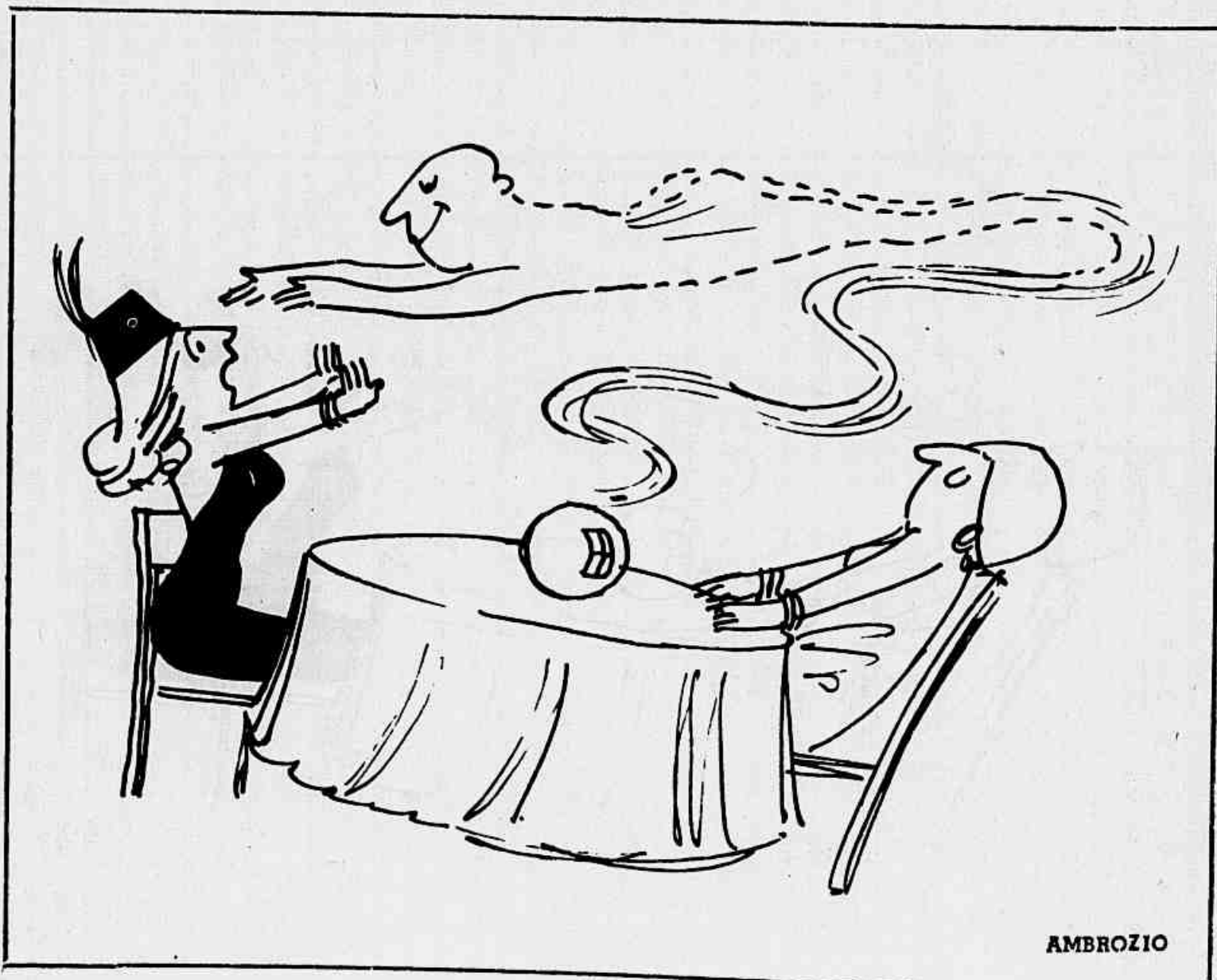
Súbito, viu Zé da Amélia, e, esquecendo-se de tudo, apertou o passo em direção ao motorista. O velho "Chevrolet", no verão, trabalhava sem parar, rodando mais naquele primeiro mês do que em todo o inverno. Zé da Amélia parecia esquecer-se que a gasolina, o óleo, os pneumáticos de um automóvel não se

gastam em relação direta com o tempo e, sim, com os quilômetros rodados. Viviam a queixar-se da rapidez com que se consumia o material do seu veículo, esquecendo-se inteiramente que a causa desse desgaste eram suas constantes corridas muito bem remuneradas. Costumava atribuir ao motorista que o substituíam, à noite, ao excesso de peso da bagagem dos passageiros, ao calor das ruas asfaltadas, à rapidez do consumo de gasolina, óleo, e tudo mais. Ou gostava muito de lamentar-se, ou fazia por cálculo para não invejarem o dinheiro que andava ganhando, ou era realmente meio parvo. O certo é que, volta e meia, seu carro parava na rua por falta de gasolina, água ou com pneu estourado como acontecia naquele momento em que Abel, muito animado, aproximou-se dele.

Zé da Amélia sempre fora um homem magro e sua gordura recente atrapalhava-o bastante. Dava a impressão de que aquelas banhas não faziam parte do seu corpo e fossem apenas um grosso casaco que lhe dificultasse os movimentos. Mudar um pneumático nessas condições, era, sem dúvida, uma tarefa trabalhadora. Abel aproximou-se e, sem dizer nada, começou a ajudá-lo. O motorista estava tão atrapalhado que, de início, consentira. Entretanto, o vagabundo era muito mais inábil e mais confuso do que ele próprio. Zé da Amélia, então irritado, pensando que se irritava apenas com aquele ajudante incapaz, disse-lhe aborrecido:

— Sai daí Abel, você está me estorvando.

O vagabundo ainda fez um esforço a fim de retirar a roda do eixo para que o outro retificasse o juízo sobre a sua pessoa. Mas boa-vontade apenas não era suficiente para aplacar a irritação de Zé da Amélia, que lhe gritou, enfurecido:



AMBROZIO

Jorge, por favor... aqui não!

— Sai, anda, já disse.

Abel afastou-se e ficou olhando a uma distância prudente. O motorista, suando e se maldizendo, continuou a lutar com o pneu. E, em dado momento, levantou-se e apanhou na mala do carro uma estôpa, começando a limpar as mãos. Então viu Abel a observá-lo. Desconfiou que o vagabundo se divertisse com sua pouca destreza e sentiu um ódio violento contra o pobre diabo. Mas, na verdade, irritava-se pela sua própria incapacidade de realizar uma coisa que, ao menos para um motorista profissional, deveria ser bem simples. Então, para espanto do Abel, Zé da Amélia, aquele homem tão pacato, pôs-se aos gritos, todo vermelho:

— Sai daí! O que é que você está me espiando! Vai embora seu vagabundo! Some daqui!

E, como Abel continuasse a olhá-lo, surpreso, o outro apanhou no chão uma chave inglesa e, num gesto de quem vai atirá-la, berrou apoplético:

— Some desgraçado, que eu te jogo isso em cima!

Abel voltou-se e correu o quanto permitia a sua enquiloçada perna esquerda.

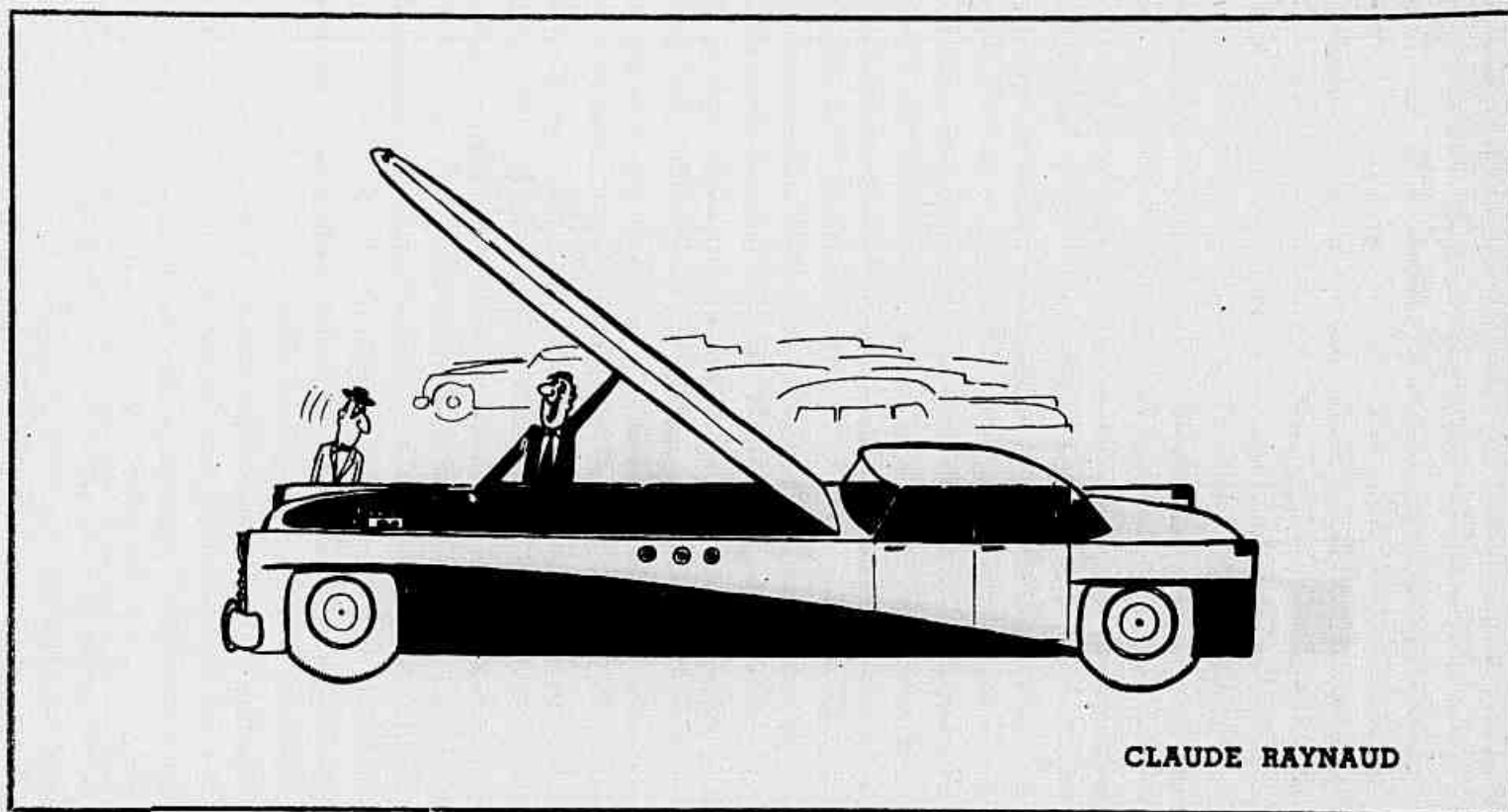
Andou o dia todo como se estivesse perdido e, ao mesmo tempo, como se fugisse de algum perigo iminente, embora não determinasse qual fôsse. Mas, na manhã seguinte, já outra vez com novas esperanças nas pessoas, começou a rodear a barbearia de Zé Passarinho. Todos os meses, o barbeiro o chamava para cortar-lhe o cabelo. O vagabundo julgou que Zé Passarinho o esquecera naquele mês e, por isso, ficou por ali, ouvindo as conversas. (Na verdade, o que ele queria era ouvir as conversas e não cortar o cabelo). Zé Passarinho, como sempre, discutia num tom de voz muito alto e, como sempre, falava apenas de política ou de espiritismo. Abel não tinha temas preferidos. Ver gente discutir, brigar, rir, isso sim, era do que gostava. Nem fazia questão de entender o que falavam. Intimamente desejava que Zé Passarinho se esquecesse durante vários dias do seu corte de cabelo, para que ele tivesse pretexto de ir sempre ali. Entretanto, o barbeiro mostrava sinais de aborrecimento por ver, há horas, aquele maltrapilho encostado à sua porta, sorrindo idiotamente. Abel, na maior inocência deste mundo, não suspeitava que a sua presença aborrecesse os outros até ali naquela pobre barbearia. E, como não entendesse mesmo, Zé Passarinho acabou por aproximar-se dizendo-lhe, baixo:

— Vai embora, Abel! Amanhã, bem cedo, antes de abrir a casa, eu corto o teu cabelo lá no barracão.

Abel olhou-o, sem entender. Então Zé Passarinho segurou-lhe o braço e foi levando-o pela calçada até um ponto distante da sua "Barbearia da Fraternidade Universal". E, como o vagabundo ficasse aparvalhado no meio da calçada, o outro insistiu:

— Anda, Abel. Vai embora! Amanhã bem cedo, eu corto.

De fato, na manhã seguinte, Zé Passarinho entrou no barracão e, cortando rã-



CLAUDE RAYNAUD

“... o motor só tem dois h.p. mas pense no prestígio que a carroceria lhe trará”.

pidamente os cabelos do vagabundo, saiu em paz porque sua palavra segundo dizia — valia como um documento.

Mas, não era bem isso que Abel esperava dele...

O VERÃO NA cidadezinha assemelhava-se a um trator que caminhasse sobre esteiras poderosas, sem respeitar as coisas frágeis e sem importância. E nem havia crueldade nisso porque essa era a sua natureza: ele apenas ia avançando, abrindo o seu caminho. E se alguém procurasse um culpado, não o encontraria porque a culpa era coletiva. As causas residiam nas pequenas vaidades, interesses, egoísmos, e ambições de todos. Elas é que haviam criado condições para o verão adquirir, ali, aquele aspecto. Ora, Abel era a criatura mais frágil e sem importância da cidade. Aquêlê verão teria que, finalmente, triturá-lo. E o início dessa destruição sobreveio quando o vagabundo perdeu seu último trabalho.

As encomendas, como tudo mais, aumentaram extraordinariamente. No dia anterior, Abel fizera quatro viagens a fim de transportá-los todos até o bar. Para sua infelicidade, escorregara e caíra, enlameando completamente os pacotes. “Seu” Ferreira, seriamente aborrecido, confiou ao garção que mandara vir do Rio, a tarefa de ir buscar as encomendas na estação da Estrada de Ferro.

Abel ficou vendo, de longe o rapaz alto, de paletó branco e gravata borboleta, muito consciente da sua elegância, dignar-se a conferir a lista de pedidos do patrão. Depois, viu-o, bem tranqüilo, mandar um preto transportar tudo para um carro de mão e veio ao lado do carro que o preto puxava, numa atitude de guerreiro antigo, voltando a sua cidade e acompanhando a carrêta dos despojos mais valiosos de uma guerra, da qual fôsse o general vencedor.

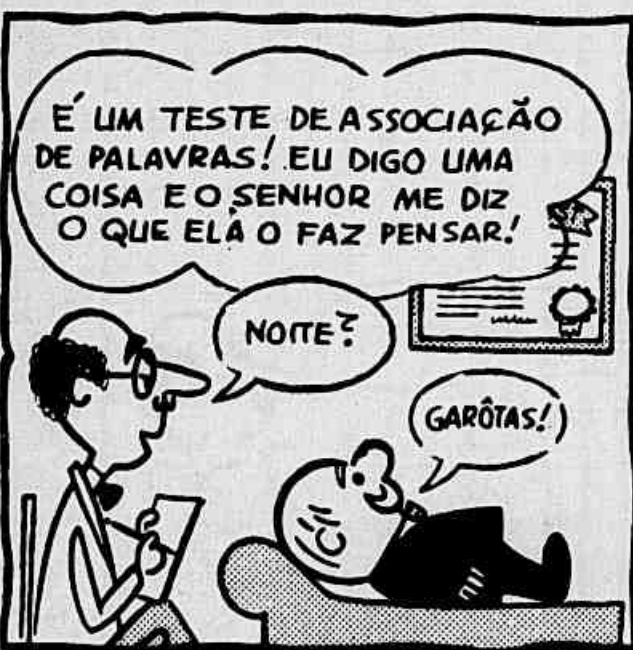
Abel, olhando o garção afastar-se, compreendeu que perdera para sempre aquêlê trabalho. O outro fazia com a maior facilidade o que a ele custava tanto. A tal serra elétrica também produzia em um dia o que lhe custaria um mês. E agora? Abel começou a perder as esperanças de escapar daquele círculo

que o sufocava lentamente. Sentiu-se agoniado e tentou fugir daquele tormento. Sabia, por intuição, que se acalmava sempre assim que se aproximava de outras pessoas. Caminhou em direção ao bar, ocultando-se atrás do grande pinheiro que, nos últimos dias transformara em seu esconderijo. Dali, ficou olhando os fregueses dentro do bar, dançando, conversando e rindo. Era tal o cuidado em não ser visto, e ao mesmo tempo observava com tanta atenção o interior do bar, que mais parecia um ladrão à espera da hora oportuna para o assalto. Ali se sentia seguro e somente ia dormir quando “seu” Ferreira fechava o bar e apagava as luzes. Não suportava a idéia de ficar só no barracão, com tanta gente tão perto dele, conversando e rindo.

Súbito, a visão do bar cheio e de seus amigos trabalhando febrilmente, aconteceu-lhe o inverso do costume. Seus pensamentos desordenados voltaram em tumulto, desencadeando uma onda de angústia mais intensa ainda que lhe percorreu todo o corpo. Aos poucos, pela primeira vez, foi tomando consciência de que o seu problema era irremediável e definitivo. E nada pior poderia lhe acontecer do que ter entendido finalmente a sua posição em relação aos outros, porque Abel não era um homem habituado a entender as coisas. E, embora continuasse a não compreender os motivos do tratamento que neste momento lhe dispensavam, certificou-se de que havia algo de muito estranho no ar, que acabaria por destruí-lo.

E que faria para salvar-se? Por que o afastavam assim? Se todos trabalhavam tanto, se justamente agora havia tanto serviço por que só lhe tomavam o seu? Não sabia. Estava certo apenas que nunca mais teria um trabalho, pois sempre havia uma determinada maneira de fazer melhor do que ele era capaz. E sabia que todos faziam alguma coisa, que ele precisava também fazer alguma coisa. Que tinha êsse direito. O direito de ser como os outros. Isso é que era o mais importante e ninguém entendia. E, então, o pensamento tornou-se claro, rútilo e ardente. Nunca mais poderia ser um igual aos outros. Nunca mais.

MR. ABERNATHY



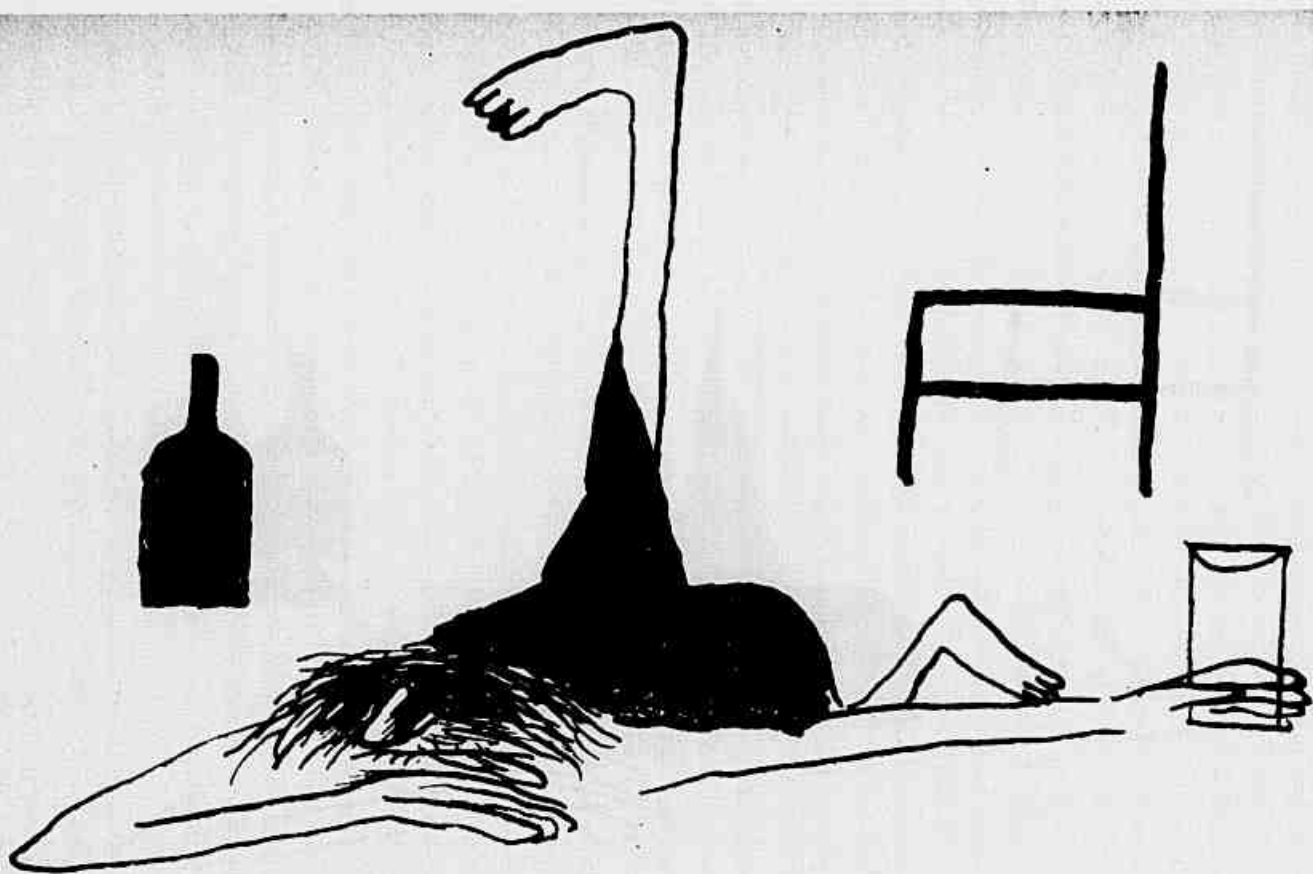
Texto
de
**OMAR
IBN
IBRAHIM
EL KHÁYYAM**

Ilustração
de
JAGUAR

VINHO MULHER & COPO



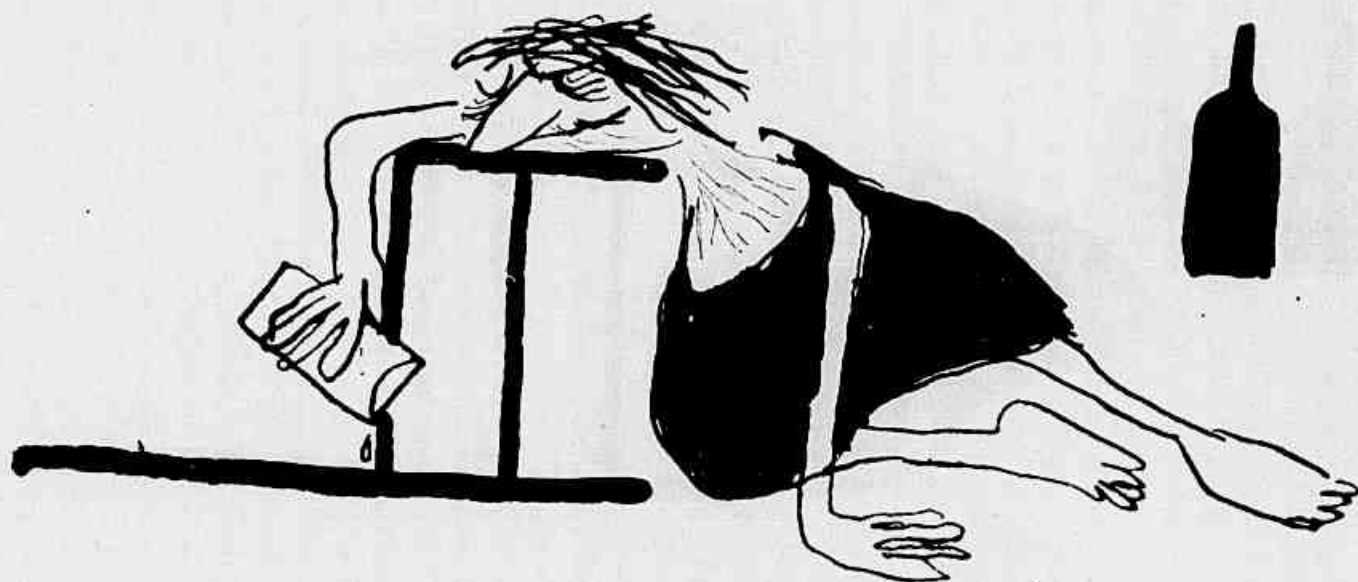
O vinho não é talvez o sal
das pinhas mas dos rosais



Bebe vinho! Tens muitos séculos
para dormir.



Trazei-me todo o vinho do
Universo! Meu coração tem
tantas feridas!



Cansado de interrogar em vão os
homens e os livros interroguei o
copo.



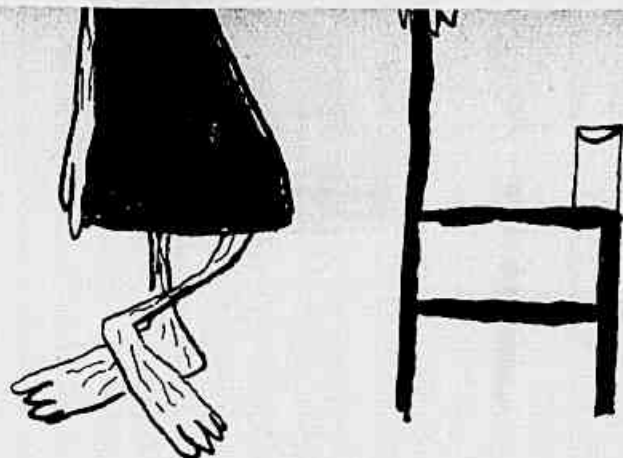
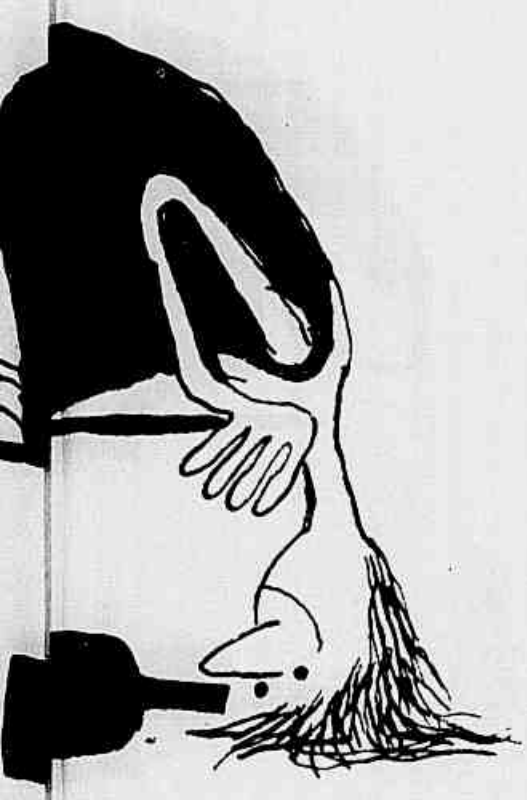
Quero vinho... Dizes
que é amargo?
Não importa. Tem
o gosto da vida.



Bebe vinho e contempla
a lua, evocando as
civilizações que ela já viu morrer



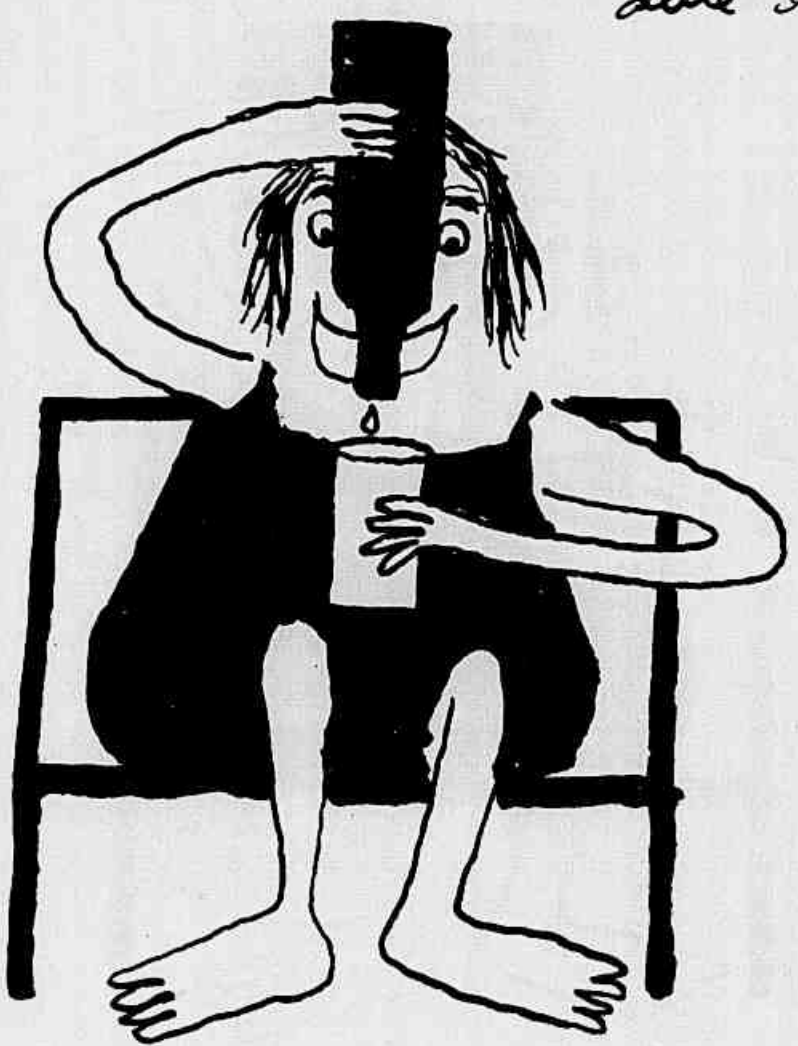
sal
ai



Quando bebo, ouço o que
dizem as rosas, as tulipas
e os jasmims.

Silêncio! Tudo é mentira...
Taças... Repressa! Ence-
lhei muito...

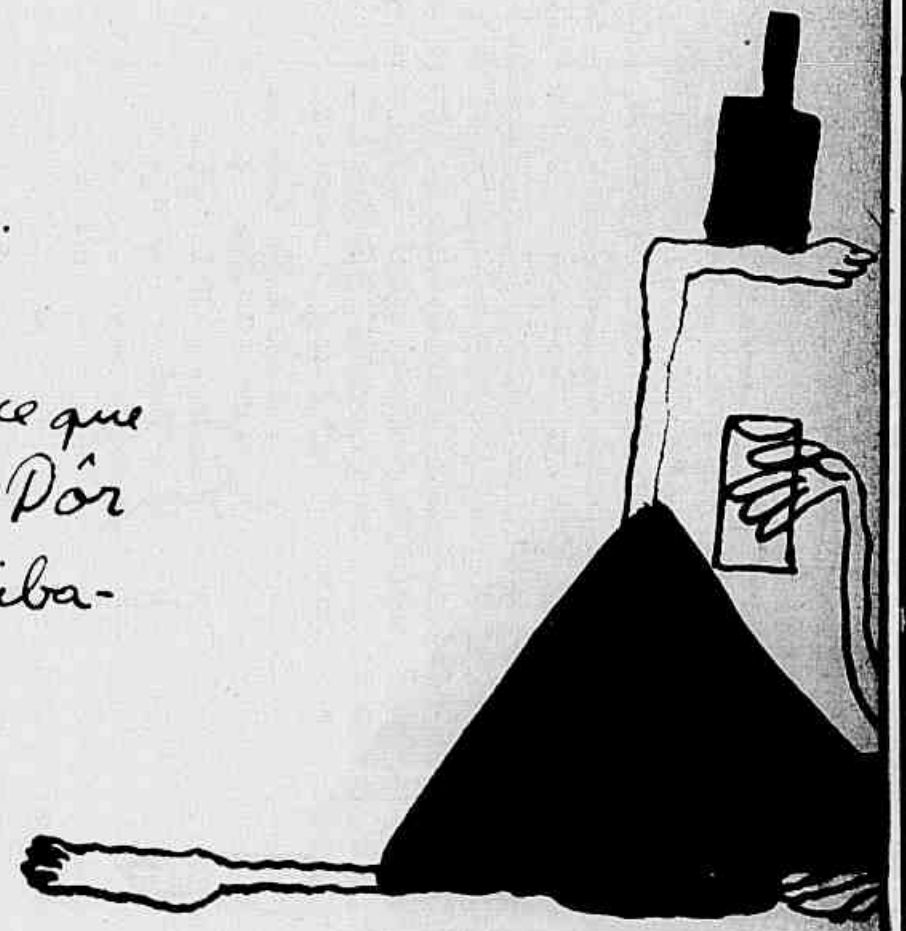
Se os que amam
o vinho e amor
vão para o In-
ferno, o Paraíso
deve estar vazio.

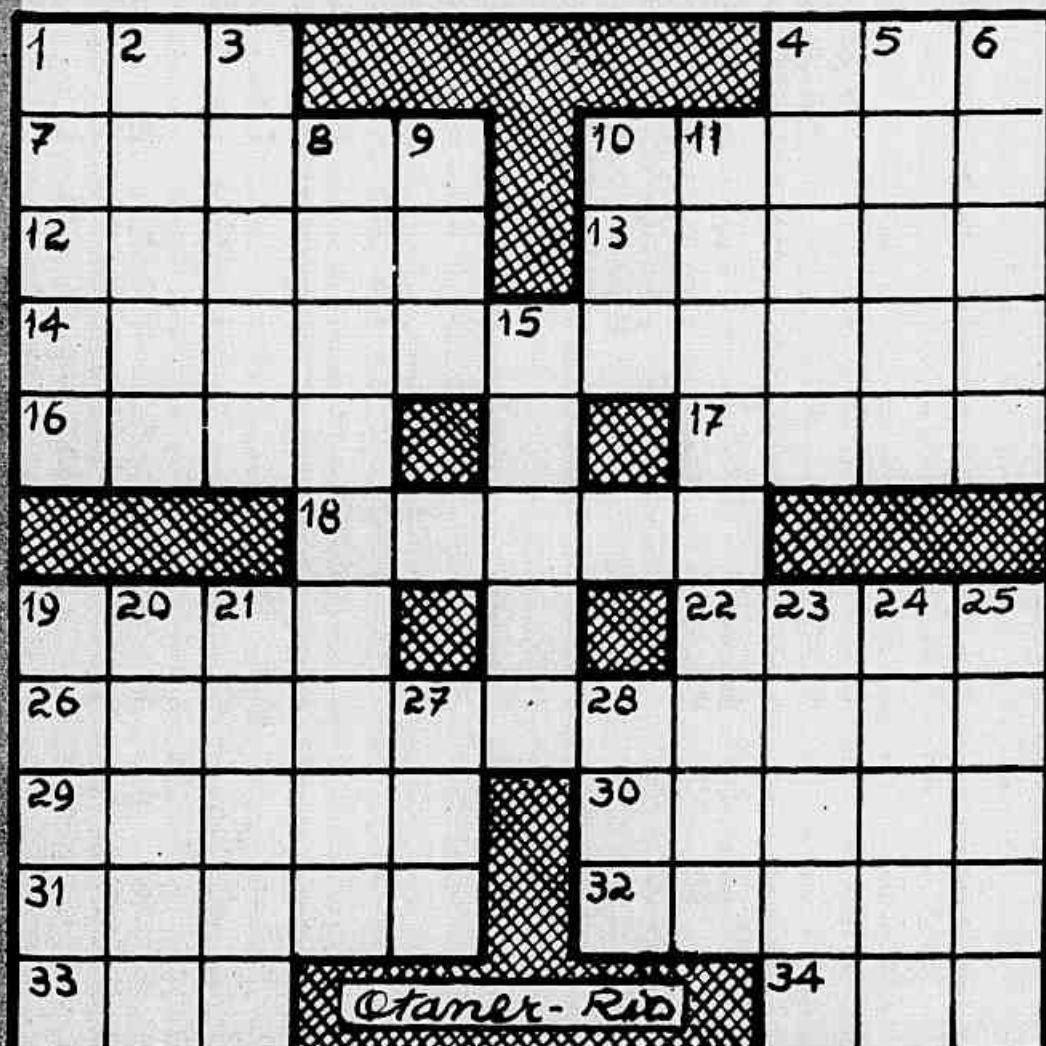


Um pouco mais de vinho, ó minha amada!
Tuas faces não têm ainda o brilho das rosas.



Bebe e esquece que
o punho da Dôr
breve te derriba-
rá!





PROBLEMA N.º 19

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: — 1. Remo — 4. Pego — 7. Cidade da França onde se encontra o castelo da rainha Ana — 10. O mesmo que aracnídeo — 12. Elemento grego que exprime a idéia de bom, bem — 13. Contrabandistas — 14. Contraditórios — 16. Unir — 17. Elemento grego que significa "denso" — 18. Que revela sofrimento — 19. Planta umbelífera semelhante à cenoura — 22. Jogo de cartas de origem britânica — 26. Trabalho acerca dos moluscos — 29. Prurido — 30. Jeitosa — 31. Nome de uma ave de arribação (pl.) — 32. Aparecer com frequência — 33. Patrão — 34. Pega.

VERTICAIS: — 1. Estrela de sexta grandeza, situada debaixo da Brilhante de Andrômeda — 2. Elemento latino que exprime a idéia de "marca, sinal" — 3. Ave da família dos Psitacídeos — 4. Designação científica de várias espécies de hortelã — 5. Tribo de indígenas que habitavam o território de Goiás — 6. (Luiz Fells), compositor italiano — 8. Abalado — 9. Nome de homem — 10. Cem metros quadrados — 11. Alvo — 15. Mistura ordinária de parati — 19. Importunar — 20. Sinal — 21. Oólicas intestinais — 23. Sal preparado (alquímia) — 24. Planta santalúcea (pl.) — 25. Deserto africano — 27. Cinta — 28. Fogão.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — 1. Perverso — 3. Um casal — 6. Seguir — 8. Naquele lugar — 9. O mesmo que quotizar — 12. Lá — 13. Dinheiro — 15. Atuel — 17. Égua pequena, mas forte — 20. Brisa — 21. Símbolo químico do érbio — 22. Chefe etíope — 23. Quer bem.

VERTICAIS: — 1. Macaco — 2. Argola — 4. Fileira — 5. Pouco comum — 7. Fato devido a causa sobrenatural — 10. Pesar para abater a tara — 11. Planta da família das Compostas, também chamada "canela de velha" — 14. Nome de mulher; escrava egípcia de Abraão — 16. Inferno dos malês — 18. Pedra do altar — 19. Também não.

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS N.º 18

PARA VETERANOS

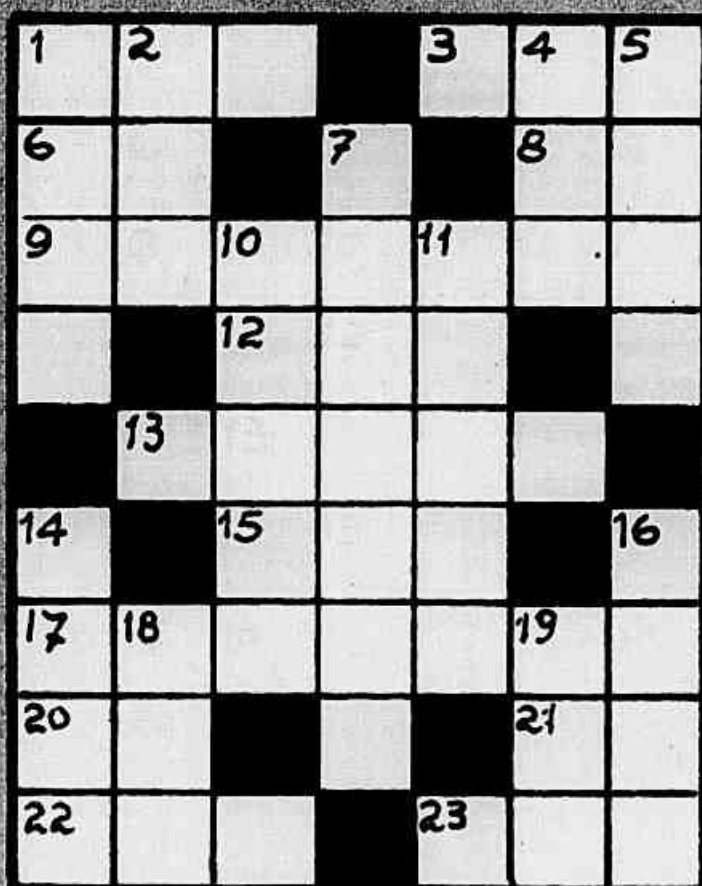
HORIZONTAIS: — 1. Ca — 2. Sa — ruano — 3. pa — 4. ra — 5. ci — 6. mui — 7. sa — 8. ci — 9. ar — 10. sa — 11. polverizante — 12. si — 13. Ni — 14. ga — 15. ma — 16. 2 — 17. mui — 18. si — 19. ara — 20. ma — 21. orpa — 22. si — 23. Ma.

VERTICAIS: — 1. gr — 2. eu — 3. An — 4. sor — 5. aborigene — 6. poluira — 7. si — 8. 14 — 9. ac — 10. tonia — 11. miza — 12. macia — 13. Ope — 14. sch — 15. ra — 16. sa — 17. Ir — 18. um — 19. acá — 20. ued — 21. si — 22. pé.

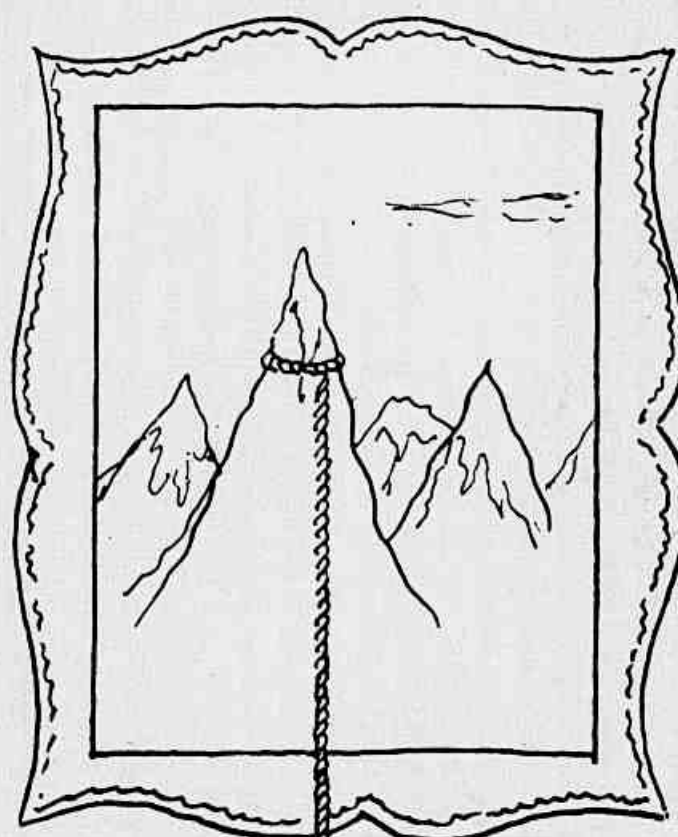
PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — 1. mia — 2. ara — 3. ora — 4. ram — 5. rua — 6. sa — 7. or — 8. si — 9. A.O. — 10. ar — 11. sa — 12. aba — 13. tante — 14. ama — 15. sal.

VERTICAIS: — 1. mora — 2. Ir — 3. Aar — 4. aba — 5. Ra — 6. amar — 7. rum — 8. ser — 9. ôca — 10. anta — 11. ôle — 12. anel — 13. sma — 14. Ana — 15. em — 16. ta.



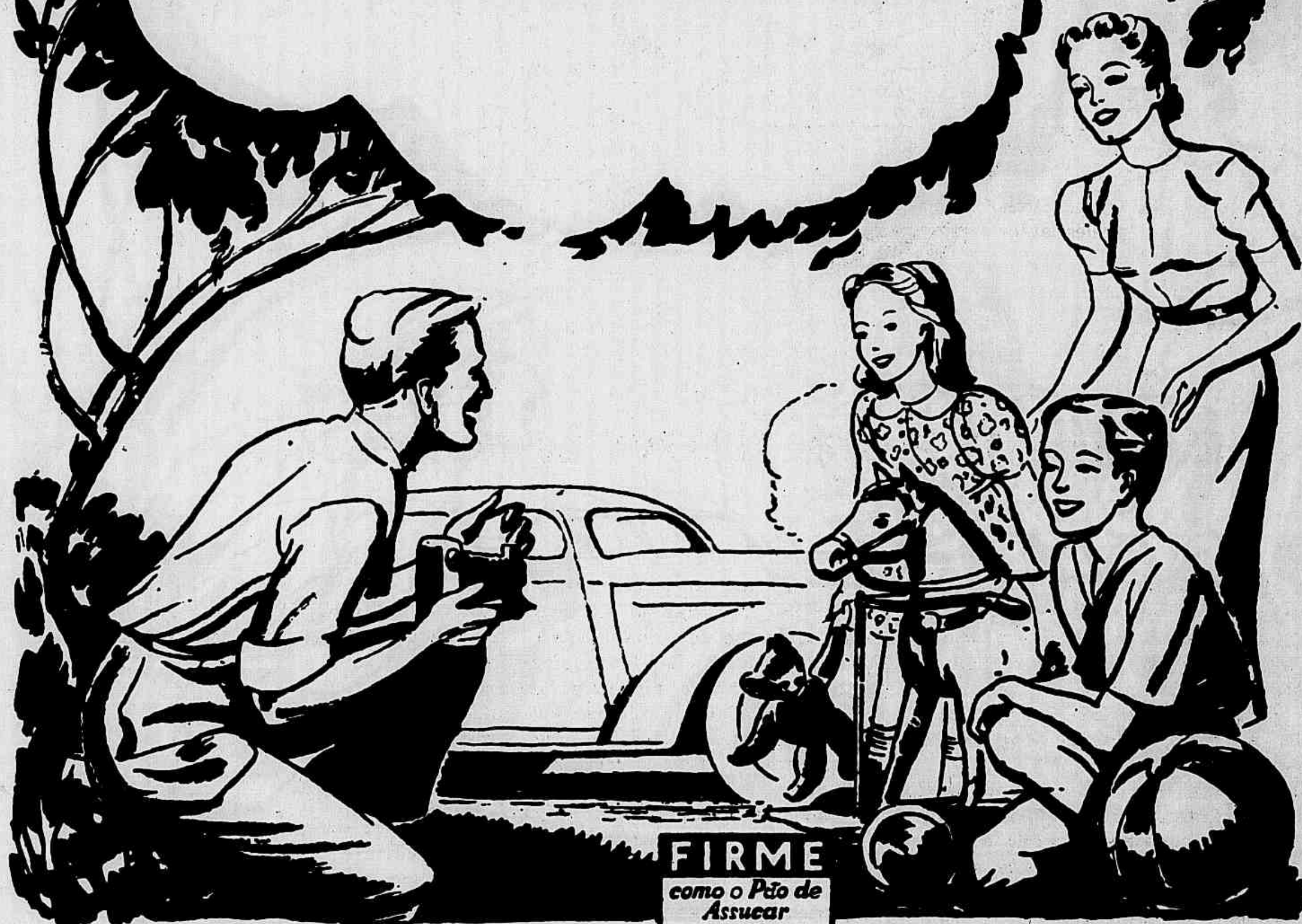
Otaner-Rio



AMBROSIO

SER PAE E ESPOSO

não é somente isto!



○ SR. já pensou como sua esposa e seus filhos viverão daqui a 10 anos, se o Sr. desaparecer? Quem lhes proporcionará os meios de vida que o Sr. lhes dá hoje? porque não evita esta incerteza



tremenda com um seguro de Vida? Converse com um Agente da «Sul América» sobre os vários planos existentes e que se adaptam à sua situação.

SUL AMERICA

Companhia Nacional de Seguros de Vida
Caixa Postal, 971 — Rio de Janeiro

Queira enviar-me SEM COMPROMISSO informações
acêrca do seguro que me conviria.

SUL AMÉRICA — Caixa Postal 1946 — RIO

Nome.....

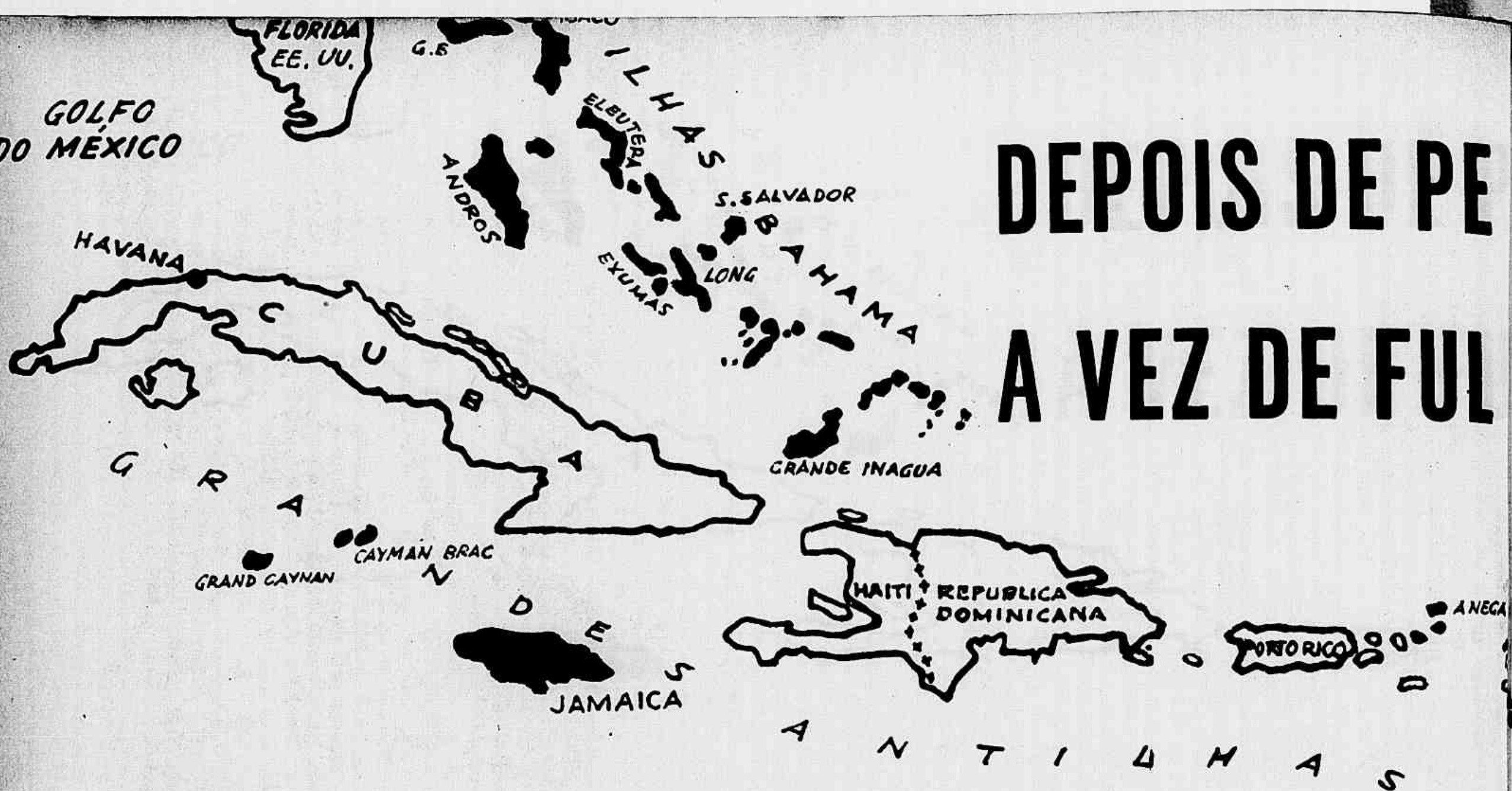
Idade..... Profissão.....

Soma que poderia economizar anualmente.....

Rua.....

Cidade..... Estado.....

GOLFO DO MEXICO



DEPOIS DE PE A VEZ DE FUL

A VENEZUELA DEPOIS DA DITADURA: DEMOCRACIA OU BECO SEM SAÍDA

O AFASTAMENTO DOS coronéis Abel Romero Villate e Roberto Casanova da Junta de Governo da Venezuela, apenas 24 horas após sua designação para o cargo, indica claramente a difícil situação em que se encontra não somente a junta, mas todo o novo governo de Caracas.

Diziam os telegramas que anunciaram a rápida mudança, que os dois oficiais haviam renunciado a seus cargos em face da pressão popular contra eles: o coronel Casanova foi o chefe da repressão contra o movimento revolucionário de Maracay, irrompido e fracassado no primeiro de janeiro, e o coronel Villate um dos mais próximos colaboradores de Marcos Perez Jimenez.

NADA DE EXTRAORDINÁRIO em tudo isto: a Junta venezuelana foi criada em condições excepcionais, e não foi resultado de uma revolução profunda como, por exemplo, o primeiro governo provisório instalado no poder na Argentina após a derrubada de Perón.

Enquanto na Argentina se instalavam no poder elementos militares conhecidos por suas tendências antiperonistas, muitos deles saídos dos cárceres ou vindos do exílio, em Caracas, a Junta era formada, não como resultado de um processo revolucionário, mas como consequência de um entendimento entre Jimenez e alguns dos seus ex-colaboradores ou, na melhor das hipóteses, de elementos neutros e "não comprometidos", como o próprio presidente da Junta, contra-almirante Wolfgang Larrazabal.

Na Argentina acabava de vencer uma revolução; na Venezuela foi encontrado

um "modus vivendi" entre o ditador forçado pelas circunstâncias externas e internas a reconhecer sua derrota, e os elementos palacianos. Basta dizer que nenhum dos oficiais que forçaram a renúncia do ditador venezuelano teve dificuldade de penetrar no palácio de Miraflores, e que, durante as negociações que prepararam o terreno para a renúncia, foi cuidadosamente estudada a fuga de Jimenez, que, sem precisar asilar-se, teve bastante tempo para atravessar, fortemente guardado por elementos da sua guarda pessoal, toda a capital, para chegar ao aeroporto de La Carlota, onde um DC-3 o aguardava, pronto para decolar, dirigindo-se, às 3,08 da madrugada, rumo a Ciudad Trujillo.

A Junta venezuelana é, pois, um órgão "arreglado" susceptível ainda de muitas mudanças. Até encontrar, num futuro próximo, seu verdadeiro caminho, o contra-almirante Larrazabal terá que contornar situações bastante complicadas, para manter-se no poder e para salvaguardar seu governo, que nada tem de revolucionário.

Naturalmente, o fato de que a Junta de Caracas manteve firmemente em suas mãos o poder imediatamente após a fuga de Jimenez, evitou que fosse derramado mais sangue do que já foi durante as últimas duas semanas da ditadura. Qualquer governo revolucionário, qualquer governo político teria sido incapaz de esboçar uma ação de defesa quando as enfurecidas multidões saíram nas ruas, querendo vingar-se dos dez anos de brutal ditadura.

CONSIDERADA SOB ESTE ângulo, a Junta do contra-almirante Larrazabal

agiu com ponderação, conseguindo frear os ódios, evitando que o povo da capital transformasse os dias de vitória numa segunda Bogotá.

Isto tudo, porém, vale para o passado. Convém, agora, perguntar qual será a posição da Junta de Governo no futuro próximo, quando as paixões começarem a perder sua violência, e a Venezuela iniciará sua caminhada em busca da democracia. É bem possível que nestas novas circunstâncias, a equipe do contra-almirante já não esteja mais à altura e que, então, comece uma onda de conflitos e convulsões de imprevisíveis resultados.

Rômulo Gallegos, o presidente constitucional derrubado pelo golpe dirigido por Marcos Perez Jimenez, ao falar sobre os acontecimentos que culminaram com a fuga do ditador, disse, no México, onde se encontra exilado, que ainda não se sabe se o sangue derramado "valeu a pena", pois os rumos que o novo regime seguirá são desconhecidos. Não se trata, apenas, de rotineira declaração como políticos profissionais costumam fazê-la em tais momentos: Gallegos, que conhece não somente o jogo político, mas também o povo venezuelano, dá-se perfeitamente conta de que este povo está ansioso de algo de novo, e que o governo presidido pelo contra-almirante Larrazabal dificilmente será capaz de dar-lhe o que deseja. Em consequência, Gallegos prevê outras dificuldades que poderão mergulhar o país no caos, facilitando a volta de uma equipe de militares que assumirá o poder, "para preservar a ordem e garantir a tranquilidade do país" — golpe já executado no Peru pelo general Odria que, seguramente, encontrará imitadores.

RÓN E JIMENEZ GÊNCIO BATISTA



Fulgêncio Batista está com os dias contados.

BARBUDA

ANTIGUA

GUADALUPE

DOMINICA

MARTINICA

Basta, para dar-se conta dêste fato, pensar na política petrolífera da Venezuela durante a ditadura de Jimenez: trata-se de uma das mais reacionárias e "entreguistas" políticas que jamais foi seguida por um governo, pois, de fato, o ditador era apenas um guarda-livros dos trusts internacionais. Ora, enquanto todos se dão conta de que esta política deverá ser radicalmente modificada, atendendo, antes de mais nada, aos interesses da nação, pessoas ligadas ao novo regime, seguidas pelas colunas dos grandes jornais norte-americanos, anunciam que não se modificará sensivelmente a política petrolífera. Se houver uma ou outra modificação seria de pouca monta. A presença de um burocrata como José Lorenzo Prado à frente do ministério das Minas indica claramente que o contra-almirante Larrazabal não pensa em proceder a reformas.

ESTA LINHA SE APLICA não somente ao petróleo. Em todos os domínios da vida pública venezuelana deverão acontecer profundas mudanças, para estirpar os males causados por dois lustros de ditadura: é difícil acreditar que esta primeira equipe empossada 24 horas após a derrubada de Jimenez possa desempenhar tão importante e necessária tarefa. Ao correr do tempo, os técnicos deverão ser substituídos por políticos que representam, de fato, a vontade do povo, e o presidente deverá completar sua Junta por uma equipe de assessores integrada pelos dirigentes das mais importantes correntes políticas, como Rômulo Betancourt (Ação Democrática), Jovito Villalba (União Republicana Democrática),

Rafael Caldera (COPEI, Comité para Eleições Independentes), e também dirigentes da Junta Patriótica que assumiu o controle político do país após a queda de Jimenez, representando as correntes subterrâneas da oposição e da resistência patriótica.

Somente nestas condições o novo regime poderá dizer-se representativo, e somente desta maneira o atual presidente poderá seguir o caminho realmente democrático de uma consulta eleitoral, como foi feito na Argentina e na Colômbia, onde a Junta de oficiais escolheu um Comité político composto de liberais e conservadores (as correntes políticas mais importantes do país), que prepararam eleições.

JUNTAS MILITARES NÃO são feitas para durar: isto se viu, num passado próximo, na Guatemala, em Honduras, e, durante os primeiros meses, até na Argentina, onde os oficiais antiperonistas não conseguiam entender-se, apesar de encontrar-se em terreno que lhes facilitava, se não um perfeito entendimento, pelo menos a colaboração.

Se o contra-almirante Larrazabal, mesmo animado pelas melhores intenções, começar a modificar sua junta com frequência, contribuirá, de igual maneira, à criação de frações e de grupos e ao enfraquecimento da democracia embrionária.

A vitória final das forças democráticas na Venezuela não depende da sabedoria dos políticos que deverão forjá-la, mas, antes de mais nada, do bom-senso dos oficiais que assumiram o poder, encabeçados pelo contra-almirante. Qualquer erro que eles cometerem, será explorado

por outros oficiais ambiciosos e de tendências totalitárias, que poderão arrancar a Venezuela do caminho em que se empenhou, iniciando um regime que, fatalmente, acabará no beco sem saída em que entrou a ditadura do Jimenez.

Isto significaria que as centenas de mortos de janeiro derramaram seu sangue em vão.

NA VENEZUELA

QUANDO, EM FINS DE 1956, o jovem advogado Fidel Castro Ruiz desembarcou com um punhado de rapazes mal armados, porém entusiastas, perto do porto cubano de Manzanillo, o general Fulgêncio Batista decidiu adotar a clássica tática usada pelos ditadores em tais circunstâncias: anunciar, em comunicado lacônico, que a expedição foi liquidada, e que entre os mortos foi encontrado o cadáver de seu líder, Fidel Castro.

Durante vários dias, as trinta emissoras de rádio de La Havana foram obrigadas a divulgar periodicamente o comunicado, mas, quando Batista menos esperava, outro grupo de partidários de Castro, procedente igualmente do México, desembarcava perto de Manzanillo, e a força do exército encarregada de destruí-lo foi interceptada e dizimada por um grupo de rebeldes — dirigido pelo "defunto" Fidel Castro!

Desta maneira, Batista transformou o ex-líder estudantil em mártir e herói, confundindo, ao mesmo tempo, a opinião pública, que não mais sabia qual dos co-

municados emitidos pelo Exército e pela Casa Presidencial era verdadeiro.

Fidel Castro Ruiz, que preparou seu plano de batalha no famoso "bairro cubano" da capital mexicana, incarna hoje o espírito de oposição ativa do povo cubano, e dirige, ao mesmo tempo, uma frente política oposicionista, que conseguiu reunir quase todos os partidos e líderes políticos, desde os partidários do ex-presidente Grau San Martín, até os amigos de Carlos Prío Socarras.

CASTRO REPRESENTA atualmente o maior perigo que Batista tem que enfrentar: seus partidários reunidos na Província de Oriente, na Serra Mestra, em lugares de difícil acesso, já constituem uma espécie de pequeno exército que aumenta dia a dia, e os membros do "Movimento 26 de Julho" são espalhados em toda a ilha, executando uma série de ações bélicas, que não dão trégua nem à polícia, nem ao exército, obrigando o ditador a ficar em permanente estado de sobreaviso, para salvaguardar não somente seu regime, mas, antes de mais nada, sua própria vida.

Hoje em dia, o "Movimento 26 de Julho" já não mais significa uma "brincadeira estudantil", como Batista, movido pelo medo, queria apresentá-lo ao povo, mas uma ação patriótica de largo âmbito, que conquista novos adeptos e que, mais dia, menos dia, acabará com o ditador e seu regime sustentado pelos tanques e as metralhadoras.

De ponto de vista político, Fidel Castro conseguiu organizar uma ampla aliança de partidos, coisa pouco comum num país tão acentuadamente individualista como Cuba; de ponto de vista militar, a luta de guerrilha iniciada em fins de 1956 vem transformando-se numa guerra de bôlso, que não mais conseguirá ser vencida pelo indivíduo e enfraquecido exército cubano, cujos comandantes não obedecem cegamente a Batista.

Ao mesmo tempo, Castro conseguiu organizar um plano de ação, mobilizando todas as forças das quais dispõe o governo, em várias frentes ao mesmo tempo:

1. Na Serra Mestra, o pequeno e cada vez melhor armado exército dirigido pessoalmente por Fidel Castro ocupa posições que facilitam as mais extraordinárias façanhas, sem que possa ser desalojado pelos comandos de guerrilha, organizados e treinados especialmente;

2. em Havana e nas outras cidades importantes (Santiago, Cienfuegos, Holguín, etc.), comandos suicidas dando prova de extraordinária coragem, executam quase diariamente atos de sabotagem, invadindo quartéis, ocupando estações de rádio, jogando bombas nos pontos estratégicos, destruindo estradas de ferro, etc., agindo de surpresa, de modo que as perdas destas equipes são, quase sempre, mínimas;

3. a ação que mais dor de cabeça dá ao governo Batista é a sabotagem das

grandes plantações de cana de açúcar, que representam a maior riqueza de Cuba. De fato, Castro elaborou um inteligente plano de ação, conseguindo, até agora, que grandes áreas fôssem literalmente arrasadas. (Como em todas as guerras, nesta microguerra também, a operação "terra queimada" mostrou ser uma das armas mais eficazes e mais temidas.)

ESTAS AÇÕES VÊM sendo executadas, há mais de um ano, com precisão matemática, por elementos prontos a arriscar a vida a qualquer instante e até agora nenhuma medida adotada pelo ditador conseguiu pôr fim a onda que, dia a dia, vem crescendo, conquistando novas posições e novos adeptos.

No começo da campanha de Fidel Castro, Batista tentou transformar os patriotas em "bandoleiros" e "pistoleiros", mas teve que abandonar a tática, pois o povo que conhecia a verdadeira origem dos ataques, não tinha confiança nos comunicados do governo.

Houve episódios dramáticos, como o assalto do palácio presidencial levado a fim por um grupo de estudantes que tentou assassinar Batista, chegando até à ante-sala de seu gabinete: a cena passou-se em pleno centro da Capital, o tiroteio foi assistido por centenas de pessoas, e vários atacantes eram líderes estudantis conhecidos em todos os círculos, de maneira que a manobra de taxá-los de "pistoleiros" não deu certo.

Em seguida, Batista tentou desmoralizar a gente de Castro, afirmando tratar-se de mercenários de Rafael Trujillo, que, exatamente na época em que estava se fortalecendo o "Movimento 26 de Julho", lançou violenta campanha contra Batista, com a finalidade de criar confusão. De um dia ao outro, os agentes de Trujillo que, até então, se mantinham reservados, começaram a agitar-se, dando, realmente, a impressão de que agiam em comum acordo com Castro; isto, porém, foi mera aparência, e Batista teve que lutar em duas frentes: contra Castro e contra Trujillo.

Um pacto de não-agressão realizado às pressas entre os dois ditadores, pôs fim às atividades dos agentes dominicanos e, desta maneira, ficou patenteado que Fidel Castro nada tinha que ver com Trujillo, pois sua luta continuava com a mesma firmeza.

A ÚLTIMA MANOBRA empregada por Batista foi chamar Castro de comunista, subvencionado pelas organizações estudantis e sindicais sediadas em Praga. Desta vez também, o tiro saiu pela culatra, pois o ex-presidente Prío Socarras (igualmente acusado de comunista) mandou divulgar, de seu exílio de Miami, as cédulas eleitorais em que o nome de

Batista aparecia ao lado de notórios comunistas de tendência stalinista, sob o emblema da foice e do martelo. Grande número destas cédulas foi impresso nas tipografias clandestinas das quais dispõe o "Movimento 26 de Julho", sendo distribuídas não somente no interior da República, mas também no estrangeiro, pelo serviço de informações do Movimento, dirigido em Nova Iorque pelo escritor Pedro Vicente Aja. Finalmente, a presença de grande número de cidadãos norte-americanos nas fileiras do exército de Castro, indica que os norte-americanos radicados em Cuba dão perfeitamente conta de que Castro, longe de estar a "serviço de Moscou", luta por uma causa boa e democrática.

FIDEL CASTRO significa o fim de Batista.

Se as tropas leais ao governo não conseguiram desalojar os homens do "26 de Julho" das montanhas do Oriente nos últimos meses de 1956 ou em janeiro-março de 1957, não mais conseguirão fazê-lo agora, quando Castro conta não somente com uma ótima rede de abastecimento, mas com recursos materiais e humanos que vêm aumentando dia a dia.

Será, pois, difícil resistir à ação conjugada deste pequeno exército e às eleições que Batista anuncia para este ano. Se estas forem realizadas, não terminarão bem para o ditador: de uma ou de outra maneira, seus adversários o expulsarão do poder, acabando com a farsa eleitoral, que já foi declarada ilegal por Castro e Prío Locarras.

Batista deu-se conta de tudo isto, pois, a menos de uma semana após o fim de Marcos Perez Jimenez, temendo que os acontecimentos da Venezuela influam no povo cubano, reuniu seu gabinete em sessão de emergência, decidindo a imediata suspensão do estado-de-sítio e o fim da censura da imprensa.

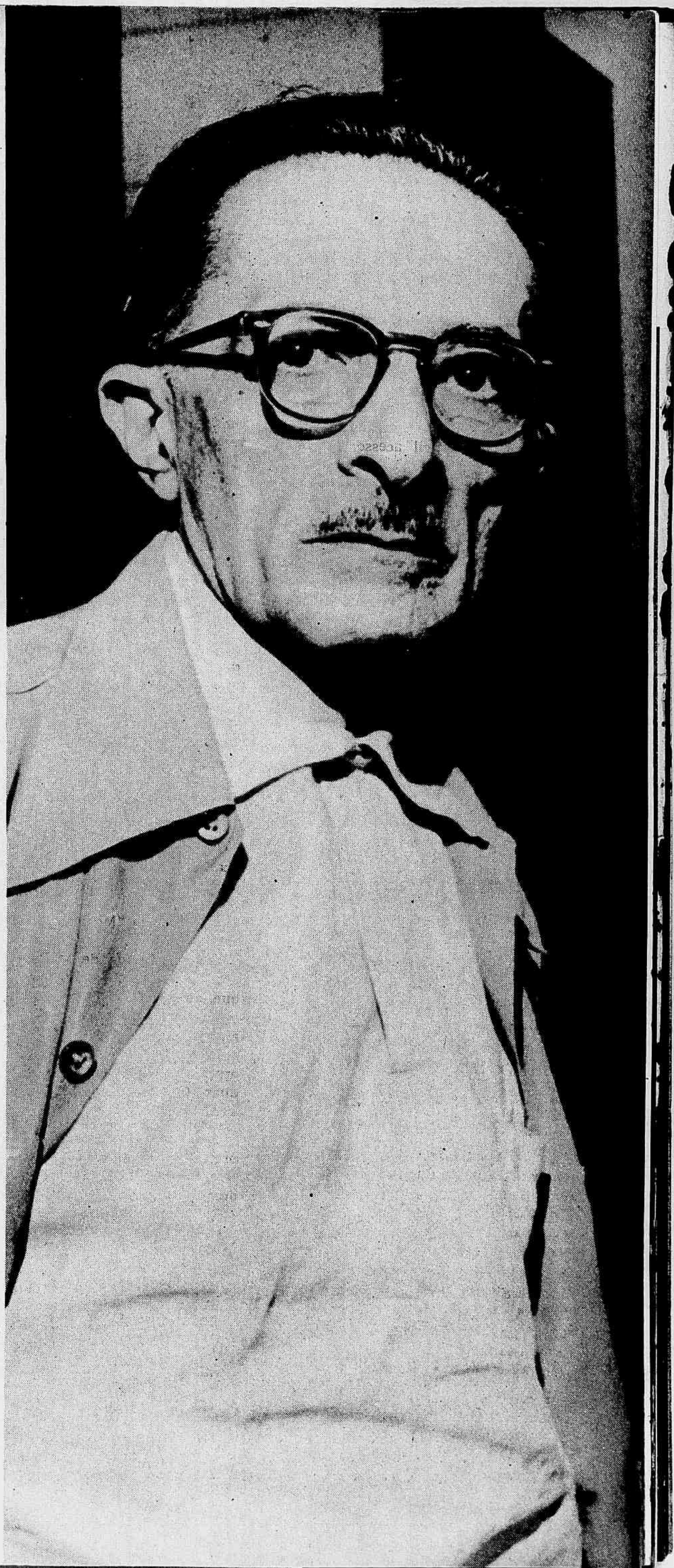
Resultado: em 26 de janeiro, pela primeira vez após vários meses, todos os jornais, cubanos saíram livres de censura, criticando unânime em seus editoriais as medidas de repressão e a política do governo, que, conforme afirmam vários colunistas, se empenhou num caminho perigoso: o caminho de Perón e Jimenez.

Se Fulgêncio Batista se mantiver no poder, por mais alguns meses, será obrigado, pelas circunstâncias, a prosseguir no caminho de uma aparente liberalização, que significa o enfraquecimento do regime de força, e, automaticamente, o fim da ditadura. Se, porém, decidir decretar novamente o sítio, impondo a censura à imprensa e voltando aos métodos que não deram nenhum resultado, será derrubado pela violência: sangue por sangue.

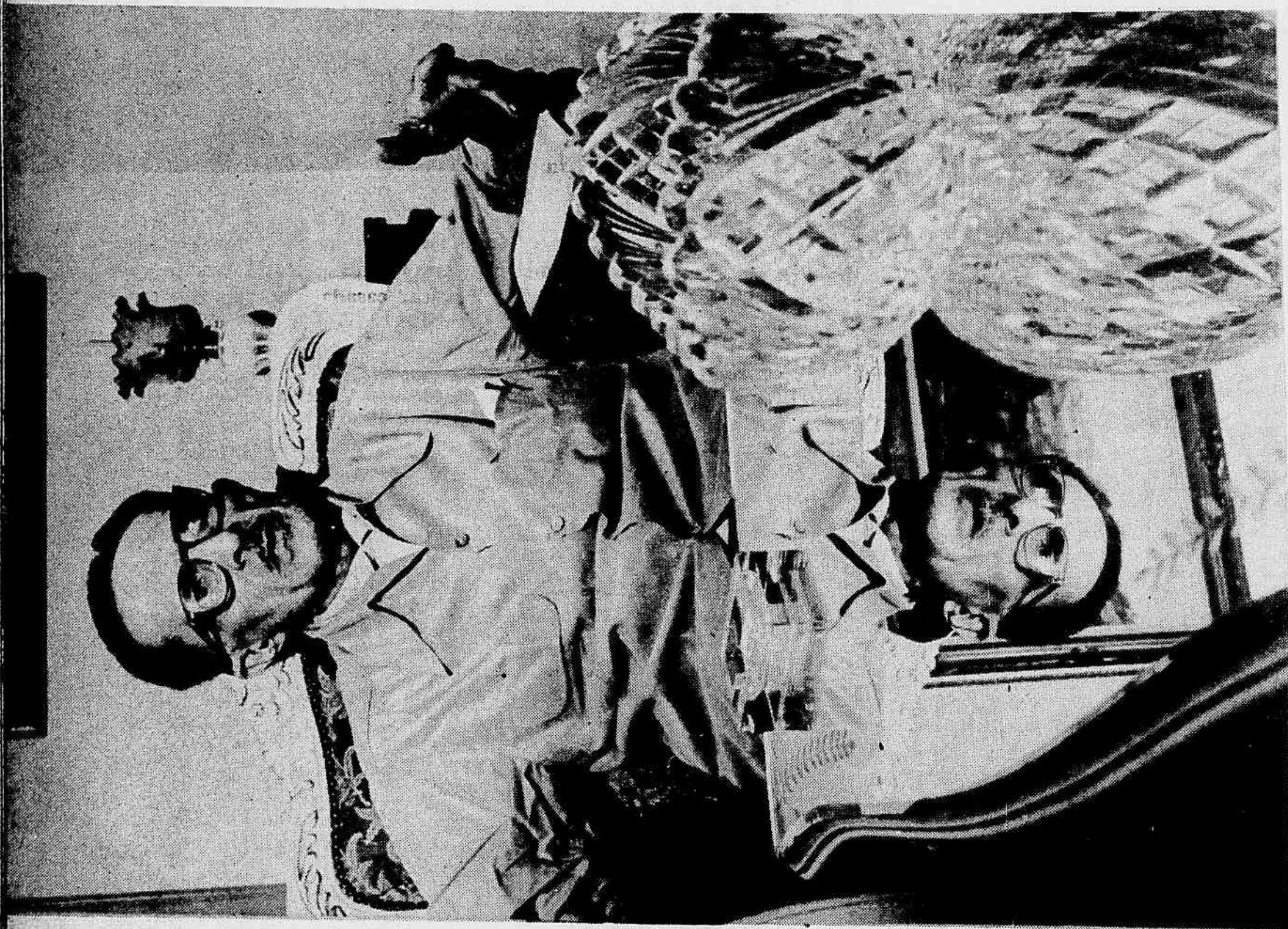
Deste círculo vicioso não há saída. Os dias de Batista estão contados.

Rafael
vai
contar
tudo

(pág. 58)



RAFAEL ESCREVE MEMÓRIAS PORQUE Z



BAIXO, MAGRO, BIGODE ralo, cabelos grisalhos, olhar penetrante e um riso de mofa, Rafael Corrêa de Oliveira está com 60 anos e anuncia nova fase: memorialista.

Pernambucano de Golana, já foi professor primário, revolucionário e tenente, intendente, diplomata, propagandista comercial, conspirador e repórter. Atualmente é um dos mais temíveis cronistas políticos do Brasil e está começando a escrever as suas memórias.

RAFAEL CORRÊA DE OLIVEIRA recebeu o repórter em seu apartamento da rua Senador Vergueiro e contou a sua vida:

1. Em 1918 era professor primário na cidade de Patos, Paraíba. O deputado Ernani Sátiro foi seu aluno, e ele era mais moço que muitos dos seus alunos. Depois foi diretor do "Correio da Manhã" de João Pessoa "a primeira tentativa séria de fazer jornalismo independente no nordeste". Passou quatro anos no jornal.

2. Deixou a Paraíba e foi para o Acre, nomeado prefeito de Sena Madureira, no Alto Purus. (Primeiro capítulo de suas "Memórias". Página 56.)

3. Um dia recebeu uma carta de Epitácio Pessoa dizendo que ele não podia continuar na selva. Pensou bem e foi para Recife, onde chegou a ser secretário do "Jornal do Comércio",

dos Pessoa de Queiroz. Na Paraíba encontrou um sujeito chamado Zé Pereira Lima, pistoleiro famoso, na direção do seu jornal que o governo tomou.

4. Em São Paulo trabalhou no "Diário da Noite", do seu parente Assis Chateaubriand, e foi diretor da sucursal do "O Jornal" do Rio. Mas seus métodos jornalísticos não coincidiam com os de Chateaubriand. Resultado: foi mandado para a Coluna Prestes, fazer reportagem.

5. Como repórter fez a cobertura da ação da Coluna no Brasil e suas reportagens fizeram aumentar as tiragens do "Diário da Noite" de 10 mil exemplares para 50 mil e do "O Jornal" de 3 mil para 18 mil. Foi ele que deu o título de "Cavaleiro da Esperança" a Luis Carlos Prestes.

6. Ligado aos revolucionários, foi dirigir o jornal "A Praça" de Santos, e lançou a candidatura (depois se arrependeu) de Getúlio ao governo, em 1929. Era o representante de Prestes em S. Paulo, esteve no Rio Grande a chamado de Getúlio e Osvaldo Aranha, encontrou Getúlio hesitante, fugindo aos compromissos.

7. Foi incumbido de ir a Buenos Aires tirar da cabeça do Prestes a idéia de lançar o Manifesto Comunista: "Prestes, àquela altura, era irremediavelmente marxista". Não foi. No seu lugar foi Siqueira Campos, mas morreu num desastre de avião, e logo depois Prestes lançava o manifesto. Foi Prestes

ZÉ LINS DO RÊGO MORREU

quem lhe comunicou, por telegrama, o desastre aéreo no qual morreu Siqueira Campos e escapou João Alberto.

8. Acha que Siqueira teria convencido Prestes a não lançar o manifesto e se isto acontecesse, a revolução teria tomado outro rumo, Getúlio não teria sido Presidente, Prestes subiria ao Catete porque contava com grande prestígio nas massas e nos meios militares. Mas Prestes sempre foi profundamente honesto, queria levar a revolução até o fim, até a reforma social. E, apesar de comunista, não se livrou dos complexos da burguesia. "Por isso não foi presidente da República".

9. Ai Rafael foi a Buenos Aires (João Alberto era líder da revolução). A revolução já estava fracassada, Getúlio fizera um acordo, O. Aranha dissolvera a revolução, Prestes lhe disse: "Eu não te dizia que essa gente era só de intriga?" Depois o general Estillac (que se chamava engenheiro Antônio Veloso na revolução) dizia a O. Aranha: "Não somos empreiteiros de revolução".

10. Depois houve o assassinato de João Pessoa, na Paraíba, que precipitou a revolução marcada para 28 de junho. Rafael soube disso no navio em que viajava de Recife para o Rio.

11. Daí em diante: nomeado secretário-geral de Polícia em S. Paulo (por João Alberto). Não durou muito tempo; exigiram-lhe que perseguisse os comunistas e ele não era de perseguição. E mais: Siqueira Campos sempre lhe dissera o seguinte: "Quando tiveres uma missão difícil, secreta, confia nos comunistas". "Encerrei minha carreira de policial".

12. Foi mais: oficial de gabinete do ministro da Saúde. Estêve em S. Paulo, O. Aranha lhe disse que a situação em S. Paulo não era boa, o Estado não se pacificava, era bom que ele fosse para o estrangeiro. Rafael foi para Londres como adido comercial. "Comecei minha carreira de propagandista comercial" e logo depois acontecia a revolução constitucionalista de S. Paulo. Depois iniciou sua carreira diplomática: passou 3 anos em Portugal, recebeu "uma coisa muito difícil", a Comenda de Cristo, das mãos de Salazar. Depois foi para Nova Iorque instalar o escritório comercial do Brasil, dispensado logo depois do golpe de Estado. Ai fez uma permuta com um afilhado de Getúlio, e passou a ser fiscal do imposto de consumo em Xiririca, S. Paulo, depois transferido para o Rio.

13. Um dia o general Cordeiro de Farias lhe disse: "Ou você vai para o estrangeiro ou vai preso". Diz Rafael: "Getúlio era fascista, eu era democrata. Fui para os EE.UU. e conspiréi durante muito tempo junto ao Departamento de Estado para derrubar a ditadura brasileira. Mangabeira pode atestar."

14. Mas acabou preso, juntamente com Virgílio de Melo Franco. Sóto foi para o "Diário de Notícias", onde se encontra até hoje; "recomecei minha vida de jornalista militante". Tornou-se diretor da sucursal do "Estado de São Paulo", de onde saiu agora, depois de 12 anos de trabalho.

15. "Por um azar fui eleito deputado em 1954. Ninguém tinha coragem de combater Chateaubriand, eu fui para a Paraíba, combati-o e acabei eleito."

16. POR QUE RESOLVEU ESCREVER AS MEMÓRIAS: quando Zé Lins do Rêgo morreu, todos escreveram necrológicos, ele escreveu um artigo no "Diário de Notícias" intitulado "À margem dos necrológicos", contando episódios de sua vida com o escritor paraibano. Na Câmara, o deputado Prado Kelly lhe disse: "Você está intimado a escrever, agora, suas memórias, porque o seu artigo revelou um grande memorialista".

17. É casado com dona Dulce Corrêa de Oliveira, irmã do senador Rui Carneiro. Tem 4 filhas: Ruth, casada com um advogado em Recife; Branca, casada com um professor universitário, e Teresinha, casada com um tenente-coronel do Exército. A solteira: Elisabeth, muito inteligente, que há pouco tempo deu uma entrevista na televisão de Londres falando sobre o Brasil.

18. O QUE ACHA DA POLÍTICA BRASILEIRA: administrativamente, desonesta; politicamente desordenada. "Os partidos lutam por empregos, facilidades, etc. A luta seria contra o comunismo. Mas ninguém quer reconhecer o PCB e o resultado é o seguinte: os comunistas se infiltram em todos os partidos e tudo de ruim que acontece eles dizem: "Culpa dos partidos burgueses". O IDEAL: que o PCB estivesse na legalidade, para que se pudesse fixar as responsabilidades na vida política brasileira. Nesse caso os burgueses teriam de se portar bem, com honestidade, para não perder terreno para os comunistas.

19. AS FIGURAS MARCANTES (PRINCIPAIS) DO BRASIL:

1. Siqueira Campos.
2. Luis Carlos Prestes.
3. Eptácio Pessoa.
4. Pinheiro Machado.
5. Raul Pila.
6. João Mangabeira.
7. Eduardo Gomes.
8. Orlando Dantas.

Considera o mais culto e inteligente: João Mangabeira. "Noutro país ele seria líder, aqui o líder é João Goulart."

20. OS PIORES: Getúlio Vargas ("nunca foi socialista, nem amigo do povo, apropriou-se das leis trabalhistas de Lindolfo Collor, enganou um povo ignorante e ingênuo. Não era propriamente um brasileiro: era um indo-americano, tipo do contrabandista de fronteira. Egocêntrico").

Outro pior: Assis Chateaubriand, que com sua inteligência e capacidade de ação serve a interesses que ele sabe, conscientemente, não serem brasileiros. Seria um grande homem se ainda fosse o provinciano chegado ao Rio no princípio do século".

"Só quero citar dois dos piores. Se fosse enumerar todos cometeria injustiças, não enumerando todos. E a REVISTA não tem espaço a perder.

21. RAFAEL CORREIA mora no Rio há 30 anos, mas não esqueceu os costumes do nordeste: ainda come carne de sol com farofa e no seu gabinete de trabalho, no apartamento da rua Senador Vergueiro, ele mandou instalar dois armadores de rede. Sua mulher não gosta, ficava feio. Ele resolveu o problema assim: botou um armador dentro do armário embutido, por trás dos livros de Stendhal e o outro por trás do retrato de Goethe. E depois do almoço se balança na rede do Ceará.

MEMÓRIAS DO QUE EU VI E SENTI...

Rafael
Corrêa
de Oliveira



TINHA 25 ANOS quando senti a atração da Amazônia. Um governador do Acre me oferecia a Prefeitura ou Intendência de Sena Madureira, no Alto Purus. E Carlos Dias Fernandes, que tinha a experiência daquele estranho mundo, onde vivera, aconselhava eufôricamente:

— Tira o bigode para deixar o azar na Paraíba. E parte imediatamente.

Tirei o bigode e parti. Era uma aventura que qualquer homem pode tentar aos vinte e cinco anos.

Quando me instalei no "gaiola", e dois dias depois vareei o Paraná da Rosa, tive um deslumbramento. A mata estava praticamente ao alcance de minhas mãos. Macacos, araras e tucanos pensativos como filósofos imbecis, povoavam as árvores. E os guinchos, os gritos, os cantos maviosos se confundiam num grande rumor desconhecido para o homem das terras secas e abertas do Nordeste. Vagarosamente, num descuido hipotético e malicioso, o jacaré cortava as águas na proa do "gaiola" que lutava contra a corrente. Os passageiros veteranos riam da minha excitação. E o velho Barata Descascada, muito vermelho, muito rico, dono de seringais vastíssimos, palitava os dentes amarelos, mostrava as gengivas infetadas, e dizia um disparate:

— Daqui a cinco dias, moço, você enjoa tudo isso...

Cinco dias depois eu me sentia destruído pela monstruosa monotonia da paisagem imutável. O rio no meio da mata, os macacos, as araras, os tucanos, os jacarés repetiam-se em tôdas as voltas e nada havia de novo, nem mesmo o casebre de palha construído sobre estacas, e abrigando famílias enormes, impaludadas, barrigudas de mandioca e cachaça...

Vendo-me inquieto, aborrecido de tudo, inadaptado, o velho

SEM DÚVIDA Thackeray estava certo quando escreveu que não se pode arrancar do coração, ou da memória do homem a emoção e os fatos que produziram marcas profundas e indeléveis. No entanto, com o tempo, a experiência e as decepções, adquirimos uma certa insensibilidade que nos leva à indiferença e ao cinismo. Momentos de cólera; amarguradas horas de surpresa e incompreensão, gestos brutais de revolta, desejos e ímpetos irrefletidos de vingança se transformam, ao longo da vida, numa simples recordação de episódios que nos fizeram chorar e agora nos fazem sorrir. E sorrir de nós mesmos.

Outras vezes a lembrança de que alguém sofreu por nossa causa, e de que o nosso egoísmo ignorou essa tristeza calculadamente, impiedosamente, alerta-nos a matilha adormecida dos remorsos com a intensidade dos arrependimentos inúteis. O mais estranho, porém, é que os velhos motivos de cólera que nos fazem rir, ou aceitar, displicentemente, os males sofridos, poderiam, no presente, provocar outras ondas de indignação idênticas às que sentimos no passado. A única diferença está no prestígio do tempo que elimina a surpresa. Só esta não nos pode atormentar o espírito nem impedir a filosófica interpretação das injustiças e desgraças que nos atingem. Mas, de qualquer forma, vale a pena recordar, — e rir do passado. Ou ainda sonhar com ele também...

Barata Descascada me tomou pelo braço e sugeriu amavelmente:

— Venha, seu Intendente, venha se distrair.

A distração era a mesa de pôquer. Um jogo maluco, estradado, sem limites nas apostas. E eu que era o perdedor absoluto do Clube Astréia, na Paraíba, desembestei num sucesso de sorte em cima do velho Barata Descascada. Tomava-lhe o dinheiro com qualquer jogo. Quando ele apostava alto eu tinha boas cartas, e ganhava. Quando eu elevava a parada, ele fugia do "bluff"...

E este foi o grande divertimento da viagem até a boca do rio Acre, porque a gente de bordo via com imensa satisfação o dinheiro do velho rico e usurário passar para as mãos do moço que ia tentar a vida nas margens do rio Iaco.

Não falo de Sena Madureira nem da sua vida pesada e áspera. Nem das suas casas em abandono. Ou das suas largas ruas cobertas de capim. A paisagem cede lugar ao episódio humano que ainda hoje me impressiona sem impedir o riso provocado por alguns de seus grotescos aspectos.

Quando tomei posse da Prefeitura, ou Intendência, não havia um níquel no cofre. Impostos recebidos e pagamentos feitos constituíam um complicado sistema de "vales" que os sírios e judeus do comércio descontavam em mercadorias, com ágios de vinte e trinta por cento. As dotações federais ficavam mesmo na Delegacia Fiscal de Manaus, e aí eram recebidas pelos procuradores, que descontavam os "vales" da Prefeitura. Como vemos, era tudo um original modelo de administração.

O presidente do Conselho Municipal, o tesoureiro e o secretário da Prefeitura estavam presos, processados por crime

de morte no município de Umari, Estado do Amazonas. Havia um ano chegara a precatória que fôra cumprida secretamente por uma justiça facciosa. O governo do Território não dispunha de verba para transportar os homens até Umari. O governo do Amazonas estava na mesma situação. E assim os presos iam apodrecendo na cadeia sem esperança de julgamento e liberdade.

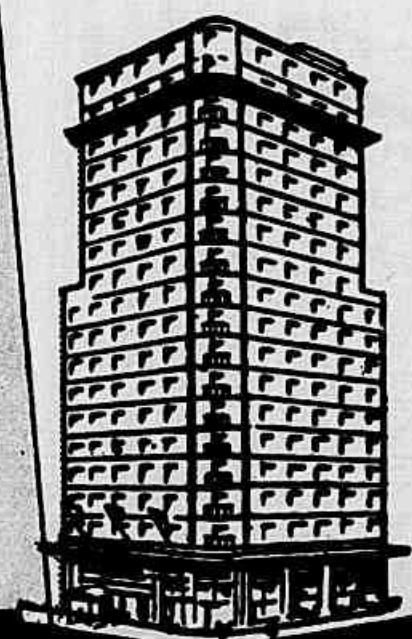
Três meses depois de minha chegada a Sena Madureira, resolvi voltar a Manaus e reclamar o pagamento das verbas federais, diretamente, para eliminar a ganância dos intermediários e o sistema dos "vales". Correu pela cidade a notícia de que o Intendente ia "baixar". E logo recebi um pedido do capitão Amorim para ir vê-lo na cadeia. Era, afinal de contas, o presidente do Conselho Municipal, e deu-me pena a sua situação de abandono e isolamento. Fui à cadeia. O capitão Amorim me recebeu com os seus cúmplices, — o secretário e o tesoureiro da Municipalidade.

Encontrei-me, pois, diante de um homem extremamente magro, de estatura mediana, uma barbicha à D. Quixote e um olhar de Mefistófeles. Falou-me pausadamente, com uma certa angústia na voz:

— Senhor Intendente: não sei como lhe agradecer a sua presença aqui. Eu e meus companheiros somos vítimas de uma cilada política, a mais torpe perseguição. Arranjaram-nos este processo de homicídio no Umari, município do Amazonas, que se limita com o nosso. Não fomos citados para a formação da culpa, e correu tudo à nossa revelia até o momento em que fomos presos por uma precatória. Se o senhor quiser fazer-nos uma esmola poderá ir a Umari, examinar o processo, tirar as certidões da citação e requerer um "habeas-

HOTEL COMODORO

Supremo na arte de hospedar



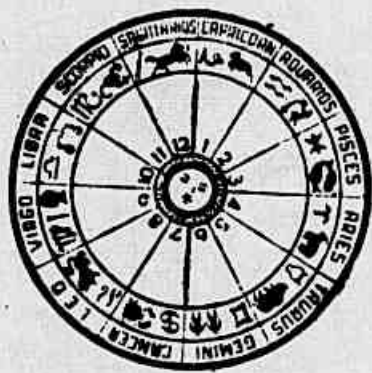
*Enderêço permanen-
te dos mais ilustres
visitantes*

Restaurante com ar
condicionado. Bar
com atrações tôdas
as noites. Jantar
dançante aos do-
mingos.

Serviço de restau-
rante dia e noite.

HOTEL COMODORO

AV. DUQUE DE CAXIAS, 525 — FONE 51-9181
SÃO PAULO



A ASTROLOGIA É UMA CIÊN-
CIA POSITIVA. Todos têm épocas
favoráveis em sorte, negócios, ami-
zades etc. Porém nem todos co-
nhecem as suas oportunidades. Co-
nheça os meios de vencer os obs-
táculos da sorte enviando SÔMEN-
TE O ENVELOPE SELADO COM
SEU ENDERÊÇO e data de nasci-
mento para P. EMTE — Caixa Pos-
tal, 1.141 — Porto Alegre — Rio
Grande do Sul e receberá grátis, e
sem compromisso, a resposta do
seu interesse.

★ ACESSÓRIOS PARA AUTOMÓVEIS ★
RADIOS - NOVIDADES
IMPORTADORES -

Mil



ELETRICIDADE
FREIOS HIDRAULICOS
LIMPADORES PARARRISAS -

Mil

RUA MEXICO 98A - FONES 521066 226144

ATENÇÂO: ENCOMENDAS POR REEMBOLSO AEREO -
A MILIONARIA DO CASTELO -

corpus" ao Tribunal de Manaus. O processo é nulo. E já não tomamos as medidas de defesa porque não temos um niquel.

Dois dias após esse encontro, eu descia o rio Iaco. Deixei o vapor na Bôca do Acre, subi o Purus e fiz tudo que o capitão Amorim me pedia. Viajando num bote de motor à pôpa, vencida a corrente com dificuldade. Matei uma capi- vara. Dormi na casa aberta de um caboclo, onde, jantando um pedaço de carne mal tostada, engoli um percevejo do mato que é grande, tem asas, voa rapidamente e fede como todos os diabos.

O caboclo, dono da casa, me advertiu com sapiência:

— Doutor, o bicho está vivo lá dentro. Tome logo cachaça para ele morrer e "vossoria" não sentir o cheiro.

Tomei meia garrafa de aguardente ordinária, matei o per- cevejo certamente, mas só pela manhã saiu-me da bôca o hálito horrível.

Quando, mais tarde, cheguei a Manaus, dei imediatamente os documentos a um advogado. O "habeas-corpus" foi con- cedido. E os homens que eu deixara presos eram restituídos à liberdade.

Vinte dias passaram antes do meu regresso a Sena Ma- dureira. De volta fui recebido festivamente. O barranco do rio estava repleto de povo. Bombas explodiam.

O capitão Amorim e seus amigos me agradeceram, e la- mentaram não poder pagar as despesas do "habeas-corpus". Mas duas semanas depois o homem magro e ríspido me pro- curou. Já então vinha com outros modos. E se anunciara como presidente do Conselho Municipal.

— As suas ordens capitão Amorim.

— Senhor intendente, venho aqui, em nome do meu par- tido, trazer-lhe algumas reivindicações. Como sabe, nós temos a maioria do Conselho...

E dizendo isto, o homem que eu tirara da cadeia dias antes me apresentou uma lista com vários nomes. Eram funcioná- rios que deviam ser demitidos e substituídos por pessoas de seu grupo político, isto é, por elementos da "Banda Podre", como chamavam na cidade o partido do capitão Amorim.

— Terminantemente recuso — foi a minha resposta.

— Pois sinto muito dizer-lhe, senhor intendente, que não terá orçamento e as suas contas serão impugnadas.

Eu tinha vinte e cinco anos e o sangue quente. Tangi o capitão Amorim para fora de meu gabinete. E a luta começou...

Já a política do Acre me envolvia completamente, e a pug- nacidade de meu espírito erguia planos de vingança a longo prazo, quando o correio me trouxe uma carta com o timbre do Senado Federal. Era Eptácio Pessoa que regressara da Europa e me escrevia. Mostrava-se surpreso com a minha saída da Paraíba e dizia textualmente: "É uma pena que esteja atrofiando a sua inteligência no Acre".

Aquela carta, assim generosa e serena, mudou o meu des- tino. E se me fez um grande bem determinou o maior golpe moral de minha vida.

Esqueci Amorim e suas misérias. Tirei uma licença. E re- solvi abandonar Sena Madureira, em pleno verão, com os rios baixos e a navegação difícil. Meu filho tinha seis meses, — filho único, — bela criatura de olhos negros que eu ado- rava. O médico me advertiu: — "Você vai expor essa criança a um sério perigo. São vinte dias de viagem até Belém. A má alimentação pode ser fatal.

Mas teimosamente eu parti. No dia de minha chegada a Belém o menino adoeceu. Febre alta. Disenteria. A morte afinal.

Eu tirara Amorim da cadeia para que ele matasse meu filho. E agora, trinta e cinco anos passados, vejo que en- contrei muitos outros Amorins na vida. E sinto, também, que a lição do Acre não me aproveitou, salvo quanto às surpresas...

1. AS CENAS DA POLÍCIA perseguida nas ruas de Caracas, depois que o ditador Jimenez foi deposto, lembram 1930, quando o tenente Chevalier assumiu (por sua conta e risco) a chefia de Polícia em substituição a Coriolano de Góis e o famoso Cabanas (da Coluna da Morte) tomou conta da 4.^a Delegacia Auxiliar, que hoje se chama Ordem Política e Social.

O povo esperava na rua da Relação os policiais que foram chamados à Polícia Central para se apresentarem ao novo chefe. Mas como aqui é Brasil e não Venezuela, tudo acabou com correrias, alguns cascudos e mais risadas do que pancadas. Coriolano asilou-se na Embaixada do México, chefiada por Alfonso Reyes, nas Laranjeiras, no mesmo prédio onde funciona hoje a Escola Rodrigues Alves e que nos tempos do Império foi a residência do príncipe Aritoff, russo casado com brasileira, que dava os maiores bailes do Império.

2. AINDA DA REVOLUÇÃO DE 30: o manifesto do general Bertholdo Klinger, levando ao conhecimento do povo que fôra nomeado pela Junta Militar para a Chefia de Polícia, para substituir o tenente Chevalier. Em 1932, Klinger comandou a revolução constitucionalista de São Paulo. Ele é o autor de uma reforma autográfica que deu muito assunto para o Osório Borba. Coriolano foi mais tarde chefe de Polícia de Getúlio, em São Paulo.

3. DEPOIS DA REVOLUÇÃO DE 30 o "Diário da Noite" publicou as notas taquigráficas feitas pelos policiais nas reuniões da Aliança Liberal. Quem mais aparecia nas notas era Cunha Vasconcelos, que conheci sempre vestido de branco, com um cravo na lapela e um grande chapéu de panamá. Cunha Vasconcelos fôra delegado de polícia no governo Hermes da Fonseca e governou o Território do Acre duas vezes. Era um homem muito violento mas de caráter reto, e fiel amigo de Hermes. Quando seu filho nasceu foi batizado com o nome de Hermes e sua filha de Rian (inversão de Nair, nome da esposa do presidente Hermes). O filho é o atual presidente da Hípica e a filha é dona do prédio onde funciona o Cine Rian. Dona Rian

CÂMERA LENTA

nasceu logo após a revolução e casou-se com Ciro Aranha.

Embora o senador Cunha Vasconcelos, que se chama José, tenha um filho com o seu nome — o desembargador José Vasconcelos — o seu neto, o comico José Vasconcelos, é filho de outro filho.

4. O PROCURADOR ALDO MOURA, agora nomeado presidente da comissão incumbida de rever as contas da Light, ao aparecer em casa com o seu primeiro ordenado de procurador, causou indignação a seu pai, o general Almério de Moura, que achou um absurdo um rapaz recém-formado ganhar mais do que um general. Diz-se que o fato provocou, na época, o limite de salários da Prefeitura, no tempo de Henrique Dodsworth.

5. OUTRO PROCURADOR TAMBÉM nomeado (recentemente) para uma comissão foi o sr. Albino Mesquita, chefe de gabinete do sr. Geraldo Moreira. Albino já foi jogador de futebol (Fluminense) e é irmão do saudoso compositor Custódio Mesquita. E por falar em revolução de 30 e de gente de rádio, lembrei-me de um estudante de Direito que conheci de lenço vermelho no pescoço, chamado Pelópidas. Ele é muito conhecido hoje como Paulo Gracindo.



6. PARECE QUE DESTA VEZ o Teatro Fênix vai mesmo ser demolido para dar lugar a outro teatro. No velho, Leopoldo Fróis fez uma grande temporada com a peça de sua autoria "Mimosa", em que cantava a canção do mesmo nome. Os seus fãs diziam: "O Fróis até cantar sabe". Mas eles se esqueceram de que Fróis iniciou sua vida artística cantando ao violão — para desgosto de sua família, que o queria advogado. Fróis formou-se mas continuou ator e cantor. Outro que era advogado e ator: Odilon de Azevedo. Ele, Fróis, Chabi Pinheiro e Judice fizeram uma temporada no "Lírico", que era o teatro de melhor acústica do Brasil e acabou virando local de estacionamento de automóveis. Agora é pomar.

7. A ACADEMIA BRASILEIRA de Letras está construindo um prédio novo. Vai deixar o velho da Av. Churchill, que já foi pavilhão da França na Exposição do Centenário de 1922, verdadeira cópia do "Petit Trianon" de Paris. Agora a Academia foi enriquecida com a entrada de Afonso Arinos, que teve seu retrato (beijado pelas afilhadas e sobrinhas-netas) publicado nos jornais do Rio. As netas são pelo lado paterno descendentes de Joaquim Nabuco uma, e de Carlos Chagas, outra. O novo acadêmico, por estar de mudança para a casa que foi do seu sogro, na rua Dona Mariana, recebeu a clássica visita dos "imortais" na residência do seu cunhado.

Por que Afonso se mudou: dois arranha-céus novos imprensaram sua casa da rua Anita Garibaldi.

E com isso a rua Dona Mariana ganha mais uma figura de projeção, pois lá já moram as seguintes: Santiago Dantas, Flexa Ribeiro, Jaime Bastian Pinto, Alufio de Castro (acadêmico), Américo Jacobina Lacombe, Hélio Aguinaga e Arnaldo Campelo. E lá ficam as Embaixadas da Bélgica e da Iugoslávia e o consulado do Líbano. Em compensação, perdeu Alceu de Amoroso Lima (Tristão de Ataíde).



FIQUEI PASMADA quando li em um matutino da cidade uma entrevista da Ildinha Caravaglia falando sobre o carnaval da alta-sociedade carioca. Ildinha frizou que o carnaval carioca da alta-sociedade começou com a festa oferecida pelo senhor Alberto Pitigliani. Essa festa foi aquela que acabou em conflito...

A PROPÓSITO, tenho visto citados, como expoentes da alta-sociedade, os nomes de Neuza Andrade, Alzirinha Miguel Pereira, Tutsi Bertrand, Norma Primo e outras que fazem ponto na piscina do Copacabana-Palace, misturadas com senhoritas como Heloísa Dolabela, Marina Mesquita, Rosinha Serzedelo Machado e outras. Se fôsse na coluna humorística de Leon Eliachar ainda disfarçaria...

É LAMENTÁVEL o que se vem observando em algumas colunas que se dizem sociais... Com exceções dos cronistas Peter, Gilberto Trompowsky, Fernando Augusto, Marcos André, Ibrahim Sued, Pomona Politis, Jacinto de Thormes e Samuel Wainer, temos visto aprendizes de Madame Recamier citadas como se fôsem autênticas damas da alta-sociedade, quando não passam de senhoras que vivem à margem da sociedade...

Quanto às jovens senhoritas filhas de famílias, estas estão sendo substituídas por verdadeiras aprendizes de Madame Pompadour, sendo citadas diariamente como beldades da sociedade carioca, quando sabemos que se tratam de jovens que aceitam qualquer "week-end"... É verdade, a crônica social começa a pôr em perigo o bom nome da sociedade carioca...

MUITOS DOS MEMBROS de conhecidas famílias cariocas são os culpados disso: por exemplo, há muitas pessoas que não podem ver um colunista, seja de categoria ou não, que não se apressem em lhes render tôdas as homenagens. Vou citar alguns nomes: senhora Heloísa Amado. Senhora Eunice Modesto Leal. Senhora Lea Duvivier. Senhora Teresinha Muniz Freire. Senhora Teresa Souza Campos. Senhor Didu Souza Campos. Lucianita Braeun. Senhora Nana Winans. Senhora Vera Butler. Senhora Leda Galliez.

E HÁ, FINALMENTE, o grupo que rodeia o "high-society". Este grupo também adora sair nas colunas... E tal é a mexida que hoje a confusão está reinando. Para o grande público é tudo a mesma coisa.



O célebre colunista Gigi Cassini visitou o Rio. Foi cercado por gregos e troianos. Todos queriam homenageá-lo. Felizmente, ele conheceu algumas pessoas que representam a nossa alta sociedade. Mas também conheceu um grupo que não é nem "society" nem "café-society"... Na foto, dançando com Jeanne Crain, a bela atriz que nos visitou, e que após a visita ao Rio se divorciou... Aqui ela teve um grande romance secreto... Mas é segredo.



Lady Maxwell informa





Gladstone Chaves de Melo e Wilson Leite Passos, oposição dentro da oposição



A UDN EM BUSCA DE UM SLOGAN REALISTA

NACIONAL

A UDN VAI LANÇAR-SE a grande campanha visando a eleger a maioria dos deputados e vereadores do Distrito Federal, mas antes disso seus líderes terão que resolver o caso criado pelos srs. Gladstone Chaves de Melo e Wilson Leite Passos, que ameaçam levar o partido a uma séria crise, beneficiando o PDC, que pretende conseguir muitos votos em outubro com uma chapa de descontentes de outros partidos.

A campanha udenista começará, provavelmente, em torno da liberdade do rádio e tevê. Quanto a isso, porém, dividem-se os "experts" do partido. Uns acham que o slogan "é capaz de galvanizar a politizada opinião pública da cidade mais democrática do país". Outros acham que isso é pouco realista e argumentam:

1 — A liberdade do rádio só é capaz de mobilizar os democratas militantes — e os militantes são poucos.

2 — A grande maioria dos eleitores tem preocupações mais imediatas, em geral ligadas às dificuldades da vida (reivindicações materiais) e seria difícil, sem o concurso de um fator emocional, como o que dominou as eleições anteriores (morte de Vargas, golpe, etc.), fazer com que eles pusessem em primeiro plano uma reivindicação política.

3 — Um considerável contingente de mulheres das chamadas classes médias (onde a UDN tem muitos eleitores) gostaria de ligar seu receptor para ouvir um discurso do sr. Carlos Lacerda, mas enquanto o rádio transmitir novelas não será por elas considerado escravo.

Estas opiniões têm pesado entre os elaboradores da tática udenista e está praticamente certo que a UDN não somente fará uma campanha de oposição implacável aos erros do governo — principalmente àqueles que se refletem mais

rápida e imediatamente sobre a situação material das grandes massas — como levará essa campanha diretamente aos bairros, aos morros, às fábricas e aos sindicatos. Nesse terreno a UDN vai concorrer “peito a peito” com o PTB e o PSP, cuja posição, após dois anos de governo JK (com apoio petebopessepista) sofreu um desgaste relativamente grande. Falando uma linguagem popular e nacionalista, espera o partido eleger seis deputados (tem cinco atualmente), um senador e a maior bancada (10 a 11) na Câmara de Vereadores.

Atualmente já estão certas as candidaturas a deputado dos srs. Carlos Lacerda, Frota Aguiar, Mário Martins, Adauto Cardoso, Maurício Joppert, Hamilton Nogueira, Eurípedes Cardoso de Menezes, Aguinaldo Costa e João Duarte Filho. Outros candidatos serão escolhidos depois, nas convenções de 7 de abril e 9 de maio. O candidato ao Senado será (quase certo) o acadêmico Afonso Arinos. Seu nome foi coordenado pelo sr. Mário Martins e encontrou melhor receptividade que o do sr. Aliomar Baleeiro, preferido pelo sr. Carlos Lacerda. Espera-se que, não existindo o fator emocional que funcionou nas eleições anteriores, o sr. Carlos Lacerda não monopolizará quase todos os votos do partido: estes se distribuirão entre os vários candidatos.

Antes de tudo isso, porém, será necessário resolver o caso Gladstone & Leite Passos. O primeiro acusa o segundo de indisciplinado, de votar com o prefeito, etc. O segundo diz que tem cobertura do brigadeiro Eduardo Gomes, de dona Eliane Gomes e outros. O sr. Carlos Lacerda no início também o apoiava, mas agora já diz que não o viu nascer.

VAI HAVER CISÃO NA UDN PARAIBANA

PARECE IRREMEDIÁVEL a cisão na UDN da Paraíba, com o agravamento no choque entre as alas lideradas pelos srs. Argemiro Figueiredo e João Agripino.

O primeiro declarou-se em dissidência e saiu com cinco deputados estaduais, sendo um o seu próprio filho (Petrônio) e outro o líder da bancada na Assembléia Legislativa (Jacob Frantz).

Mas quem ficou com a maioria do partido na mão foi o sr. João Agripino, com quem se solidarizaram os outros 10 deputados estaduais, e os três federais (João Ursulo, Ernani Sátiro e Praxedes Pitanga).

O sr. Argemiro Figueiredo aderiu ao vice-governador em exercício, sr. Pedro Gondim, do PSD. O sr. João Agripino e seus amigos ficaram na oposição.

Este ano não haverá eleição para governador na Paraíba. O pleito será apenas para deputado federal e senador. O sr. João Agripino apoiará o sr. José Américo, numa frente UDN-PL. O sr. Argemiro Figueiredo mandará que seus amigos votem no sr. Rui Carneiro, para,

dois anos depois, cobrar o apoio peessedista à sua candidatura a governador.

Já o sr. José Américo, recebendo agora o apoio do sr. João Agripino para o Senado, ficará naturalmente obrigado a apoiá-lo para governador, daqui a dois anos.

Mudou assim por completo o xadrez político paraibano.

O sr. José Américo tem sido solicitado a dar uma palavra de definição. Prefere calar, no entanto. “Não falo a prestação. Quando chegar o momento próprio, direi tudo de uma vez”.

Chegou-se a noticiar que o sr. Argemiro Figueiredo entraria para o PTB. Ao que tudo indica, porém, ele ficará mesmo como dissidente da UDN. É que o PTB paraibano, além de ser um partido pequeníssimo, ainda tem duas alas: uma liderada pelo sr. Hermano Sá e outra pelo sr. Fernando Nóbrega.

O sr. Juraci Magalhães fez um apelo aos srs. Argemiro e Agripino para que evitassem a cisão. O sr. Argemiro Figueiredo já respondeu ao apelo, dizendo ao presidente da UDN, por telegrama, que “é impossível conviver com traidores”.

RECORDE DE MORTES NA CÂMARA

ESTA FOI A LEGISLATURA na qual morreram mais parlamentares. Faltava ainda um ano para que ela termine e já se contam nos dedos das duas mãos (10) os deputados mortos:

1. Eustáquio Gomes (UDN de Alagoas).
2. Walter Franco (UDN de Sergipe).
3. José Conde Sobral (PSD de Sergipe).
4. Sá Cavalcanti (PSD do Ceará).
5. Sílvio Sanson (PTB do Rio Grande do Sul).
6. Bartolomeu Lisandro (UDN do Estado do Rio).
7. Machado Sobrinho (PTB de Minas Gerais).
8. Artur Bernardes (PR de Minas).
9. Martins Fernandes (UDN do Rio Grande do Norte).
10. Coaraci Nunes (PSD do Amapá).

BIAS NÃO DESISTIU DE PACIFICAR

O SR. BIAS FORTES ainda não desistiu da pacificação. Um de seus últimos passos foi procurar uma entrevista com o sr. Juraci Magalhães.

O presidente da UDN disse-lhe que o seu partido nada tinha a modificar-se em matéria de conduta política. A oposição opunha-se. Ao governo cabia governar.

Se o governo achava necessário que a oposição não se opusesse tanto, devia en-

tão dar mostras de boa-vontade e transigência, começando por libertar o rádio e a televisão. Enquanto isso não fosse feito, os opbsicionistas não poderiam diminuir a intensidade do seu combate: muitos deles não tinham acesso livre aos microfones das rádios e às tevês.

O sr. Bias Fortes parece que ficou muito impressionado com a argumentação do senador Juraci Magalhães. E saiu do encontro com o presidente da UDN para dizer aos jornais que é favorável à libertação da TV e do rádio.

PDC: RECEITA PARA ESCOLHER CANDIDATOS

DEPOIS DO GENERAL Juarez Távora, o PDC está querendo incluir em sua legenda os srs. Alim Pedro (ex-prefeito do Rio) e Geraldo Menezes Côrtes (ex-chefe de Polícia), elementos naturalmente ligados à UDN. E mais: só espera o desfecho, na UDN carioca, do caso dos vereadores Gladstone Chaves de Melo e Wilson Leite Passos, para recolher também o sr. Gladstone e seus amigos, que deixariam o partido.

* * *

O jereré foi inventado pelos pescadores nordestinos para pescar siris e certos mariscos, quando passam na beira da maré. É uma rede (malha) em forma de saco, com um cabo. O pescador fica parado perto da arebentação, de jereré em punho e, quando passa o marisco ou o siri, baixa a rede, com a boca voltada para o bichinho — pescou-o.

* * *

O PDC está sendo chamado “partido do jereré”.

JANGO TENTA PASSAR DE PATO A GANSO

AGRAVOU-SE MUITO, nos últimos dias, a luta surda entre os srs. Amaral Peixoto e João Goulart. O almirante foi para os Estados Unidos e, na sua ausência, o vice-presidente (que iniciara a tarefa de fortalecer o PTB, para tomar o lugar do PSD, logo após a morte de Vargas) entrou em sua própria casa de candidatura Roberto Silveira a tiracolo. Agora esta candidatura está pondo em perigo os planos amaralistas visando ao Palácio do Ingá. Mas o sr. Amaral Peixoto já entrou na casa do sr. João Goulart e está coordenando abertamente a candidatura Perachi Barcelos ao governo gaúcho, tentando ganhar para esta o apoio presidencial, até agora com o sr. Leonel Brizola.

A luta do sr. Amaral Peixoto contra o sr. João Goulart começou muito antes da morte de Vargas e foi dona Alzira Vargas



O PRESIDENTE não sabe para que serve a bandeira.

quem percebeu os esforços do então jovem estancieiro de São Borja para tornar-se o preferido do então presidente. E foi ela quem, há muitos anos (em vão) fez esta advertência ao marido:

— Olha que o Jango está querendo passar de pato a ganso.

• • •

São as seguintes as duas chapas que concorrerão às eleições de outubro, no Ceará:

1 — Para governador — Virgílio Távora (UDN); para vice-governador — Gomes de Freitas (PTB); para senador — Olavo Oliveira (PSP); para prefeito de Fortaleza — Flávio Marcílio (PTB).

2 — Para governador — Parsifal Barroso (PTB); para vice-governador — Wilson Gonçalves (PSD); para senador — Menezes Pimentel (PSD); para prefeito de Fortaleza — Valdemar Alcântara (PSD).

Observação: o PTB está em tôdas.

• • •

O PTB até agora tem apenas um governador: o excêntrico sr. Plínio Coelho — porque o ainda mais excêntrico sr. Jânio Quadros não pode ser considerado, até o momento, propriamente um governador petebista. E pretende eleger em outubro mais os seguintes: Parsifal Barroso (Ceará), Gilberto Mestrinho (Amazonas), Dermeval Lobão (Piauí), Barros de Carvalho (Pernambuco), Rômulo Almeida (Bahia), Floriano Rubim (Espírito Santo), Roberto Silveira (Estado do Rio), Renato Costa Lima (São Paulo) e Leonel Brizola (Rio Grande do Sul).

• • •

Para serem ou escolherem os candidatos do PSD aos governos de seus Estados, estão brigando os seguintes possedistas:

Em Santa Catarina — Leoberto Leal & Nereu Ramos.

Na Bahia — Antônio Balbino & Vieira de Melo.

Em Pernambuco — Etelvino Lins & Jarbas Maranhão.

Em Minas — Tancredo Neves & José Maria Alkmim.

Em São Paulo — Horácio Láfer & Ulisses Guimarães.

Em Goiás — Pedro Ludovico & José Ludovico.

VAI PAGAR MULTA O PRESIDENTE

O PRESIDENTE DA REPÚBLICA terá (provavelmente) de pagar multa de 100 a 500 cruzeiros por ter infringido o decreto sobre o uso da Bandeira Nacional. Segundo o decreto-lei n. 4545, de 31 de julho de 1942, a Bandeira não pode (artigo 4) ser usada como reposteiro ou pano de boca, guarnição de mesa ou revestimento de tribuna, cobertura de placas, painéis ou monumentos a serem inaugurados.

A representação contra o presidente, assinada pelo advogado paraibano Pessoa Lima, junta uma foto do sr. Kubitschek quando inaugurava o aeroporto de Guararapes, em Recife, retirando a Bandeira Nacional de cima da nova estação de passageiros.

ESTADOS: OS QUE JÁ SÃO CANDIDATOS

MUITAS CANDIDATURAS já estão praticamente lançadas aos governos dos 11 Estados onde haverá renovação de governadores em 3 de outubro.

Algumas não irão até lá. Outras, porém, já têm caráter definitivo e sobreviverão.

Ei-las:

AMAZONAS — Gilberto Mestrinho (PTB). Paulo Nery (UDN-PSD).

PIAUI — Marcos Parente (UDN-PSP). Sigefredo Pacheco (PSD-PTB).

CEARÁ — Virgílio Távora (UDN-PSP-PR). Parsifal Barroso (PTB-PSD).

PERNAMBUCO — Apolônio Sales (PSD). Barros Carvalho (PTB). Jarbas Maranhão (PSD dissidente).

SERGIPE — Leite Neto (PSD-PR).

BAHIA — Vieira de Melo (PSD). Hélio Machado (PDC).

ESP. SANTO — Carlos Linderberg (PSD). Floriano Rubim (PTB-UDN-PR).

SÃO PAULO — Carvalho Pinto (UDN-PDC). Ademar de Barros (PSP). Ulisses Guimarães (PSD). Moura Andrade (sem legenda).

EST. DO RIO — Amaral Peixoto (PSD). Roberto Silveira (PTB).

R. G. DO SUL — Perachi Barcelos (PSD-UDN-PL-PSP). Leonel Brizola (PTB-PRP).

GOIÁS — Pedro Ludovico (PSD). Emival Caiado (UDN-PSP).

O SEGRÊDO DA PRORROGAÇÃO

CONTINUA o jogo misterioso da prorrogação dos mandatos. E o mistério começa aqui: defendeu a prorrogação o sr. Antônio Horácio, que, mais tarde, retirou a sua emenda. Surgiu a emenda do sr. Esmerino Arruda, com a tentativa do plebiscito. A Comissão Especial designada pela Câmara deu parecer contrário. Deputados de todos os partidos manifestaram opinião contrária à prorrogação. O sr. Vieira de Melo, líder da Maioria, anuncia reuniões de seus comandados para "mobilizar forças contra a prorrogação". Os partidos são contra. Os ministros também. Tudo isto dá a impressão de que, submetida a matéria à votação, terá o voto do sr. Arruda e pouco mais, contra a maioria maciça.

MAS, É ENGANO. E vemos logo por este dado: por que a emenda, tão combatida, tão condenada, tão malsinada, tem resistido, e até conseguiu ser incluída como objeto de deliberação da convocação extraordinária, contra expressa disposição regimental?

É QUE A PRORROGAÇÃO que se pretende não é a dos mandatos parlamentares, mas a do mandato do Presidente da República.

QUEM SE LEMBRA daquela estranha entrevista do sr. Tancredo Neves, há um ano, pregando a reforma da Constituição para permitir a reeleição do presidente da República? A tese encontrou, na hora, muitas restrições. Veio, depois, o movimento prorrogacionista.

O PLANO envolve duas táticas. A primeira visa a obter o apoio geral dos partidos, da opinião pública, das forças armadas, para a idéia da coincidência dos mandatos. E para isto não há grandes dificuldades. Salvo manifestações isoladas, os partidos consideram indispensável fazer coincidir os pleitos, cada vez mais onerosos. Há Estados em que quase todo ano há uma eleição: para prefeitos, vereadores, deputados estaduais e federais, e governadores. O general Lott também é pela coincidência. As restrições começam quando se examina o meio de alcançar essa coincidência, pois, há uma generalizada oposição à prorrogação dos mandatos atuais de deputados e senadores, e a fórmula Nereu, inspirada pelo sr. San-

Tiago Dantas, de um mandato de 2 anos, também não encontrou boa acolhida. O sr. Capanema elabora fórmulas novas, entre dificuldades e divergências. De todo esse desencontro de opiniões, propositadamente alimentado, restarão duas consequências:

1. apoio geral à idéia da coincidência dos mandatos, como meio de evitar a repetição de eleições muito caras;
2. a desmoralização da emenda da prorrogação dos mandatos parlamentares, que, assim, decidiriam em causa própria.

Aí **COMEÇA** a execução da segunda tática já anunciada muito significativamente, pelo presidente da Assembléia Legislativa de Minas: é necessária, justa, oportuna, a coincidência dos mandatos? Não devem ser prorrogados os mandatos de deputados e senadores? Então, prorrogamos os mandatos do presidente da República e dos governadores até o término dos mandatos parlamentares que se vão renovar em outubro. Serão, apenas, dois anos, e haverá a coincidência desejada.

LANÇADA A IDÉIA, a que não poderíamos chamar de gratuita, resta ver como se comportam os partidos, as forças armadas, a opinião pública.

ARGUMENTOS FAVORÁVEIS: 1. alcança-se a coincidência; 2. pode eventualmente obter o apoio de alguns os governadores, dos diversos partidos, cujos mandatos terminam este ano; 3. não pode a emenda ser considerada imoral, pois, será votada pelo Congresso em favor de outros, e não a favor de seus membros; 4. permitirá ao sr. Juscelino Kubitschek completar certas obras do seu governo, inclusive Brasília. (E teremos, agora, um mês de propaganda intensiva, 5 estações de televisão, 452 estações de rádio, cartazes por todas as ruas do Brasil, imprensa, etc.)

PODERÃO DIZER que estamos vendo fantasmas. E pode, eventualmente, ocorrer que o plano não chegue às suas últimas consequências. Mas, está em execução. Seus promotores sabem como devem chegar ao encontro marcado com as suas ambições insaciáveis.

E desgraçados daqueles que teimam em subestimar o adversário, principalmente quando esse adversário sabe fazer coincidir mandatos... e interesses...

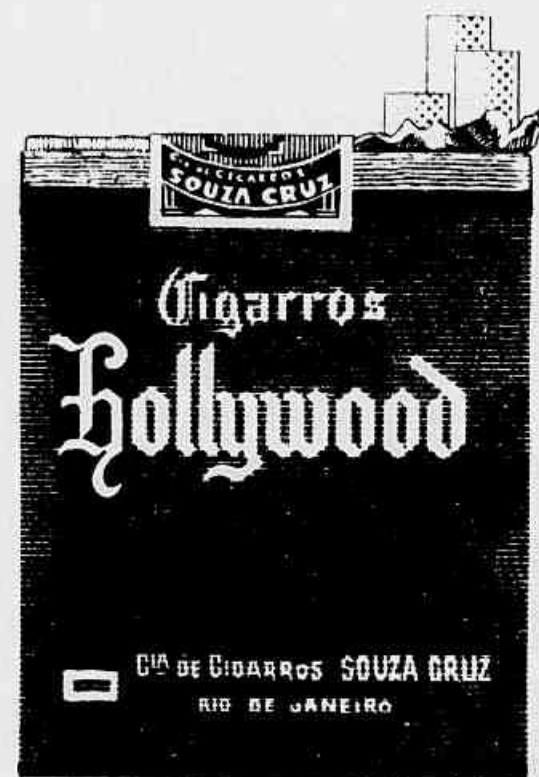
ALUIZIO ALVES

raros de sol brilham na reiva...

o céu parece mais azul...

há mais beleza em toda parte...

nós dois e



uma
tradição
de bom
gosto

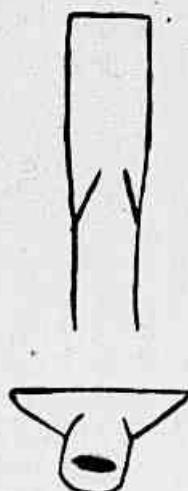
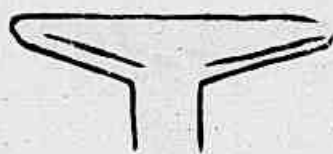
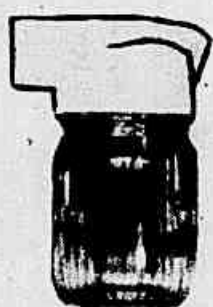
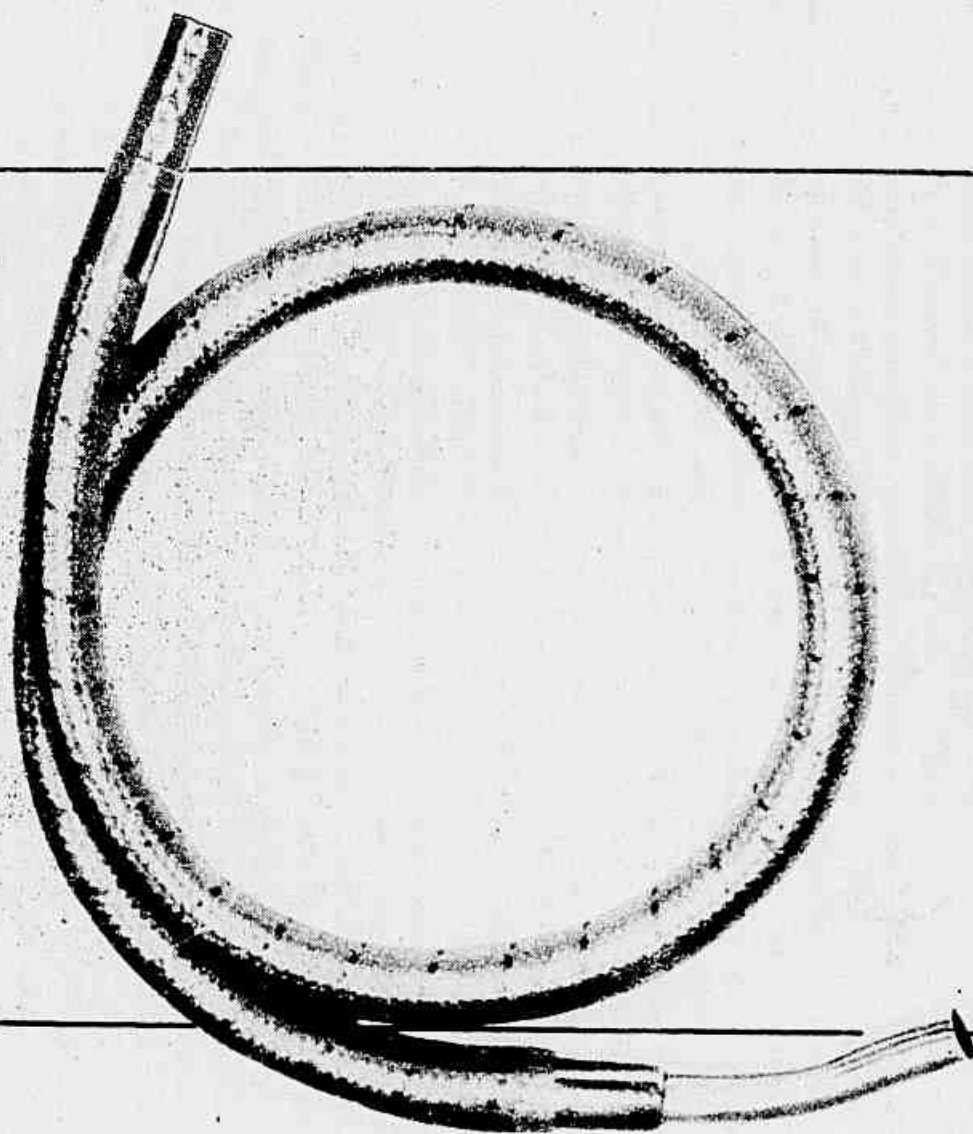
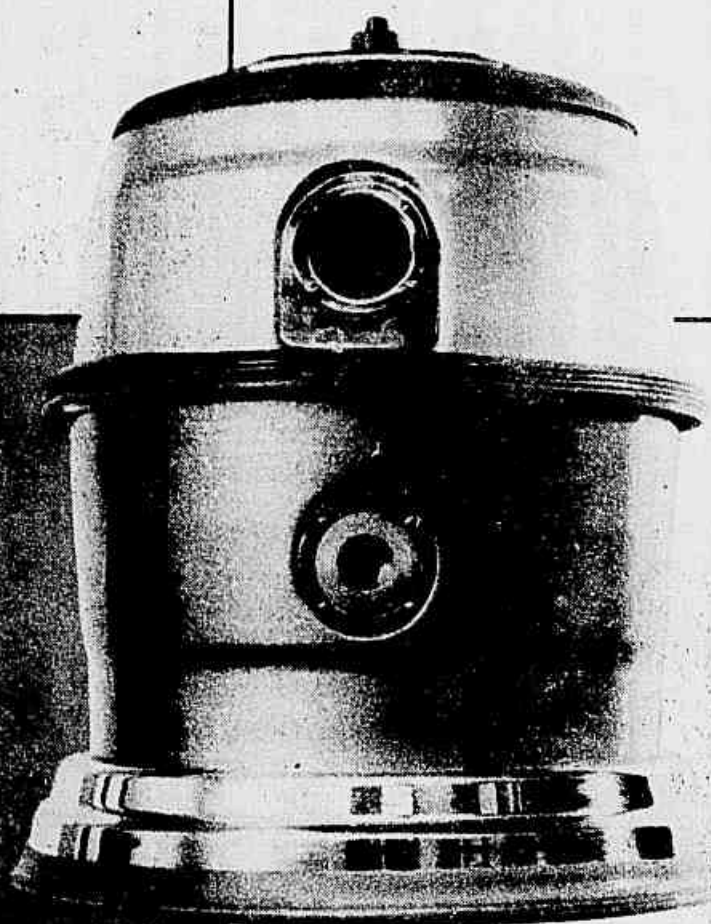




MANTÉM A LINHA DE SUA TRADIÇÃO

Novo aspirador de pó vertical EPEL

Modelo 58



NOVO

MODERNO

REVOLUCIONÁRIO

Corpo Vertical
Ocupa menos espaço
fácil locomoção, corre sôbre rodas
guarda os acessórios dentro do próprio aparelho
acessórios de borracha

**EPEL S/A. – Indústria e Comércio
de Aparelhos Elétricos**

S. PAULO — Rua da Consolação, 59 — fones
35-8531 e 33-1724 — Em frente a Biblioteca
Municipal

RIO DE JANEIRO — Rua México, 41 — 2º andar
sala 207 — Fone 52-5416

